

Herculano Pires

Revisão do Cristianismo



Frederic Church - Aurora Boreal



Conteúdo resumido

Nesta obra Herculano nos oferece uma visão histórica do fenômeno cristão e de suas dimensões espirituais, com base nas pesquisas universitárias de suas origens e do seu desenvolvimento na era mitológica.

É um livro de estudo e não de polêmica. Propõe a revisão total do cristianismo atual como exigência irrevogável da Era cósmica em que estamos entrando.

Além disso, o autor procura reintegrar a figura de Jesus de Nazaré na sua verdadeira condição humana, demonstrando que ele era um homem real e não representa um agregado de mitos e símbolos, que figura na linha dos profetas de Israel. Esclarece, ainda, que Jesus não previu nem desejou a Igreja Cristã, que ele não foi um fundador de religião, nem mesmo um reformador religioso.

Sumário

Introdução	3
1 – A Descoberta do Cristo	4
2 – A Mitologia Cristã.....	8
3 – A Herança Mágica.....	16
4 – A Revelação	24
5 – O Culto Cristão	34
6 – O Olimpo Cristão	41
7 – Cristo e o Mundo.....	50
8 – A Desfiguração do Cristo.....	61
9 – Os Mandatários de Deus	69
10 – A Existência de Jesus	77
11 – A Razão do Mito	89
12 – O Mito da Razão	96
13 – Matéria, Mito e Antimatéria	108

Introdução

HÁ UM ABISMO entre o Cristo e o Cristianismo, tão grande quanto o abismo existente entre Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, nascido em Nazaré, na Galiléia, e Jesus Cristo, nascido da Constelação da Virgem, na Cidade do Rei Davi em Belém da Judéia, segundo o mito hebraico do Messias. Por isso a Civilização Cristã, nascida em sangue e em sangue alimentada, não possui o Espírito de Jesus, mas o corpo mitológico do Cristo, morto e exangue. Por isso o Padre Alta estabeleceu, em Paris, a diferença entre o Cristianismo do Cristo e o dos seus vigários. Não podemos condenar o processo histórico, que brotou, rude e impulsivo, das condições humanas de civilizações agrárias e pastoris, mas não é justo que o conservemos em nosso tempo de abertura para novas dimensões da realidade humana e da realidade cósmica.

O Mahatma Gandhi exclamou, ao ler os Evangelhos: “Como pôde uma árvore como esta dar os frutos que conhecemos?” Kalil Gibran Kalil viu Jesus de Nazaré encontrar-se com o Jesus dos Cristãos numa colina do Líbano, onde conversaram, e Jesus de Nazaré retirar-se murmurando: “Não podemos nos entender.” Melanchton assustou-se com a depuração da Reforma e perguntou a Lutero: “Se tiras tudo dos Cristãos, o que lhes pretendes dar?” Lutero respondeu: “Cristo.” As atuais Teologias da Morte de Deus, nascidas da loucura de Nietzsche, provam a razão de Lutero. A Nova Teologia do Padre Teilhard de Chardin oferece-nos os rumos da renovação. E o Papa João XXIII, um camponês que voltou ao campo, tentou limpar a seara. É tempo de compreendermos que Jesus de Nazaré não voltou das nuvens de Betânia, mas em espírito e verdade, para conduzir-nos a toda a Verdade Prometida.

O Autor

1

A Descoberta do Cristo

Na Galiléia dos Gentios, sob o domínio romano de Israel, as esperanças judaicas do Messias cumpriram-se de maneira estranha e decepcionante. Nasceu o menino Jesus em Nazaré, na extrema pobreza da casa de um carpinteiro, próximo à Decápolis impura, as dez cidades gregas que maculavam a pureza sagrada da terra que Iavé cedera ao seu povo. Era penoso para os judeus aceitarem esse desígnio do Senhor, que mais uma vez lhes impunha terrível humilhação. José, o carpinteiro, casara-se com uma jovem de família pobre e obscura, com pretensas ligações à linhagem de Davi. Jesus devia nascer em Belém de Judá, a Cidade do Rei cantor, poeta e aventureiro. E devia chamar-se Emmanuel segundo as profecias. Iavé certamente castigava os judeus pela infidelidade do seu povo, que deixara a águia romana pousar no Monte Sião. Toda a heróica tradição de Israel se afogava na traição à aliança divina da raça pura, do povo eleito, com o poder impuro de César.

A decepção dos judeus aumentava ante a desairosa situação social de José, velho e alquebrado artesão, casado com uma jovem que já lhe dera vários filhos. Jesus não gozava sequer das prerrogativas de primogênito. Herodes, o Grande, que se contentara, no ajuste com os romanos, a dominar apenas a Galiléia e além disso construía o seu palácio sobre a temível impureza das terras de um cemitério, tremeu ante esse novo desafio aos brios da raça e condenou os que aceitavam esse nascimento espúrio como sendo o do Messias de Israel. Era necessário, para sua própria segurança, desfazer esse engano. O menino intruso devia ser sacrificado, e para isso bastava recorrer às alegorias bíblicas e espalhar a lenda da matança dos inocentes. Nos tempos míticos em que se encontravam era comum tomar-se a Nuvem por Juno. Mas o menino, que nascera de maneira incomum, filho de família pobre (e por isso suspeita), cresceu revelando inteligência excepcional que provocava a admiração do povo. Submetido à sabatina ritual dos rabinos do Templo de Jerusalém, para

receber a bênção da virilidade, assombrara os doutores da Lei com o seu conhecimento precoce. Mas esse brilho fugaz era insuficiente para lhe garantir a fama messiânica. Logo mais ele se mostrava integrado na família humilde à condição inferior e aprendendo com o velho pai a profissão a que se dedicaria. Não obstante, para prevenção de dificuldades futuras, as raposas herodianas incumbiram-se de propalar a lenda da violação da honra conjugal de Maria pelo legionário Pantera. Com esse golpe decisivo, o perigo messiânico ficava definitivamente anulado.

Não seria possível que o povo aceitasse a qualificação messiânica para um bastardo.

Defendido pela humilhação da sua posição social e pelas próprias confusões que teciam a seu respeito, Jesus crescia e se preparava na obscuridade, para o cumprimento da sua missão. Quando se sentiu integrado na cultura hebraica, senhor das escrituras e das tradições da raça, iniciou as suas atividades públicas. Sua própria família então se revoltou contra o perigoso atrevimento daquele jovem delirante. Sua mãe e seus irmãos, como relatam os Evangelhos, tentaram fazê-lo voltar para casa e a oficina rústica do pai. Foi então que seu primo, João, o Batista, que já antecipara o seu trabalho messiânico, preparou-lhe as veredas da sua semente revolucionária. Na própria Galiléia, Jesus encontrou os seus primeiros discípulos. Homens humildes, mas cheios de fé, de esperança, dispuseram-se a segui-lo. Era difícil lutar com aqueles voluntários de uma causa cujo alcance não podiam compreender. Mas eram eles os companheiros e servidores com que podia contar. Suas atitudes claras e enérgicas, seus princípios racionais, desprovidos das superstições rituais da tradição, assustavam e muitas vezes aturdiavam aquelas almas sedentas de luz e de prodígios messiânicos. Sua popularidade cresceu rapidamente no seio de um povo que sofria com o jugo romano, a infiltração constante e irreprimível dos costumes pagãos nas classes dominantes, sob a complacência covarde de um rabinato embriagado pelos interesses imediatistas. Renasceram então as antigas lendas a seu respeito. Os que o aceitavam, levados pelas aspirações messiânicas, propalavam estórias absurdas sobre a sua infância e adolescência obscuras, com o

entusiasmo fanático da ignorância do clima mitológico da época. Os que a ele se opunham, atrelados ao carro dos interesses romanos e dos seus aliados judeus, ressuscitavam as lendas do seu nascimento vergonhoso e das suas relações secretas com Satanás e com ordens ocultistas mágicas, como a dos Essênios, geralmente temidas pelas atrocidades que praticavam em seus redutos indevassáveis.

A figura humana de Jesus de Nazaré, o jovem reformador do Judaísmo, que pregava o amor e a fraternidade entre os homens, ia rapidamente se transfigurando num mito contraditório, ora de semblante celeste e atitudes meigas, ora de rosto irado e chicote em punho. Os discípulos procuravam enquadrá-lo nas profecias bíblicas, certos da sua condição messiânica. A mentalidade mítica, profundamente diversa da mentalidade racional que ele encarnava, naquela fase de transição histórica e cultural, aceitava mais facilmente a profecia como realidade dos próprios fatos reais. O sentido de suas palavras, e até mesmo das expressões alegóricas, de que às vezes se servia, para se fazer mais compreensível, eram entendidas de maneiras diversas, segundo a capacidade de compreensão de certos indivíduos ou grupos. Esse é um processo de deformação bastante comum nos tempos de ignorância e que hoje se repete nos meios e regiões ainda não atingidos pelo progresso. Os fenômenos de fanatismo religioso e misticismo popular, ainda em nossos dias, revelam a mecânica emocional dessas estranhas e não raro bárbaras metamorfoses da interpretação popular de ensinamentos racionais e de fatos comuns transformados em acontecimentos misteriosos. Por exemplo: quando Jesus se comparava lucidamente ao cordeiro dos sacrifícios rituais no Templo, pois sabia que pagaria com sangue a sua audácia, os ouvintes entendiam que ele afirmava o poder mágico e redentor do seu sangue. Quando o Batista aludia ao símbolo de pureza da pomba branca, que descia sobre os que se batizavam, os ouvintes extasiados tinham a visão mental da pomba pairando sobre a cabeça do Messias. Mais tarde, na elaboração tardia dos textos evangélicos, em tempos e lugares diferentes, com os dados fornecidos pelas *logias* (anotações de apóstolos e discípulos) ou mesmo de informações orais deturpadas pelo tempo,

transfiguradas pelo sentimento de veneração que crescera através dos anos, os elementos míticos se infiltravam no relato, amoldando a realidade distante às condições mitológicas da época.

Assim se forjou, naturalmente, no processo sócio-cultural submetido às condições da evolução histórica, a Nova Mitologia do Cristianismo, em que o próprio mito bíblico do Messias judeu foi coberto pela máscara grega do mito de Cristo. Os discípulos gregos de Jesus, por força da própria predominância da cultura grega sobre a hebraica, deram a Jesus um nome grego que ele jamais tivera, e que passaria a designar no futuro a sua doutrina. A redação dos Evangelhos em grego sancionaria esse processo, que se firmaria definitivamente na elaboração posterior da teologia cristã. A assimilação das doutrinas de Platão, por Santo Agostinho, e de Aristóteles por São Tomás de Aquino, dariam a última demão no edifício grego do Cristianismo. O Evangelho de João, último a ser escrito, adotando de início o mito grego do Verbo, herdado da cultura egípcia, é uma das provas mais flagrantes dessa helenização do Cristianismo.

Os estudos e as pesquisas de tipo universitário, independentes da Igreja, desde Renan a Guignebert, paralelamente com as pesquisas e estudos espíritas, promoveram em nosso tempo, a partir de meados do Século 19, a revisão universal do Cristianismo. Renan e Kardec iniciaram essa revisão na mesma época, na segunda metade do século passado, tendo Kardec uma precedência de dez anos e pouco sobre Renan no trato do assunto. Em “Obras Póstumas”, de Kardec, os espíritos avisam este que o livro de Renan o ajudará na difícil tarefa de restabelecer a verdade sobre o Cristianismo.

2

A Mitologia Cristã

O mito é um arquétipo. Não é uma ilusão, uma mentira, mas uma realidade interna da alma, que se projeta na realidade externa. Nasce das experiências passadas do espírito e se encarna nas experiências presentes. Sua lei não é a metamorfose, como quer Untesteiner, mas a fusão. O mito bíblico: “O Espírito de Deus flutuava sobre as águas” oferece-nos uma visão dialética do processo mítico, segundo a teoria platônica da reminiscência. A idéia inata de Deus, no homem, é a do Ser Perfeito de Descartes, que não vem de nenhuma experiência concreta, mas de uma intuição necessariamente anímica. A alma intui, pela necessidade de sua própria transcendência, a existência do Ser Perfeito (por isso mesmo absoluto) e ao encarnar-se na imperfeição humana procura também encarnar essa idéia na realidade objetiva. Essa é a lei de adoração, revelada por Kardec. A existência interna é projetada no exterior e encarnada, pela imaginação, no objeto pregnante da visão gestáltica do mundo. Estabelece-se a fusão da idéia com um objeto real: uma rocha, uma montanha, uma árvore ou bosque, um animal que passa à condição de sagrado, um homem poderoso. Numa fase avançada, a idéia do espírito (percepção da essência humana) substitui os objetos concretos. Deus então aparece como a projeção do próprio homem na transcendência, flutuando sobre as águas, elemento gerador de todas as coisas e seres.

A lei do mito se torna clara nesse processo. A idéia íntima e pura de Deus se funde com o objeto exterior e impuro, imperfeito; que nessa fusão se torna puro e perfeito. Toda a mecânica do Sagrado se revela nessa metamorfose, que é consequência e não causa do processo mitológico. A imaginação criou uma realidade nova no plano do concreto, pela projeção da alma nas coisas. O estudo do animismo nos povos primitivos e nas crianças mostramos como o poder criador do homem povoou o mundo de mitos que lhe permitiram compreender e estruturar a realidade exterior para poder dominá-la. Na reciprocidade dialética, esses mitos

acabaram dominando o homem, protegendo, dando-lhe segurança e controlando o seu comportamento na relação com os objetos e os seres do mundo.

O Materialismo exclusivista, como o de Feurbach e de Marx e Engels, ficando apenas no plano fenomênico, só podia interpretar esse processo como simples ideiação, pela qual o homem criava Deus, projetando-se a si mesmo na figuração de Deus. Herbert Spencer foi o primeiro, como acentuou Ernesto Bozzano, a perceber e provar que os mitos nascem da realidade objetiva, mas não percebeu que tomava os efeitos pela causa. Por trás dos fatos reais está a mola oculta das causas espirituais. O homem não criou os deuses ou Deus, mas descobriu em si mesmo o arquétipo do Ser Perfeito e projetou-o na realidade objetiva por necessidade anímica, lógica e ontológica. Os mitos se revelam, assim, como uma supra-realidade, mais real do que o real, porque a lei de fusão permite ao homem dar ao real objetivo a quarta-dimensão da realidade subjetiva. Para o homem dos tempos mitológicos, o mito aparece como realidade e o real como simples matéria que serve para moldar-se a realidade do mundo. Não é de admirar que os homens daqueles tempos dessem preferência aos mitos, desprezando o histórico. Para os cristãos da era apostólica, Jesus tinha nascido realmente em Belém de Judá e não em Nazaré, pois a profecia bíblica assim prescrevia e assim teria de ser. Toda a mitologia dos Evangelhos está impregnada dessa magia do mito e por isso nos enternece com a sua beleza e o seu encanto. Kardec foi o primeiro a ter a coragem de submeter o Evangelho (no sentido global do termo) às divisões necessárias, para separar do texto, dividido em cinco partes, o ensino moral de Jesus. Esse ensino é que realmente nos oferece a concepção cristã do mundo e do homem. E nele Jesus não aparece como um taumaturgo místico ou um semideus, a pessoa de Deus no mundo ou a encarnação do Verbo, mas como o ser na existência, o homem no mundo (não do mundo) da expressão kardeciana, o homem que traz consigo a mais perfeita idéia de Deus e por isso se encarnou, para transferi-la aos homens como homem. O mito do Cristo e do Verbo surgem como conotações naturais das mitologias antigas, particularmente a

egípcia, a grega e a romana, a judaica e a cristã, para a elaboração lenta e progressiva da Teologia Cristã, que, devia produzir, como produziu, o espantoso sincretismo religioso que deu forma ritualística e litúrgica à Igreja Cristã, para que ela pudesse, em nome dos mitos assimilados, domar o potro selvagem do mundo e instalar na Terra o Reino de Deus. O mito da Trindade, provindo das grandes religiões da Antigüidade – como vemos na trindade egípcia formada por Osíris, Isis e Horus – deu-lhe a possibilidade de incluir o Cristo na Mitologia Cristã como a segunda pessoa de Deus, de maneira que a Igreja, fundada pelo Cristo segundo a interpretação católico-romana, podia se apresentar como instituição divina do próprio Deus em pessoa. O milênio Medieval provou a eficácia desse sofisma. As ordenações da Igreja revestiram-se de conteúdo divino e os próprios anjos passaram à condição inferior à dos homens, pois não podiam perdoar pecados, como os sacerdotes católicos. Daí a rebelião dos anjos contra Deus, dando lugar à inclusão do mito do Diabo no Cristianismo. A partir do quarto século da Era Cristã, a Igreja absorveu a estrutura formal da Igreja Judaica, as aras e os sacramentos de várias religiões pagãs, suas vestes sacerdotais e paramentos para celebrações rituais, instrumentos sagrados do culto e converteu as imagens dos deuses gregos e romanos em imagens dos santos e anjos, dando dimensões universais ao culto local e humilde das assembléias cristãs primitivas. O templo de Jerusalém, com sua guarda armada e seu mercado de elementos rituais, animais para os sacrifícios, ervas para a queima em honra a Iavé, bancas de cambistas e assim por diante, teve sua réplica nas instalações suntuosas do Vaticano (um Estado Teológico) e a cadeira de Moisés foi substituída pela Cátedra de São Pedro, o rude pescador do lago de Genesaré.

O mercado mundial de indulgências chegou a tal expansão que levou a consciência de Lutero a rebelar-se e promover o movimento da Reforma, com o objetivo declarado de volta a Cristo. O Cristianismo do Cristo desapareceu na política da Igreja, só restou o Cristianismo dos seus vigários, como diria em Paris o Padre Alta, no século passado, nos famosos sermões que lhe custaram a excomunhão. São Francisco de Assis, um santo

que dispensava a canonização, deu a sua vida para forçar a Igreja a retornar a Cristo. E todas as grandes figuras da Igreja, homens e mulheres, que tiveram olhos para ver a desfiguração do Cristianismo foram alijadas do seio da Santa Madre. Apesar de tudo isso, ou talvez por tudo isso, o Cristianismo conseguiu, como o fermento da parábola, infiltrar-se no mundo e levedar, embora apenas em parte, a massa do mundo. Os princípios do ensino moral de Jesus, mesmo apresentados em invólucros adulterados ou na interpretação dogmática dos vigários – a leitura dos textos evangélicos e bíblicos era privativo dos clérigos e só eles podiam dizer o que os textos ensinavam – e apesar disso esses textos produziram transformações fundamentais no plano sócio-cultural. Mas nem por isso o Cristianismo conseguiu vencer a asfixia dos poderes combinados do mundo, o religioso e o político, ambos assentados na sólida base da ignorância generalizada e acionados pela força convincente do dinheiro. O Templo de Jerusalém e o Capitólio se fundiram na imagem única do Vaticano, que restabelecia, no mundo dominado pelos bárbaros, atemorizado ante o poder das hordas que abateram Roma e Bizâncio, as estruturas políticas e sociais do Império Romano.

Apesar de tudo isso, e talvez por tudo isso, como dissemos acima, o Cristianismo triunfou, pois a realidade do mundo não é uma construção gratuita dos poderes divinos, mas uma construção dolorosa e lenta em que as mãos dos homens devem sangrar no penoso desenvolvimento do processo histórico. As transformações possíveis foram feitas, na medida em que os homens do poder e as massas ignorantes e supersticiosas adquiriam experiências novas e novas perspectivas culturais. Por isso, o quadro que esquematizamos acima não representa um ataque à Igreja ou uma crítica ditada por sectarismo ou anti-clericalismo sistemático. A realidade histórica foi essa – e não podia ser outra – dadas as condições culturais da época. Os homens são o que são, e não o que deviam ser, em cada fase da evolução terrena, e gozam sempre da jurisdição de si mesmos, para que possam, no uso de seu livre-arbítrio, desenvolver a consciência de suas responsabilidades intransferíveis. Os fatos não se desenrolam ao acaso, mas na seqüência orgânica do crescimento, como queria Spencer. Os

limites do poder humano não são arbitrários, nem sujeitos a intervenções abruptas do poder divino, mas condicionados pelas leis da evolução social, moral e cultural. O próprio Cristo previra isso e anunciara, como se vê de maneira mais clara no Evangelho de João, a deformação dos seus ensinamentos e a necessidade do seu restabelecimento do futuro. A promessa do Espírito da Verdade, formulada nos textos evangélicos, na linguagem mística da época, nem por isso deixa de ser incisiva e racional. O Espírito da Verdade não é uma entidade definida, uma criatura humana ou espiritual, mas simplesmente a essência do ensino de Jesus, que se restabeleceria através dos homens que mais rapidamente se aproximassem da sua verdadeira compreensão. “Eu enviarei o Espírito da Verdade – disse o Mestre – que restabelecerá todas as coisas, ficará eternamente convosco e vos conduzirá a toda a Verdade”. Nessa breve síntese da promessa registrada nos textos vemos nitidamente que a visão do Mestre abrangia todo o panorama das transformações históricas de um longo futuro. Reconhecendo, porém, as condições do processo histórico, não podemos negar a responsabilidade dos homens que nele atuaram desta ou daquela forma, dirigidos não só pelas leis do processo mas também pelas leis de suas próprias consciências. Disto resulta que a responsabilidade individual, acumulada na estrutura da Igreja – construída, mantida e dirigida por homens – determina a responsabilidade institucional da Igreja na deformação quase total do Cristianismo. Isso reconheceu o Papa João XXIII ao assumir a Cátedra de São Pedro, pedindo desculpas ao mundo pelos erros cometidos pela Instituição ao longo de quase dois mil anos. A figura comovente desse Papa camponês, de boa cepa italiana, que no crepúsculo da existência conseguiu lançar o movimento ecumênico e desencadear as reformas necessárias à adaptação da Igreja aos novos tempos, simboliza a tomada de consciência do poder eclesiástico pelas responsabilidades pesadíssimas que assumiu perante o mundo.

A Mitologia Cristã sofreu o impacto dessas mudanças, das quais resultou até mesmo uma espécie de expurgo no ageológico católico, segundo o modelo dos expurgos políticos da atualidade.

O que expusemos até aqui parece suficiente para mostrar que ainda não atingimos os lindes da Civilização Cristã, de que tanto nos blasonamos. O Cristianismo oficial das Igrejas Cristãs, construído e desenvolvido com elementos estranhos à essência do Cristianismo, muitos deles francamente contraditórios aos princípios evangélicos, não é mais do que uma caricatura do Cristianismo pregado por Jesus de Nazaré. A mais chocante contradição ressalta da transformação da figura humana de Jesus num mito greco-hebraico, com todo o forte colorido da tragédia grega e da crueldade romana, sem faltar as pinceladas do sadismo egípcio (o mito de Osíris) e do masoquismo judeu no quadro da Paixão. Com essa mistura de cores, o painel cristão que herdamos em nossa civilização só teria de resultar no masoquismo eclesiástico dos cilícios, das mortificações, das deformações da personalidade humana, da supressão dos direitos e deveres genéticos dos clérigos e da condenação do sexo, deformado em sua significação divina de fonte renovadora da vida, abastardado pelo conceito de impureza e pecado. A lei bíblica do “crescei e multiplicai-vos” foi revogada pela imposição do celibato forçado e antinatural, que acabou na licenciosidade pagã praticada intramuros, no renascimento inevitável da hipocrisia farisaica veementemente condenada por Jesus. O complexo místico-sexual foi o produto principal dessa deformação da condição humana, que gerou por toda parte os dramas e as tragédias da abstinência forçada, naturalmente revertida em licenciosidade tolerada, como se pode ver com assombro nas investigações históricas independentes sobre o problema sexual no meio eclesiástico.

Essa batalha inglória começou nos tempos apostólicos, como se pode ver pelas epístolas de Paulo, particularmente as dirigidas aos coríntios, nas quais o fervor místico do Apóstolo dos Gentios deixou gravada a sua indignação contra a libertinagem na Igreja de Corinto. Era natural que a passagem forçada da libertinagem pagã para o excessivo puritanismo cristão (já nesse tempo contrário à tolerância de Jesus, compreensiva e humana, para com as mulheres prevaricadoras). Paulo, de temperamento fanático e formação judaica, não obstante revelar a mais ampla compreensão dos ensinamentos de Jesus, não conseguiu livrar-se do horror

judaico ao sexo. A Igreja teve tempo de sobra, a partir desse engano de Paulo, para reexaminar a questão e reformulá-la em termos equilibrados. Mas, ao invés disso, referendou o dogma da castidade para o Ocidente e permitiu, contraditoriamente, o casamento dos clérigos no Oriente. Dois pesos e duas medidas numa questão vital para a Igreja e o mundo.

A proibição autoritária e absoluta provoca sempre a insubordinação, a lei absurda traz em si mesma os germes da infração. O complexo místico-sexual promovido pela Igreja em escala mundial, no plano melindroso das leis biológicas, desencadeou um dos mais obscuros processos de manifestações psicopatológicas, em que o êxtase místico se mistura com o êxtase sensorial, produzindo os mais graves distúrbios com que até hoje se defronta a Medicina, impotente ante a voragem das múltiplas fascinações dos instintos reprimidos. O Cristianismo é hoje acusado de responsável pelo falso puritanismo que dominou as nações cristãs, como no caso da era vitoriana na Inglaterra, e da conseqüente explosão da libertinagem moderna, que tem suas raízes amargas na revolta satânica dos libertinos medievais. A grandeza do Cristianismo naufragou no mar de lama da falsa moral puritana. A moral endógena do Cristo, que brota das fontes naturais da pureza espiritual, transfigurou-se às avessas na moral exógena das exigências institucionais da Igreja, falsamente adotadas pela moral social, numa tentativa hipócrita de nivelamento dos mais diversos graus da evolução moral dos homens. Essa evolução corresponde à espiritualização, que é individual, dependendo das condições pessoais de cada um, das tendências temperamentais que se harmonizam com as heranças genéticas. As elevadas aspirações da alma se chocam diferentemente, em cada indivíduo, com as exigências biológicas da espécie. Uns trazem a tendência mística predominante, outros o impulso vital incoercível. Entre esses extremos há numerosas situações intermediárias. O nivelamento, contrário às especificações tipológicas naturais, é simplesmente impossível. Querer inverter essa estrutura psico-biológica através de votos, juramentos, rituais e outras medidas exteriores é provocar conflitos imprevisíveis, que podem levar o indivíduo a desequilíbrios profundos. Jesus jamais

condenou alguém a abstinências forçadas ou a cilícios masoquistas. De onde tirou o Cristianismo essas medidas irracionais? Da cabeça nebulosa dos teólogos, esses doutores do absurdo, imaginários pesquisadores de Deus que chegam agora à conclusão, através da moderna Teologia Radical da Morte de Deus e outras correntes teológicas paralelas, de que Deus morreu e foi enterrado, como queria o louco de Nietzsche. A Teologia Natural, que nasce da consciência humana em busca de Deus, é uma atividade filosófica necessária, que Jesus procurou despertar nos homens. Mas a chamada Teologia Positiva, que fabrica doutores providos de sabedoria infusa, não passa de quixotada pretensiosa nascida do fígado de Prometeu, que, devorado pelos abutres do Cáucaso do Céu, não pode ser roubado por ninguém, porque não é fogo, mas luz difusa que ninguém consegue colher nas mãos em concha ou nas garras ansiosas de poder e prestígio.

A Teologia Cristã nasceu em Éfeso, onde o Apóstolo João bebeu, já na velhice, alguns elementos da Filosofia judaica de Filon de Alexandria. Para desenvolvê-la, Agostinho e Aquino tiveram de abeberar-se em Platão e Aristóteles. Os neoplatônicos, a partir de Plotino, deram também sua contribuição aos teólogos. Desse sincretismo filosófico, na mesma pauta do sincretismo mítico e religioso a que já aludimos, saiu a Doutrina da Igreja. Onde ficou o Cristo? Numa posição intermediária do mito irracional da Trindade, dando origem a toda a Mitologia Cristã. Transformado em parte intrínseca de Deus, Jesus de Nazaré perdeu a sua personalidade própria, ensanduichado entre Deus e o Espírito Santo. O Deus uno de Jesus, o Pai, cuja concepção simples e clara abalou o mundo antigo e revelou a fraternidade universal dos povos e das raças, fragmentou-se em três pessoas, o que vale dizer em três deuses, iniciando a hierarquia da Igreja, que se prolongaria indefinidamente no tempo. Irracional em sua concepção sincrética e em sua estrutura, deformadora em sua visão do Cristo como homem e mito, a Trindade erigiu-se no mais profundo mistério da Teologia Cristã. Não se pode explicá-la. O Cristo revelador tornou-se agnóstico.

3

A Herança Mágica

A Trindade, como já vimos, é uma constante nas religiões antigas. Sua relação com a magia dos números é evidente. Pitágoras considerava o número 1 como o princípio de todas as coisas. Imóvel no Inefável, o número 1 era preexistente a tudo quanto iria existir. Súbito, sem que se possa saber como nem porque, o número 1 estremeceu. Nesse movimento misterioso projetou a sua imagem de um lado, dando origem ao número 2, e logo a seguir de outro lado formando o número 3. Continuando o estremecimento, do número 3 saíram os demais, completando a década. O número 10 completou a magia matemática da criação do Universo com todas as coisas e todos os seres. Restaria saber como surgira no Inefável o hierático número 1, fonte de toda a realidade, mas isso é um mistério. No Cristianismo o número 3 tomou a forma antropológica de três pessoas distintas num só Deus verdadeiro. O dogma foi aprovado no Concílio de Nicéia, no ano 325 depois de Cristo, contra a doutrina de Ario, que estabelecia a subordinação das pessoas (o filho subordinado ao pai) sem considerar a terceira pessoa. Como se vê, o prestígio do número 3 prevaleceu. São Tomás definiu a relação das três pessoas distintas em forma de relações humanas, e identificou-as numa substância única. A trindade matemática de Pitágoras, à maneira das trindades egípcia e induísta, convertia-se num mito antropológico. Nos últimos tempos da Escolástica, Ockam considerou esse dogma como inacessível a qualquer forma de entendimento. Essas pesadas cargas mágicas, expressas em fórmulas que são verdadeiros jogos de palavras, contaminariam toda a liturgia cristã, na adaptação progressiva de quase todos os ritos das civilizações agrárias e pastoris. O desenvolvimento da razão na Idade Média e o conseqüente aprimoramento da linguagem favoreciam a criação de novas e mais complexas formas para os ritos antigos e os complementava com explicações sibilinas, dando ao povo a impressão de ordenações divinas recebidas pelos teólogos e os servos de Deus, padres, frades e

freiras, na penumbra colorida dos vitrais das naves sagradas ou no silêncio místico dos mosteiros e das celas dos conventos. Praticamente, podemos dizer que os humildes servos do Senhor se inflaram de vaidade divina, perdendo-se nas teias de palavras e raciocínios sofisticados (na verdade sofisticos) sobre questões que estavam muito além das suas possibilidades de conhecimento. A magia das palavras socorria a escassez do saber. O mito do Verbo se impunha, e o próprio Cristo foi transformado em mito que se encarnara para redimir a humanidade pecadora com o seu sangue derramado no suplício infamante da cruz. A própria cruz os santificava, como símbolo de redenção, e o martírio do Justo se perpetuava na idolatria da crucificação. E aí daqueles que se opusessem à fé em Cristo Crucificado, pois cometeriam o crime sem perdão de querer penetrar os mistérios sagrados. O problema do sagrado e do profano, que para Jesus não existia, pois ele violava a santidade do sábado e não teve medo de se hospedar na casa do publicano Zaqueu, tornou-se uma das questões mais graves do Cristianismo. Ao invés de se buscar a santidade da alma, buscava-se a santidade das coisas: crucifixos, medalhas, escapulários, bentinhos, rosários, fitas, velas, véus, paramentos, cálices de ouro e assim por diante. A simonia sustentava e até hoje sustenta os servos de Deus, para que pudessem louvá-lo dia e noite em suas orações e cânticos, ao som dos órgãos sagrados. O culto exterior objetivava a fé, que devia ser, como Jesus ensinara, puramente subjetiva. E como parte importante do culto exterior e da economia da Igreja multiplicavam-se os sacramentos: o batismo de água e sal, o crisma para confirmar o batismo, o matrimônio religioso, as bênçãos que servem para todas as cerimônias religiosas (quanto mais suntuosas, mais eficazes) com a impregnação invariável da magia em todas elas. Do nascimento à morte o cristão está sujeito aos poderes mágicos da Igreja. Os óleos da extrema-unção garantem magicamente a passagem do morto pelas portas do Céu. A água purifica, o óleo santifica. Pela magia da água livra-se a criança inocente da mancha do pecado original. Deus se manifesta na hóstia consagrada pelas mãos mortais de um sacerdote mágico, e não pode desobedecer à evocação sagrada do padre, que nesse momento é maior do que Deus. Nunca Jesus se atreveu a tanto. Falava a

Deus como o filho ao pai, segundo o esquema de relações de Ario, o renegado. O perdão dos pecados não era dado por ele, mas pelo Pai. Quando dizia a um sofredor curado de alguma moléstia: “Perdoados são os teus pecados”, referia-as ao final de uma prova existencial que se esgotara. A inversão de valores e de posições realizada pelos teólogos só pode justificar-se no processo histórico pela incompreensão absoluta do sentido espiritual dos ensinamentos de Jesus.

O que distingue a religião da magia é precisamente a posição do homem em relação aos poderes divinos. O religioso suplica humildemente a proteção divina, o mágico entrega-se a práticas de evocação e imantação para submeter a divindade aos seus caprichos. O religioso adora a Deus, o mágico o utiliza como fonte de poder ao seu alcance.

Todo o ensino do Cristo, por palavras e exemplos, revela a sua permanente reverência a Deus. Mas os cristãos se atrevem a fazer Deus baixar das alturas infinitas por meio de palavras mágicas e objetos materiais do culto. O Cristianismo continua a ser, na grandiosidade de suas catedrais, a humílima seita religiosa dos galileus, que as heranças judaicas e pagãs asfixiaram sob o esplendor fictício e perecível de seus aparatos materiais. A própria ressurreição do Cristo não foi ainda compreendida. Acredita-se que ele ressuscitou na carne, apesar da advertência de Paulo em Coríntios I, segundo a qual enterra-se o corpo material e ressuscita o espiritual, pois o corpo espiritual é o corpo da ressurreição. Como se isso não bastasse, inventa-se a ascensão de Maria ao Céu em seu corpo carnal. O renascimento nas vidas sucessivas, a que Jesus se referiu no caso de João Batista como reencarnação de Elias, no episódio do cego de nascença que não pagava pecados dos pais e assim por diante, é condenado pelas igrejas cristãs como superstição pagã. A mitologia católica e o formalismo protestante rejeitaram igualmente os pontos principais da verdadeira doutrina cristã exposta nos Evangelhos. São eles a única fonte real dos ensinamentos de Jesus. Os pesquisadores universitários, livres de tendências sectárias, chegaram à mesma conclusão de Renan: os Evangelhos têm suas raízes no tempo de Jesus, nasceram do meio de seus familiares e

discípulos, da sua intimidade. Foram redigidos com dados provindos da fase de suas pregações. Renan cita uma comovente anotação de Pedro que mostra o carinho e a fé com que os apóstolos guardavam de memória os ensinamentos do Mestre. Pedro declara que nunca dormia sem antes repetir os ensinamentos para que eles não se apagassem da sua memória. A validade dessa documentação é inegável. Como puderam os teólogos reformular o Cristianismo claro e preciso que ali se encontra, rejeitando princípios básicos e acrescentando enxertos espúrios? Onde encontraram autorização válida para introduzir no Cristianismo a idolatria, as várias formas míticas, a sistemática clerical pagã, os sacramentos de religiões mágicas primitivas, os rituais suntuosos, as vestes sacerdotais que nem Jesus nem os apóstolos adotavam, as indulgências e o perdão dos pecados pela concessão de poderes especiais aos clérigos, a substituição da Cadeira de Moisés pela Cátedra de Pedro, o dogma da salvação exclusiva pela fé, com desprezo às obras e assim por diante? O problema da fé é colocado, nos ensinamentos de Jesus, em termos explícitos. A fé cristã é direta, dirigida a Deus, que é o Pai, e não aos dogmas desta ou daquela igreja. A mulher com fluxo de sangue não precisou inscrever-se em qualquer instituição humana para que a sua fé a curasse. Bastou-lhe tocar a fimbria das vestes do Mestre, sem sequer lhe pedir licença, para que fosse curada. No tocante às obras, Paulo deixou claro que a fé vale pelas obras. Mas os teólogos confundiram as obras cristãs, que eram a prática da caridade, com as obras da lei do judaísmo, referentes aos compromissos dos fiéis com a Sinagoga e o Templo de Jerusalém. Nunca se viu um texto tão pequeno e claro ser tão mal compreendido pelos que o adotaram como válido, e durante tanto tempo, através de dois milênios. No tocante à caridade, Jesus deixou claro nos seus ensinamentos que ela não se reduzia à esmola, como se vê no episódio do óbolo da viúva. E Paulo formulou a mais perfeita e precisa definição da caridade como prática do amor ao próximo, num texto insuperável. As passagens míticas e históricas dos Evangelhos, caracteristicamente fabulosas e incorretas, refletindo o clima mental dos tempos mitológicos, serviram para a criação de uma mística avessa ao ensino racional de Jesus. Ninguém se lembrou de separar o joio do trigo, de corrigir os

erros de datas e as descrições de episódios da vida de Jesus, e nem mesmo de corrigir as parábolas convertidas em realidades impossíveis, como no caso da figueira seca. É evidente que não queríamos a correção dos textos, que não deviam ser tocados por ninguém, mas a correção no emprego dos textos como fontes legítimas para a elaboração da Doutrina Cristã. Pelo contrário, tudo o que servia para a institucionalização igrejeira do Cristianismo foi aceito com entusiasmo, como se nenhuma dúvida pairasse sobre os dados errados. Além disso, as adulterações dos textos por conveniência sectária continuam a ser feitas ainda hoje, em edições da Bíblia e dos Evangelhos, sob o pretexto de atualização da linguagem. A nenhuma obra clássica de literatura se pode aplicar essa forma de adulteração, mas aos textos fundamentais do Cristianismo tudo se aplica, desde que as modificações profanadoras correspondam a interesses sectários.

A luta de Paulo contra os apóstolos judaizantes, na preservação dos ensinamentos renovadores de Jesus, morreu na era apostólica. Hoje, as Igrejas Cristãs consideram a Bíblia como a palavra de Deus, mas não temem nem tremem ao autorizar modificações dessa palavra sagrada a critério puramente humano, desde que interesse aos grupos sectários. O apego extemporâneo à Bíblia, e a própria inclusão arbitrária dos textos Evangélicos na Bíblia, quando o próprio Paulo declarou que ela fora suplantada pelo Novo Testamento, devendo passar à condição de documento histórico, provam que os judaizantes continuam em ação sem qualquer impedimento. A veneração dos fiéis pela Palavra de Deus é ambivalente. Eles a preservam na medida em que possa servir aos interesses de suas igrejas, e a violam e deturpam quando isso for conveniente à sustentação de suas opiniões grupais. A Palavra de Deus é absoluta, mas condicionada à palavra dos homens. Dizia-nos um pastor que na sua igreja a Bíblia era respeitada e cumprida de capa a capa. Citamos-lhe algumas ordenações absurdas e ele respondeu tranquilamente: “Na medida do possível”. Reconhecia – e isso num programa de televisão, que usava de duas medidas, uma no uso externo e outra no uso interno.

O clima espiritual da magia impregnou o Cristianismo Medieval de tal maneira que a chamada Feitiçaria Cristã mereceu estudos especiais de sociólogos, antropólogos, psicólogos e pesquisadores espíritas. O Cel. Albert De Rochas, do Exército francês, diretor do Instituto Politécnico de Paris, realizou pesquisas sobre a magia em relação com o hipnotismo, nos fins do século passado, e publicou seus resultados num livro sobre a Goécia ou Magia Negra, relatando também as experiências de William Barret, Faraday, Maxwell, Ochorovicz e outros eminentes cientistas da época. Pesquisando a infiltração da magia na Igreja, a tradição mágica, diz ele, vinda das mais antigas civilizações, conservou-se entre os cristãos primitivos e penetrou fundamente no meio eclesiástico. Descreve numerosos casos de feitiçaria constantes dos arquivos do Vaticano, em que padres, bispos e cardeais entregaram-se a essa prática para afetar adversários religiosos ou políticos. atingir príncipes, reis, rainhas e figuras importantes da nobreza. Certos clérigos usaram, segundo relatam os processos arquivados, a chamada magia simpática ou simpatética, o antiqüíssimo processo de moldar imagens de cera, das pessoas visadas, e agir sobre elas à distância, ferindo as imagens. Deu-se mesmo a mistura do bem e do mal, quando sacerdotes mágicos aplicavam sacramentos aos bonecos de cera “chamando o Demônio em seu auxílio pela profanação das espécies sagradas”, ou seja, dos materiais empregados nos sacramentos. Já Tertuliano se referira, no Cristianismo primitivo, às práticas mágicas entre os cristãos. Os mesmos motivos que levaram os judeus a adorar o bezerro de ouro enquanto Moisés recebia, no alto do Sinai, as tábuas da Lei, mantinham ainda os cristãos apegados aos processos mágicos. Mas que isso se passasse no povo, era natural. Porque se dava o mesmo entre os clérigos? A pesada carga mágica dos sacramentos adotados das religiões pagãs, entre os quais o da transubstanciação da hóstia, o da purificação pelo batismo, o da bênção de imagens e medalhas, levava os clérigos a acreditar na eficácia dos ritos. O *homo faber* é ainda o tipo mais comum da espécie humana. O *homo sapiens* chega a ser considerado pela maioria como ave estranha na paisagem. O ritual é um fazer, um ato prático que dispensa o conhecer. E como Jesus fazia, não pelos meios mágicos, mas

pelo poder do espírito, pela influência psíquica e mental, e como esse fazer do Mestre impressionava mais do que o seu ensino, a Igreja apegou-se à herança mágica e desenvolveu-a no seu culto, revestida sempre de tonalidades culturais. Essa é, talvez, a razão principal do desvirtuamento completo do Cristianismo formalista e oficial, hoje felizmente abalado por salutares crises, ante as exigências de renovação dos novos tempos.

A revisão do Cristianismo impõe-se dentro das próprias igrejas cristãs que o deformaram. As transformações que subitamente ocorreram nelas, após a Segunda Guerra Mundial, surpreendendo os crentes que dormiam no seio de Abraão dos condicionamentos tradicionais, decorrem do fracasso de suas doutrinas híbridas e confusas ante a derrocada moral da chamada Civilização Cristã, devolvida à barbárie pelos títeres ridículos e trágicos do nazi-fascismo. A incapacidade das igrejas falsificadas para enfrentar o avanço das idéias políticas deformadoras do homem e deter a fúria assassina no mundo teria provado a falência total do Cristianismo, se elas realmente representassem a doutrina do Cristo. Seus dirigentes formalmente santificados e seus teólogos embriagados pela vaidade de um saber ilusório tiveram de recorrer a medidas de emergência, entre as quais a reforma teológica que gerou a monstruosidade lógica e ontológica do Cristianismo ateu. Essa proposição aloucada representa um duplo golpe contra o pensamento e contra o ser humano, violentando o desenvolvimento filosófico e aviltando o ser. Ao invés de reconhecerem a falência de suas interpretações do ensino cristão, de suas concepções antiquadas e incongruentes de Deus, apelaram para a loucura de Nietzsche. É evidente que chegou a hora em que a volta a Cristo, como queria Lutero, terá de ser empreendida com rapidez e coragem. Ou voltamos à simplicidade lógica e à pureza espiritual do Cristianismo do Cristo ou teremos de voltar selva para recomeçar a experiência falida de dois mil anos de sofismas, vaidade e ganância desenfreada, de simonia desenfreada no comercialismo dos valores espirituais.

A fascinação da magia aniquilou as esperanças dos crentes e inutilizou o sacrifício dos mártires. O ensino do Cristo, transformado em artigo de consumo falsificado, decepcionou os freqüen-

tadores ignorantes mas espertos do mercado religioso. Essa é a realidade indisfarçável desta hora do mundo, em que os cogumelos atômicos, de potencialidade aumentada pela física nuclear, esperam os rebanhos sem pastores na Porta do Aprisco do Templo de Jerusalém, para o último e definitivo sacrifício em massa e sem proveito. Os cristãos que hoje rejeitam o Espírito da Verdade, como rejeitaram os judeus o seu Messias, candidatam-se à diáspora dos mundos inferiores. Não se trata de uma profecia apocalíptica, mas de uma previsão racional, evidente por si mesma no panorama da atualidade. Se não abandonarmos a magia da selva, para reformular nossos conceitos e nossas posições cristãs, na base exclusiva do ensino espiritual de Jesus de Nazaré, teremos de fazer o penoso caminho de volta ao marco zero da selva, para a reeducação em novo ciclo de vidas sucessivas. A magia é o marco do começo, do início da Civilização. Nosso apego a ela mostra que não estamos aptos a passar nos exames finais do curso espiritual.

Mais de vinte civilizações passaram pela terra e se transformaram em poeira e ruínas, como ensina Toynbee. Dessas minas, segundo Cassirer, pudemos tirar a essência de todas elas e promover o Renascimento que deu início à civilização atual. Na Idade Média, ensina Dilthey, elaboramos a consciência moderna, estruturada com as contribuições da Grécia, de Roma e do Cristo. Aprendemos o necessário para pisar no portal da Era Cósmica. Mas não fizemos o necessário para nela entrar. Aproveitemos o tempo que ainda nos resta para nos libertarmos do egoísmo dos primatas e nos elevarmos à compreensão de nossa própria consciência. Ela é o tribunal de Deus instalado em nós mesmos. Não existimos para a violência, mas para o amor. O ensino moral de Jesus, livre dos acréscimos da nossa vaidade, da sabedoria infusa dos sábios pretensiosos, é o roteiro único mas seguro de que ainda dispomos para segui-lo nesta hora extrema. Para segui-lo enquanto é tempo, revisemos a nossa herança cristã à luz da Verdade.

4

A Revelação

Toda a estrutura do Cristianismo estatal (vaticânico) se apóia no dogma da Revelação. O mesmo acontece com o Cristianismo da Reforma e o remanescente das chamadas heresias dos primeiros tempos. Mesmo as seitas cristãs mais recentes, que os norteamericanos exportam num fluxo constante, e as Igrejas Católicas nacionais, rebeladas contra a Santa Madre geralmente aceitam esse dogma. Kardec aceitou-a no Espiritismo, dando-lhe uma nova interpretação, puramente racional e dotada de conotação científica. Assim, devemos tratar da Revelação como um sustentáculo geral das estruturas cristãs mais diversas. Até mesmo no Islamismo, o filho árabe e enfeitado do Judaísmo, a Revelação permanece como um fato básico, atribuído ao Anjo Gabriel, que ditou o Alcorão ao Profeta do Islã. Nesse caso particular, a Revelação Islâmica torna-se comunicação e ordenação, assemelhando-se ao caso, também específico, da manifestação de Deus a Moisés no Sinai.

Os estudos religiosos contemporâneos enquadram a Revelação no campo científico dos fenômenos paranormais. Na Teologia Católica Romana, a Revelação se divide em dois tempos: a do Antigo Testamento (bíblica) e a do Novo Testamento (evangélica). A primeira é considerada numa interpretação contraditória, com uma face de grandeza e profundidade e outra face de miudeza e superficialidade, em que a manifestação de Deus se esmiúça na área corriqueira dos sonhos ou oráculos. Nesses dois sentidos, porém, sua natureza é de comunicação direta de Deus com os seus servos preferidos do povo eleito. É uma Revelação preferencial, dada por Iavé à raça a que ele deve pertencer ou, pelo menos, ter sido criada pelo seu poder com privilégios específicos e irreduzíveis. Deus absorve em si mesmo o preferencialismo dos deuses mitológicos da Grécia de Roma, e com ele o desprezo, a ira e a indignação contra os povos idólatras. Se o amor de Deus criou os homens sem distinções preferenciais, a ira de Deus faz o contrário, e o faz da maneira mais violenta e

imprecisa, ordenando os judeus a dizimarem todos os povos que possam obstar-lhes a conquista a fio de espada da Terra Prometida. Moisés é o seu filho amado, tem o privilégio de falar com Ele face a face. Iavé é irascível e ciumento, ordena matanças arrasadoras e só respeita a sua própria figura nos seres humanos da sua raça preferida.

Apesar dessa dualidade estranha, a Revelação Bíblica é considerada como um ato de plena doação. Deus não se limita a falar, a advertir, a ensinar, pois revela-se na plenitude de si mesmo, na profundidade da sua natureza íntima, liga-se ao seu povo, “engaja-se”, faz-se reconhecer pelo povo eleito na sua qualidade de Ser Supremo.

Essa doação completa de Deus aos homens é teoricamente universal, mas praticamente se limita ao povo judeu. Os ingênuos cristãos que, nas várias Igrejas, costumam chamar-se coletivamente de povo de Deus, estão simplesmente enganados. A Igreja Católica considerou-se a herdeira absoluta desse privilégio, chegando mesmo a negá-lo aos judeus. Hoje, com a tentativa do Ecumenismo, há uma aproximação entre as várias igrejas, mas a distinção permanece rígida. O processo ecumênico se desenvolve sob a regência da Mater e Mestra, o que provoca rebeldias muitas vezes agressivas no campo da unificação cristã. Iavé é o mesmo, mas como os judeus de hoje não são os mesmos da Antigüidade, segundo afirmam os teólogos, a sua posição perante Roma é a de *novos goyim* da Nova Jerusalém. Há puros e impuros, e só estão em estado de pureza os que receberam os sacramentos da Igreja e a ela se engajaram. Disso quase não se fala, pois não é conveniente. Deus também conhece as manhas políticas dos homens e, como engajou-se a eles, continua a usar os seus processos, como nos tempos bíblicos.

A Revelação do Novo Testamento diverge da antiga em amplitude e posição. Restringe-se a Jesus Cristo, Filho de Deus, é dada por ele mesmo. Revelação pessoal de si próprio, na distinta condição de filho. Nessa interpretação a Igreja contradiz o dogma da Trindade, aceitando a doutrina de Ario, rejeitada naquela. A relação entre pai e filho torna-se evidente e específica. O objeto único dessa revelação é a pessoa de Jesus Cristo e

sua doutrina. Numa e noutra Jesus aparece como o único mediador entre Deus e os homens e o único meio de salvação ou redenção. Essa interpretação fecha as fronteiras da redenção na pessoa única de Jesus, o que determinou o estabelecimento das alfândegas da fé no processo ecumênico. Todo universalismo da Revelação Cristã desaparece, com essa volta ao sociocentrismo judaico. Não obstante, o que mais ressalta dos textos evangélicos é precisamente a ruptura do sociocentrismo da antiga Israel com a definição nova de Deus oferecida e pregada por Jesus através de uma única palavra – Pai – que anulou os divisionismos antigos e estabeleceu a fraternidade universal dos povos. Jesus de Nazaré, embora designado pelo mito grego do Cristo, não deixa de ser o Messias judeu, fechado nas estreitas fronteiras da sua própria raça terrena. Ao invés de aparecer como o reformador religioso que ampliou as dimensões do Cristianismo, Jesus se converte no ponto-final definitivo do preferencialismo de Iavé. A sofisticada tessitura da doutrina sibilina da Igreja reduz a redenção do mundo à simples redenção de uma seita religiosa. Desde o tempo dos gregos, os sofistas primaram em confundir as coisas mais claras, o que levou Sócrates a desligar-se deles para descobrir a verdade do conceito no fundo da palavra, como a Verdade se esconde no fundo do poço.

Colocado em termos sectários e num plano de misticismo medieval, o problema da Revelação Cristã tornou-se o espinheiro da parábola em que as sementes germinam mas não podem desenvolver os seus poderes latentes. Enleada nas malhas de interpretações sobrenaturais, absurdas e delirantes, a Revelação impôs-se aos crentes como a encarnação da Sabedoria Divina. As antigas escrituras judaicas revestiram-se da infalibilidade que mais tarde seria conferida também ao Papa em seus pronunciamentos ex-cátedra. O Clero armou-se de poderes absolutos e a renovação cristã do mundo transformou-se em retrocesso ao tempo das civilizações teocráticas. As maldições, excomunhões e condenações do Santo Ofício amedrontaram e acovardaram os meios culturais. A Filosofia tornou-se serva da Teologia e a piedade cristã chegou ao extremo das torturas em calabouços e execuções nas fogueiras como atos de caridade em favor dos

hereges condenados ao fogo eterno. O Cristianismo era o próprio anti-Cristo, pois a obra de redenção virara obra de restrição, o sonho de amor e fraternidade dos Evangelhos revertera em pesadelo de perseguições, guerras e atrocidades. Como reconhecer nas instituições cristãs a promessa do Cristo? Apesar de tudo, as instituições prevaleceram e a verdade cristã foi asfixiada sob a avalanche de maldições e condenações cruéis proferidas em nome do Cristianismo. E ainda hoje é esse Cristianismo institucional que se apresenta como o Cristianismo do Cristo, herdeiro exclusivo do pensamento do Cristo.

A pequena mostra que demos do processo mágico de metamorfose forçada da Revelação é suficiente para colocar o problema. Mas a penetração a fundo na história desse processo, com a documentação necessária à comprovação de suas várias fases, das incríveis manobras realizadas nos bastidores da política dos reinos do mundo seria suficiente para que o Reino do Céu fosse condenado pela justiça perecível e cega da Terra. Isso revela a insensatez humana e a irresponsabilidade a que nos entregamos quando nos atrevemos a cambiar às estrelas moedas de prata e ouro. Mas o tempo incumbiu-se de roer as construções humanas, romper os seus revestimentos de púrpura falsa e desnudar as estruturas internas das grandezas aparentes. O homem sedento de conhecimentos não se sujeitou à escravidão dos dogmas, acabou rompendo as barreiras teológicas e desenvolvendo a Ciência e a Filosofia no plano exato das pesquisas. Os resultados objetivos das pesquisas e das descobertas tornaram insustentáveis no plano cultural os princípios e conceitos derivados do Mito da Revelação. A Razão teria de triunfar, como realmente triunfou. O pensamento racional do Cristo brotou das investigações históricas, retomando o seu lugar no campo cultural.

Entre as numerosas doutrinas que surgiram em oposição ao dogma da Revelação, postulando os direitos da Razão, o Espiritismo enfrentou face a face a questão e Kardec a colocou no lugar devido. Revelar não é nada mais do que mostrar o que estava oculto. Para isso, basta levantar o véu que encobre os mistérios. Quanto mais densa é a ignorância do Mundo, maior é o número dos mistérios que aturdem a compreensão humana.

Com o avanço dos estudos e das pesquisas, a Ciência descobria a natureza e as leis dos fenômenos considerados misteriosos. A investigação do mistério dos milagres, dos estranhos fenômenos da mediunidade, das manifestações proféticas e oraculares lançou a luz necessária sobre esses problemas. Uma grande dúvida havia sido lançada sobre a validade do Cristianismo, cuja razão de ser parecia ligada exclusivamente à mentalidade mitológica da Antigüidade e ao espírito supersticioso dos tempos de obscurantismo. Teria realmente existido o Cristo, esse Jesus de Nazaré que fundara a seita cristã dos galileus? Não se trataria apenas de um mito? A tragédia da Paixão não seria uma simples transfiguração do mito de Osíris, esquartejado e ressuscitado? O mito solar das civilizações agrárias, como queriam os mitólogos, não seria a fonte de que surgira a estranha estória do Messias judeu, forjada pela imaginação excitada dos pescadores do Lago de Genesaré? Não existia – dizia-se – nenhuma prova histórica da existência de Jesus.

Renan, ex-seminarista, tomado pelas dúvidas, resolveu investigar o assunto e conseguiu provar a realidade existencial de Jesus. E Kardec, debruçado sobre as realidades invisíveis que transpareciam das manifestações mediúnicas, colheu em suas pesquisas os dados necessários para reformular a questão em termos mais profundos e desenlear da ganga dos mistérios teológicos o sentido real da Revelação. Nos próprios textos evangélicos, examinados à luz da crítica histórica e segundo critérios psicológicos e antropológicos, encontrou a confirmação de uma nova teoria. Era fácil, com esses recursos, separar dos textos evangélicos o que pertencia ao clima mitológico da época da redação dos textos e o que pertencia à realidade histórica. Ao mesmo tempo, era fácil explicar, na perspectiva de uma visão antropológica da evolução do homem, o desenvolvimento das manifestações espirituais no plano mediúnico, desde as selvas até os oráculos do mundo civilizado e à eclosão da mediunidade positiva nos Estados Unidos e na Europa do Século XIX. A Revelação surgia do mistério teológico como Vênus do mistério das águas.

A Revelação perdia a sua face de esfinge e aparecia como um fato natural e contínuo ao longo da História. Colocou então o problema nestes termos:

A Revelação Divina provêm de oráculos e profecias, tendo sido aceita na Antigüidade como ensino superior que devemos encarar com reverência. Se existem entidades espirituais que podem comunicar-se com os homens, é natural que essas entidades nos forneçam informações sobre o plano em que vivem e ensinam de ordem moral. Um profeta ou vidente pode também revelar-nos as suas intuições ou visões de uma realidade que escapa aos nossos sentidos. Mas a validade dessas revelações depende da comprovação que pudermos efetuar através de pesquisas científicas rigorosamente controladas, segundo um critério lógico rigoroso e uma metodologia específica de comprovada eficiência.

A Revelação humana é feita por homens que não possuem dons mediúnicos, mas estão preparados para a investigação científica e a ela se dedicam. Não há mistério divino nesses dois casos, há leis a serem descobertas e demonstradas. O valor da profecia e da vidência dependem naturalmente das comprovações objetivas que possam referendá-las. Qualquer Revelação que ultrapasse o nível presente dos conhecimentos humanos deve ser encarada, quando lógica, apenas como provável. Só a comprovação futura da realidade revelada pode nos dar a prova da sua validade, a menos que consigamos, no presente, descobrir meios capazes de nos permitir a investigação do problema e o reconhecimento científico da sua realidade.

A Revelação Cristã foi de ordem moral e a sua validade se comprovou na vivência dos seus princípios por homens que não se entregaram a devaneios a respeito. Coube à Ciência Espírita comprovar a possibilidade dos milagres de Jesus e dos seus apóstolos, através das pesquisas científicas dos fatos mediúnicos. E Jesus mesmo foi o primeiro a declarar que os seus feitos, e até feitos maiores que os dele, podem ser realizados por nós. (Não estamos dando textos de Kardec, mas fazendo uma síntese de suas explicações a respeito, que é o que nos dá a medida da sua posição.)

Estudando o panorama das Revelações Divinas no Mundo, Kardec estabeleceu o seguinte critério: as revelações da Antigüidade foram sempre pessoais e locais, pois as civilizações se desenvolviam ilhadas, distanciadas umas das outras, sem as facilidades modernas de comunicação. Cada Revelador falava ao seu povo, mas todas se harmonizavam nos pontos fundamentais. As revelações de Moisés e de Jesus foram também pessoais e locais, mas abrindo perspectivas para a universalidade. A de Jesus objetivou essas perspectivas ao projetar-se do meio judeu, universalizando-se progressivamente. Essa Revelação mostrou, com isso, representar uma síntese de todas as Revelações anteriores. A Revelação Espírita não foi pessoal nem local e representa a continuidade da Revelação Cristã, no esclarecimento de todos os princípios cristãos e no restabelecimento do ensino real do Cristo. Sua finalidade não é a implantação de uma nova Religião, mas unificar o conhecimento, unindo a Ciência, a Filosofia e a Religião num sistema integrado. O Espiritismo é um auxiliar das Religiões, às quais oferece os recursos necessários para enfrentarem o Materialismo e se livrarem dos resíduos supersticiosos do passado. A Ciência Espírita vem contrabalançar o avanço da Ciência da Matéria, ampliando as dimensões do conhecimento humano. A Filosofia Espírita é o corpo central da Doutrina e dela resulta a Moral Espírita, coincidente com a Moral Evangélica pura, liberta de tendências sectárias.

A vida terrena é apenas um estágio do espírito na encarnação, um passo no seu processo evolutivo. A Revelação Espírita provém de instruções dos Espíritos Superiores, transmitidas por via mediúnica. Essas instruções não foram dadas através de nenhum processo místico, mas como consequência das pesquisas científicas dos fenômenos paranormais. Como dizia Kardec, os fenômenos investigados não eram mudos, mas falantes, revelando a presença de uma inteligência, que ele a princípio atribuiu às pessoas presentes e a ele mesmo. Na continuidade das pesquisas essa inteligência revelou-se autônoma, estabelecendo-se então um diálogo esclarecedor por meio de tiplogia e depois de psicografia. Kardec elaborava em segredo os testes de cada experiência. As respostas não eram aceitas gratuitamente, mas

através de discussão com a inteligência presente, examinadas sob critério lógico, submetidas a confronto com a cultura da época e a experiências de comprovação. Na “Revista Espírita” ele divulgava essas experiências e outros pesquisadores, na França e no mundo, passaram a colaborar com ele. Seu critério científico foi louvado por Richet, que reconheceu o seu pioneirismo, discordou de suas conclusões espíritas, mas depois, através de suas famosas experiências metapsíquicas, comprovou o acerto de Kardec. Apesar de sua elevada posição nas Ciências, Richet, Prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, acabou aceitando as conclusões de Kardec. Hoje, as pesquisas parapsicológicas e o avanço geral das Ciências, particularmente da Física Nuclear, trouxeram novas e decisivas comprovações ao trabalho de Kardec.

Essa, segundo ele mesmo explicou, foi a primeira Revelação ao mesmo tempo divina e humana, em que as entidades espirituais e os homens se conjugaram num esforço comum em busca da Verdade. O resultado foi a elaboração da Ciência Espírita, que por sua vez desencadeou no mundo as pesquisas psíquicas científicas, realizadas em laboratório nos grandes centros universitários. A essa Revelação sem precedentes é que ainda hoje se opõem alguns sacerdotes das religiões cristãs, tristemente desprovidos de capacidade científica, sem os recursos culturais e o preparo científico necessários, na inglória e inútil defesa de seus dogmas.

Não há mais lugar, no pensamento contemporâneo, para as crenças ingênuas do passado, fundadas em pressupostos absurdos, alimentadas por esperanças irracionais e aspirações indefinidas de povos incultos. O Espiritualismo Utópico e o Materialismo Científico estão inteiramente superados. O primeiro ainda vive graças a tradições religiosas que rapidamente vão se apagando no suceder das gerações, e o segundo só subsiste graças às estruturas políticas que o sustentam, preservando-o através de medidas coercitivas, à semelhança dos métodos medievais com que a Igreja pretendeu, na fase do seu domínio absoluto, impedir o desenvolvimento científico.

Não há Revelação sem Ciência. E não há Ciência sem espírito livre aberto, entregue à pesquisa com o único objetivo de conhecer a realidade em suas múltiplas faces. O progresso humano depende do progresso científico. O conhecimento se forma da conjugação de todos os campos da Ciência, abrangendo a totalidade do Existente. As várias instâncias da estrutura bio-psico-somática do homem correspondem aos diversos planos na Natureza e do Cosmos em que se engasta o nosso planeta. O conhecimento é um sistema único e integrado. Sua divisão em Ciência, Filosofia, Arte e Religião é apenas metodológica. Uma religião sem apoio lógico e científico é um conjunto de lendas ou de cavilações astuciosas. Uma Ciência sem os dados da Religião é um corpo sem alma. Ciência, Arte e Religião desprovidas de arcabouço filosófico não são mais do que esboços imprecisos do que pretendem ser.

O Cristianismo surgiu da intervenção de um Gênio, Jesus de Nazaré, na Cultura palavresca e formalista dos fins do Mundo Antigo, para dar-lhe a possibilidade da integração cultural. O dogma da Revelação frustrou esse desígnio, opondo a infalibilidade da suposta palavra de Deus a todas as formas de progresso que contrariassem esse mito. Mas agora, nesta fase de acelerado avanço do Conhecimento além dos próprios limites do Sistema Planetário e do Sistema Solar, impõe-se a volta ao Pensamento do Cristo com todos os recursos novos que conquistamos. A revisão histórica e estrutural do Cristianismo é uma exigência vital da Nova Era – a Era Espacial ou Cósmica – que se abre para a Terra.

Quando Kardec lançou, no século passado, a teoria da pluralidade dos mundos habitados, a que o astrônomo Camille Flammarion deu o apoio de uma obra especial a respeito, os escribas do século tentaram ridicularizar a ambos. Não obstante, Jesus já havia anunciado a existência de muitas moradas na Casa do Pai. O mesmo fizeram no tocante ao perispírito ou corpo espiritual. Hoje ninguém de bom senso se atreve a ridicularizar as conquistas da Astronáutica ou a descoberta científica, pelos físicos e biólogos soviéticos, na famosa Universidade de Kirov (materialista) do corpo-bioplásmico do homem. É hora de revisão, e

revisão profunda, corajosa, para repormos o Cristianismo no seu justo lugar.

5

O Culto Cristão

Há uma diferença fundamental entre o culto das antigas religiões agrárias e pastoris e o culto cristão. Todo o ritual do culto daquelas religiões nasceu dos ritmos da Natureza, enquanto os rituais do culto cristão teve de ser derivado daqueles e não raro inventado. Disso resulta um problema de legitimidade que tem provocado incessantes disputas e violentas condenações. A revolta luterana, que desencadeou a Reforma, foi um dos momentos mais críticos dessa busca da legitimidade e provocou o movimento da Contra-Reforma. Lutero preconizou a volta a Cristo, com a extinção de todos os acessórios adotados pela Igreja através de mais de um milênio de invenções bastardas. Porque o Cristianismo havia sido precisamente uma reforma do Judaísmo, visando à depuração do culto judaico, que atingira, na fase dominante do Farisaísmo, a mais espantosa saturação de normas e formas para a relação do homem com Deus. Jesus, nascido judeu, formado na educação judaica das sinagogas, condicionado pela tradição bíblica, mostrou-se desde o início do seu ministério espiritual um revolucionário e um crítico rigoroso das exterioridades rituais e comerciáveis do Templo de Jerusalém. Não se submeteu a nenhuma ordenação oficial, preferindo agir como um rabino popular independente, violando as leis do rabinato e condenando-as francamente. Não instituiu fórmulas novas e nem fundou qualquer igreja. Assim, os cristãos formalistas, apegados ao passado, viram-se em dificuldades para restabelecer um culto cristão, tendo de apelar para a adaptação de certas expressões evangélicas aos seus objetivos. Centralizou-se o culto na pessoa de Jesus Cristo como único salvador da humanidade, único intercessor do homem junto a Deus, fundamentando-se a fé na expressão alegórica do Batista, que chamou Jesus de Cordeiro de Deus.

O culto cristão ligou-se assim aos cultos agrários e pastoris, revelando suas raízes na alegoria do Cordeiro. Mas esta alegoria não se refere aos cultos ancestrais, e sim aos sacrifícios de

animais no Templo de Jerusalém. Jesus seria o cordeiro ritual que o próprio enviara à Terra para ser sacrificado em seu louvor, a fim de que o sangue do sacrifício lavasse os pecados da humanidade. Há tanta incongruência nesse mito que fundamenta o culto cristão, quanto nos demais que se desenvolvem posteriormente. Até mesmo dos ritos fálicos dos tempos mais remotos foi tirado o modelo do hissope para a aspersion da água benta, uma prática mágica de fecundação da terra para a sementeira, segundo o processo da fecundação animal e humana.

Jesus combateu a magia e os mitos, mas o Cristianismo se organizou na sistemática mitológica e acabou transformando o próprio Mestre em mito. O rito do batismo era uma prática muito difundida na Palestina, segundo mostra Guignebert, e provinha das religiões ancestrais dos cananeus. João Batista nada mais fazia do que usar essa prática para ajudar as criaturas a se modificarem, certas de que a água do Jordão não lhes lavara apenas o corpo, mas também a alma. Por isso os batizados com água eram aplicados a pessoas adultas, que deviam compreender a necessidade de iniciar uma vida nova para agradar a Deus. Esse ato folclórico, simples e puro, foi transformado no culto cristão num processo mágico de purificação espiritual, destinado a lavar a mancha do pecado original de Adão e Eva da almazinha inocente das crianças recém-nascidas. Mas que pecado era esse? O da desobediência, que a serpente transmitira a Eva e esta a Adão. No entanto, a desobediência da criança, como a dos animais, não pode apagar-se com palavras, água e sal, porque é uma consequência natural do desenvolvimento dos instintos vitais que levam os animais e o homem à busca de satisfação de suas necessidades orgânicas. Talvez por isso inventou-se também o rito do crisma como confirmação do batismo, que por si só se mostrava impotente contra o pecado original. O padre batiza, o bispo, seu superior hierárquico, dá o sacramento do crisma. E apesar de todo o aparato do culto exterior e de toda a sofística da justificação teológica, a criança não cede nada em sua desobediência salutar e necessária. Não só as formas sacramentais se revelam vazias, mas também os supostos poderes da hierarquia sacerdotal. Além disso, as igrejas se esqueceram das palavras

seguintes do Batista, que restringem o batismo da água ao seu ministério individual, anunciando que o Cristo batizaria no fogo e no espírito. E se esqueceram também do episódio do Apóstolo Pedro no porto de Jope, quando verificou, na casa do centurião romano Cornélio, que o batismo do espírito não dependia de nenhum rito sacerdotal. A Missa, como assinala Blavatsky, é a antiga ceia das ordens ocultas dos Mistérios mitológicos, das cerimônias maçônicas, transformadas numa encenação mágica do Cristianismo. As procissões sagradas do Corpo de Deus derivam de adaptações egípcias do Culto de Osíris, esquartejado e depois ressuscitado. As procissões comuns dos santos em andores floridos imitaram as procissões romanas dos deuses-lares, dos manes, antepassados das grandes famílias romanas cultuados pelos descendentes. A extrema-unção é a revivescência das unções piedosas dos cadáveres com óleos rituais, que no Egito chegou ao extremo da mumificação, num apego desesperado e anticristão ao corpo carnal. O latim, língua do Império dos Césares, mantinha o prestígio dos ritos e do sacerdócio, pois a linguagem misteriosa, que ninguém mais compreendia, resguardava o poder secreto de um mundo morto, mas fabuloso. O pensamento mágico, natural nas populações bárbaras que derrubaram o Império das Messalinas. E o pensamento racional do Cristo, que tudo explicava e esclarecia, era deformado pelas interpretações teológicas, alimentadas pela fascinação do desconhecido e particularmente do sobrenatural. As vestes sacerdotais, pesadas e solenes, herdadas de cultos orientais que invadiram a Europa, e a coroa recortada no couro cabeludo dos padres, representando o disco solar das religiões pagãs, guardava o poder das clareiras abertas no mistério das florestas profundas e escuras.

A imaginação mítica da população bárbara embriagava-se com esses ingênuos artifícios que, na verdade, constituíam a mais atrevida e completa deformação da mensagem cristã. Hoje, quem assiste a uma missa na linguagem atual de qualquer nação moderna sente logo a sensação de uma representação teatral ingênua, desprovida de toda a grandeza imaginária do passado. Um teatrólogo moderno poderia elaborar um texto melhor para a

recitação ingênua dos párocos, que não obstante se julgam dotados do poder de evocar a Deus em carne e sangue, na pessoa do Cristo, e fazê-lo encarnar na hóstia, sem que Ele, Deus, possa recusar-se a isso.

Não queremos ridicularizar a crença simples do povo, que ainda hoje carrega as suas pesadas cargas de superstição e magia, mas apenas mostrar, com estes dados recolhidos da pesquisa histórica mundial, em plano universitário, que o chamado Cristianismo oficial necessita de uma revisão imediata para poder entrosar-se na cultura contemporânea. Todo esse gigantesco fabulário que fez de Jesus de Nazaré um mito absurdo, alimentando ainda hoje as mais sangrentas lutas religiosas no mundo, tem de ser desmontado para que o Cristo reapareça na sua realidade humana e racional, retomando o seu lugar entre os homens. A mensagem cristã, na sua pureza primitiva, tem um poder muito maior que o de todo esse amontoado de coisas heterogêneas e encenações antiquadas. Sua finalidade não é fascinar os homens e dominá-los pela paixão do mistério, mas esclarecê-los e transformá-los pela visão real do mundo e da vida. No momento em que a Ciência penetra na intimidade da matéria, revelando os segredos da sua estrutura, e rompe os limites do pequenino e pobre planeta que habitamos, para mostrar-nos a grandeza do Cosmos e a possibilidade humana de devassá-lo e conquistá-lo, o apego das populações civilizadas a esse amontoado de superstições e credices só pode favorecer, como está favorecendo, o desenvolvimento da descrença e do materialismo em todo o mundo. O tabu do sagrado, elaborado e entretecido em filigranas mentais, gerando uma terminologia fantasiosa, em que as palavras perdem o sentido da comunicação para se tornarem perigosas formas de vetores psico-emocionais, sufocando a razão e impedindo o entendimento, não pode subsistir sem graves ameaças numa hora de acelerado desenvolvimento cultural. Nossa submissão a essa herança mágica equivale a um suicídio coletivo, que já nos ameaça com os fantásticos arsenais de armas atômicas.

Não se trata de ameaça divina, mas humana; de castigo do Céu, mas de traição terrena; de respeito ao passado, mas de

acomodação egoísta no presente. Porque o passado real foi desfigurado e aviltado nas aras da ignorância e dos interesses imediatistas. O passado real está na Verdade Cristã.

O culto exterior do Cristianismo Oficial contrasta flagrantemente com o culto interior do Cristo e do Cristianismo apostólico. Jesus condenou os fariseus que se vestiam de roupagem pomposa e se punham a orar nas esquinas de Jerusalém para serem vistos e admirados. Desrespeitou as regras de pureza que ordenavam lavar as mãos para sentar-se à mesa, sem prescrever a pureza do coração. Permitiu que os discípulos famintos apanhassem espigas de trigo no campo, em pleno sábado, para se alimentarem. Fez curas no sábado e lembrou que o mais zeloso judeu não deixaria de salvar sua ovelha caída num buraco no dia de sábado. E, por fim, perguntou se o sábado havia sido feito para o homem ou o homem para o sábado. Sua posição contra os mitos, os dogmas, os ritos, as prescrições formais e todo o formalismo está bem definida nos textos evangélicos, ressaltando como água pura entre os elementos impuros da influência mitológica sobre os redatores tardios dos textos. Na parábola do trigo e do joio revelou sua plena consciência de que o seu ensino seria deturpado e precisaria mais tarde ser restabelecido em espírito e verdade. Mas o comodismo, o egoísmo, o interesse inferior pelas coisas terrenas, a preguiça mental, a covardia – todas essas antivirtudes da espécie consolidaram no tempo as posições vantajosas do anti-Cristo, dando a este o domínio do mundo. Ainda recentemente o Papa atual, na investidura sagrada da sua santidade oficial e da sua infalibilidade abismal, declarou: “Quem não acredita no Diabo não é cristão”. O que se sabia até agora é que não é cristão quem não acredita no Cristo. Essa espécie de qualificação da fé às avessas exemplifica bem a inversão da mentalidade cristã através da sedimentação do formalismo em quase dois mil anos de apego ao culto exterior. É um processo de alienação em que os cristãos se entregaram à matéria, às coisas e aos objetos. Em consequência, o Cristianismo também se fez objeto, e o que é pior, objeto de especulações em todos os campos da mundanidade. As formas se esvaziaram. Quando hoje se fala no Reino de Deus entende-se Reino da

Terra. Quando se fala no Cristo, pensa-se num mito. A fé projetou-se nas coisas, segundo as leis do animismo primitivo dos selvagens e das crianças. O culto cristão não é de entidades espirituais, mas de ídolos materiais carregados de supostos poderes transferidos a imagens e símbolos. Esse processo de transferência anímica esvaziou também os crentes, transformando a fé antiga em crença supersticiosa na trepidação dos tempos novos em que a máquina (também coisa, objeto) sobrepõe-se ao homem. A prova maior desse esvaziamento, em que o pneuma, ou espírito evoluiu-se da criatura está na desumanidade contemporânea, em que se luta pelas coisas aniquilando o homem. O valor humano desaparece tragado pelo valor excessivo das coisas.

A revisão do Cristianismo é hoje uma exigência da própria sobrevivência humana. Embriagado pelas conquistas materiais, o homem se deixa arrastar pelas coisas, coisificando-se a si mesmo. As idéias materialistas o levam a considerar a existência terrena como um jogo de forças cegas em que só vale o mais forte. E como a força também não está mais no homem, transferiu-se para as máquinas e seus combustíveis, para as armas e seus explosivos, o próprio homem se transfere, já não apenas animicamente, mas de corpo inteiro, para o mundo das máquinas. Mecaniza-se. A visão cristã do mundo mudou-se em visão diabólica. Transformando Jesus de Nazaré em mito, o homem se transformou em robô. A ingenuidade da pragmática norte-americana ainda envia cosmonautas à Lua. Os soviéticos, apegados à práxis marxista, preferem enviar tratores de controle remoto, que lhe trazem as pedras lunares com menos complicações e menos perigo. O espírito de aventura dos norte-americanos não resiste ao desafio do Cosmos. O espírito prático dos russos, num processo de industrialização mais recente, não resiste ao fascínio da mecânica. Mas se os americanos continuam apegados às suas seitas cristãs e os russos ao materialismo marxista, no fundo se encontram e se conjugam na mesma alienação do homem à máquina.

Tagore assinalou a transformação da antropofagia selvagem à civilizada, mostrando que os homens atuais se entredevoram na

selva selvaggia dos lucros e dos juros. Crianças esquálidas, nos arredores de metrópoles suntuosas, tiveram seu sangue sugado pelos vampiros insaciáveis do lucro. Os campos de trabalhos forçados da URSS são máquinas de vampirização montadas pelo Estado. O misticismo russo também se transferiu para o fanatismo político estatal. Na própria Índia mística, os gurus montaram suas indústrias de espiritualidade enlatada. Santiniketan, a Universidade espiritual de Tagore, é hoje um centro de política universitária voraz, como disse o Dr. Barnejee. A política espiritual de Gandhi, o Mahatma, cedeu lugar à política da violência, dirigida por uma mulher. O processo de inversão dos pólos projeta-se em todo o mundo. A China entregou-se ao materialismo e à massificação cultural, eliminando os últimos resquícios das tradições espirituais. Na África negra tudo foi mais fácil. Bastou o afastamento dos brancos para que os negros revelassem o que aprenderam com eles para multiplicar sua autodestruição. E Israel, que rejeitou o Cristo desde o princípio, conseguiu reorganizar-se na base das tradições da raça, mas agora em ritmo de 007, violando todos os princípios do Direito Internacional para mostrar a dureza interior dos *sabras*, esses frutos do cactus do deserto, prontos a revelar suas habilidades mecânicas.

A coincidência de todas essas modificações no mundo é significativa, como se diz na linguagem parapsicológica. O panorama mundial reflete a inversão de valores produzida pela deformação milenar do culto cristão. Porque a verdade é que o Cristianismo envolveu todo o mundo, pelo seu poder de expansão e contaminação, no fluxo de transformações deflagrado pelas palavras do Cristo. O mundo cristão desequilibrado, com sua polaridade invertida, desequilibrou todo o planeta. Ou reequilibramos esse mundo, restabelecendo a verdade cristã, ou pereceremos com ele.

6

O Olimpo Cristão

Os deuses de batina formaram seu Olimpo no Monte Vaticano, uma das sete famosas colinas de Roma. A mitologia cristã teve essa vantagem sobre as pagãs. Constituiu-se de dois cenáculos divinos, de duas linhagens distintas de deuses. A primeira lembra os deuses gregos do intermúndio, mas também com grande superioridade sobre eles. Essa linhagem metafísica provém do próprio Deus Supremo, Criador e Senhor Absoluto do Universo, de toda a Criação. Do Deus Único e Supremo descendem as duas pessoas da Trindade que se submetem ao Pai. Como já vimos, a Trindade é uma Família Divina, à qual só falta a Mãe, e isso por um motivo muito lógico. Se Deus, o Pai, vivia solitário no Infinito quando resolveu criar a Terra, e sendo onipotente criou todos os seres que deviam habitá-la, não precisou de esposa para constituir sua família. Dizem os críticos que essa falta da mulher na Trindade levaria a Igreja, mais tarde, à Mariolatria, ou seja, à colocação da humilde judia Maria de Nazaré, mãe de Jesus, na posição da Deusa faltante, concedendo-lhe o direito de ascender ao Céu, como o seu filho, com o próprio corpo carnal. Direito que ela não deve ter usado com satisfação, pois um corpo de carne e osso no Céu deve ser muito incômodo para quem o levou até lá, ao invés de deixá-lo dissolver-se normalmente na Terra. Maria de Nazaré, cuja missão terrena foi sublime, é um espírito de tamanha elevação que certamente não tomou conhecimento desse privilégio estranho. Seu corpo espiritual, radiante de luz divina, era o único que naturalmente lhe interessava, e com ele vivera na Terra, pois o corpo carnal só existe e só funciona graças àquele, como ainda recentemente provaram os físicos e biólogos soviéticos da Universidade de Kirov, nas suas famosas pesquisas sobre o corpo bioplásmico do homem.

Os teólogos certamente se apóiam na tese do Apóstolo Paulo para dar uma explicação possível a esse quiproquó. Paulo entendia que o corpo material pode ser transformado, embora afirmas-

se que o corpo espiritual é o corpo da ressurreição. Seja como for, o fato é que, com a ascensão de Maria, a Família Divina cresceu de mais uma pessoa, a mãe que faltava. Por sinal que ainda recentemente um guru indiano sustentou a tese de que a ascensão de Maria representou uma correção da Trindade Cristã.

Após as pessoas da Trindade, a que Maria necessariamente se juntou, temos as cortes celestes, como a das Dez Mil Virgens, a hierarquia dos Anjos e Tronos, e os acréscimos dos Santos, como os apóstolos e os evangelistas e mais os bem-aventurados os santos canonizados que a Igreja periodicamente reconhece e remete ao Céu. O número de Papas, Cardeais e Bispos é naturalmente grande, de maneira que a solidão pitagórica do Deus Único há muito já foi quebrada.

O dogma da Criação tem dado muito trabalho aos teólogos no mundo moderno e contemporâneo, mormente depois das pesquisas astronômicas, que revelaram a ínfima posição da Terra no Cosmos e até mesmo em nosso minúsculo sistema solar, e mais ainda em nossa galáxia. Ou os cronistas bíblicos se enganaram ou Deus não criou somente a Terra. A teoria da pluralidade dos mundos habitados tomou vulto nos últimos tempos, e vários teólogos têm quebrado a cabeça para resolver o problema de uma possível descoberta, nos próximos anos, de outro planeta habitado. Como estender a posteriori a origem divina do homem terreno aos homens de outros mundos? Como estender-lhes também a salvação em Cristo? Um dos expedientes mais eficazes é o da união, não apenas formal, dos Evangelhos à velha Bíblia judaica, pois Jesus se referiu às muitas moradas da Casa do Pai. Mas acontece que, apesar da confusão já feita, popularmente, entre Bíblia e Evangelho, há o fato histórico irreduzível da grande distância temporal entre esses dois livros, e mais, o fato também histórico e irreduzível de que o Evangelho, englobando todos os seus tomos, não apenas complementa, mas principalmente reforma a Bíblia. Dessa maneira, o erro do cronista bíblico é simplesmente incorrigível, em todos os sentidos da palavra. Talvez fosse melhor a promoção de um documento papalino explicando que o cronista bíblico se esqueceu de dizer que Deus criou a Terra como experiência inicial, para depois se entregar à

criação do Universo. O documento poderia estender também os benefícios do sacrifício terreno do Cristo a todos os povos do Cosmos. Isso permitiria ainda a própria extensão da Igreja a outros mundos.

Quanto ao Olimpo do Vaticano, onde os deuses de batina já estão abandonando o uniforme divino e pretendem também constituir suas famílias em futuro próximo, temos de reconhecer que se tornou, através dos tempos, uma instituição respeitável. A Corte Vaticânica, à semelhança da Corte Olímpica da Grécia antiga, é constituída de figuras perecíveis, que transitam por ali deixando suas marcas nos registros internos e na tradição. É comovente a crônica milenar das vidas que por ali passaram, muitas vezes na renúncia e na obscuridade, formando-se grupos afins de almas dedicadas ao trabalho e ao estudo. A vida doméstica dos deuses de batina envolvem a mesma ternura e respeito de uma vida familiar terrena. Quem lê, por exemplo, a vida do eminente Papa João XXIII, escrita por Leone Agisa, encontra ali passagens de profunda humildade e não menos profunda humanidade. Os deuses de batina revelam-se tão ligados aos hábitos comuns da espécie, tão presos aos deveres e às obrigações da família vaticânica, que só mesmo a batina e as prerrogativas eclesiásticas as tornam diferentes das pessoas comuns.

O Cardeal Fossati, que incumbiu-se de prefaciá-lo, refere-se ao biografado da seguinte forma: "... o amabilíssimo Sumo Pontífice João XXIII, a quem me ligaram no passado vínculos de companheirismo pessoal e amizade, como confrades no Sacerdócio e no Episcopado, e hoje me ligam sentimentos de filial afeição, respeito e profunda devoção para com o Vigário de Jesus Cristo e Pai comum de nossas almas". Nesta simples referência transparece todo o clima de familiaridade e afeição que se estabelece através dos anos entre os companheiros de um mesmo labor. A convivência humana é sempre a mesma, chegando mesmo a refletir-se nas lendas olímpicas dos gregos e dos romanos. A vida no Vaticano, num mosteiro ou num convento não escapa às normas da espécie, o que prova que os deuses de batina do Olimpo cristão, apesar de todas as suas vestes pomposas, da *sédia gestatória* dos Papas e das complicadas funções do

Estado Teocrático, não perde o seu conteúdo e o seu sabor humano. Isso nos obriga ao respeito para com essas instituições que, embora acumulem erros e até mesmo crimes seculares e milenares, têm a sua reserva de dignidade humana, preservadas através de exigências inalienáveis da consciência. Quando criticamos os enganos, as contradições e os absurdos da Igreja, e particularmente a desfiguração completa do Cristo e do Cristianismo, cumprindo o nosso dever de consciência, nem por isso deixamos de reconhecer os méritos dos que, engajados ao sistema e crentes da sua validade, viveram a sua vocação com o desejo real de servir a Cristo e aos homens. O Olimpo cristão do Vaticano é uma instituição humana como qualquer outra. Sua história se compõe de sombra e luz, como toda a História. As figuras humanas que por ele passaram, sem perder a sua humanidade apesar das pompas e grandezas fictícias que o caracterizam, cumprindo seus deveres com abnegação e dignidade, merecem o respeito e admiração de todos os espíritos justos. Mas nem por isso a instituição em si se livra dos seus erros e desmandos, dos seus abusos no campo da simonia e de suas pretensões quanto ao sobrenatural.

Por isso, ao tratar da revisão do Cristianismo, não podemos deixar à margem da apreciação geral essa instituição que atingiu o ápice na deformação da Verdade Cristã. O Cristianismo jamais comportaria uma espécie de Olimpo intermediário, colocado entre o humano e o divino, como uma espécie de Tribunal de Deus incumbido pelos homens, através de decisões conciliares, de julgar e punir homens e nações, comunidades e instituições em todo o mundo. A própria infalibilidade papal, embora restrita aos pronunciamentos do Sumo Pontífice ex-cátedra, é a marca da arrogância anticristã do Vaticano. Não seria possível uma revisão real do Cristianismo sem a eliminação dessa instituição que centraliza os erros acumulados nos milênios do anti-Cristo.

De onde surgiu a suposição de que Jesus de Nazaré era uma pessoa da Trindade? Simplesmente de interpretações errôneas e orgulhosas de homens que a si mesmos se investiam de poderes para tanto. Os únicos documentos válidos do ensino de Jesus são os Evangelhos. O primeiro deles, que os alemães chamaram de

Ur-Marcus, o arcaico Evangelho de Marcos, que desapareceu totalmente, deve ter transferido o que de melhor possuía, segundo os pesquisadores, aos Evangelhos atuais, ou seja, hoje conhecidos. As anotações dos discípulos e suas memórias não escritas embaralharam-se na redação dos Evangelhos Sinópticos. Há disparidades e pontos obscuros nesses três Evangelhos. O chamado Evangelho Teológico de João, que foi o último a ser elaborado, mostra-se desde o início do texto influenciado pela Filosofia greco-judáica de Alexandria. Não existem, portanto, documentos válidos para que se possam fundar sobre eles interpretações e decisões de tamanha gravidade histórica, e mais ainda, religiosa. As decisões conciliares são tomadas por grupos sectários e interessados na sustentação de princípios que escapam inteiramente à capacidade humana. As lutas e os protestos levantados em todo o mundo em todos os tempos contra os abusos dessas decisões foram sufocados pela violência. Tertuliano chegou ao cúmulo de usar a figura jurídica do usucapião para dar à Igreja o direito exclusivo sobre os Evangelhos. Não obstante, as antigas heresias conseguiram sobreviver e estão presentes no mundo atual, exigindo ainda o reconhecimento dos seus direitos esbugalhados pela força. O próprio Tertuliano pagou caro a sua audácia, caindo em heresia. Como aceitarmos a legitimidade do chamado Cristianismo oficial, que na verdade se oficializou a si mesmo, apoiando-se nos poderes seculares de reis e imperadores ambiciosos e ignorantes? Teríamos então de renunciar ao Cristianismo, de usar a pedra de Pedro (revelação do Cristo ou a própria pessoa do Apóstolo) para pô-la sobre a questão e esquecê-la daqui por diante? Não, porque a revisão é possível. As pesquisas históricas e o exame objetivo dos textos mostraram aquilo que Kardec considerou o maior de todos os milagres dos Evangelhos: o ensino moral do Cristo não se perdeu nem se embaralhou, permaneceu intacto através dos milênios e o Espiritismo conseguiu restabelecê-los na sua pureza primitiva. É certo que muitos elementos desse ensino devem ter desaparecido. Mas se o que dele sobrou é suficiente para nos mostrar um pensamento claro e seguro, que por sinal funcionou no processo histórico como a porção de fermento da parábola numa medida de farinha, isso é quanto basta. Se está salva a essência do ensino

moral do Cristo, está salvo o Cristianismo. E se dele precisamos, pois que se mostrou capaz de transformar o mundo, é nosso dever imediato lutar para que ele seja recolocado no seu devido lugar, na sua posição exata, não como seita enriquecida e dominante, mas como idéia dinâmica, força genética restaurada em seu poder legítimo, para ajudar-nos a reconstruir o mundo e a reabrir aos homens o caminho do Reino. A questão não é especificamente religiosa, é sobretudo cultural. A chamada Civilização Cristã realmente existe, embora não seja cristã. Nos dois planos culturais que se refere Kerchensteiner, o objetivo e o subjetivo, o Cristianismo projetou a sua alma. O Olimpo Cristão do Vaticano é um monumento da influência cristã na cultura objetiva. A influência cristã no romantismo, que Victor Hugo acentuou no prefácio de “Cromwell”, e a própria de Hugo são exemplos da influência na cultura subjetiva. Mas as transformações produzidas pelo Cristianismo foram prejudicadas pela reação do materialismo, do positivismo e do pragmatismo contra os absurdos teológicos, a alienação mística dos religiosos e sobretudo pelo desenvolvimento científico. A mentalidade nova que surgia após o Renascimento, rejeitava a dogmática contraditória e sofística da Igreja, a pretensão política dos clérigos, o mercantilismo paroquial, a fome de poder temporal do Vaticano. A arrogância teológica estabeleceu a separação decisiva entre Cultura Científica e Cultura Religiosa. A Igreja se ilhou em sua sabedoria imutável e o processo cultural passou a considerá-la como pedra de tropeço que devia ser evitada a todo custo. O Olimpo cristão se tornou mais Olimpo do que nunca. Os deuses de batina fortaleceram-se em seu reduto, confiantes na supremacia intelectual de que haviam gozado no passado. E o Cristianismo voltou aos tempos da Roma antiga, quando era considerado como religião dos escravos, simples movimento supersticioso sem nenhum conteúdo verdadeiro. As tendências sociais da Igreja na atualidade, com seus padres operários, suas ordens esquerdistas e o pronunciamento de altas figuras do Clero em favor das reivindicações da pobreza chegaram tarde e não inspiram confiança. O homem atual está preparado para uma Filosofia cristã realista. As decepções sofridas com as duas guerras mundiais, a explosão das bombas atômicas, os conflitos raciais e o retorno dos regimes de

exceção em todo o mundo, aniquilaram as esperanças de uma era de equilíbrio e de paz. Uma doutrina simples e clara, desembaraçada dos prejuízos milenares de um teologismo caduco, poderá restabelecer o prestígio cristão. A volta das novas gerações para Cristo, evidente em seus protestos contra a loucura do século, em seus movimentos de rebeldia e até mesmo em sua fuga desesperada para os tóxicos, o desenvolvimento de novo interesse pelas pesquisas históricas do Cristianismo em plano universitário são sinais de que o mundo desperta para a necessidade de buscar a essência do movimento cristão.

Ao mesmo tempo, e o que parece mais significativo, é o *psychic boom* provocado pelas experiências parapsicológicas e pelo avanço das pesquisas físicas e biológicas no tocante aos problemas da vida e da morte. A ressurreição e a reencarnação deixaram de ser objetos exclusivos dos debates religiosos, entraram no centro do movimento científico. Uma Psicologia da Morte surge nos Estados Unidos em plano experimental e ganha os centros universitários da Europa. As fábulas do Cristianismo são confirmadas, como no caso do corpo bioplásmico e dos fenômenos sobre comunicações mediúnicas, pelas investigações científicas, tanto no mundo capitalista como no mundo comunista. A Astronáutica alarga os horizontes do Cosmos e a Física descobre a antimatéria, provando a existência dos mundos interpenetrados, que tiram o mito do *outro mundo* do plano imaginário e o integram na realidade acessível à investigação. Este é o momento exato em que as proposições cristãs-evangélicas sobre esses problemas precisam ser apresentadas de maneira positiva. Ao contrário disso, padres e frades católicos passaram a utilizar as novas conquistas científicas, revelando lamentável despreparo e incompetência, para defenderem as posições da Igreja. Chegam ao cúmulo de apresentar-se ao público em auditórios de sociedades científicas ou ante as câmaras de televisão, fazendo exibição de mágicas teatrais. Vários deles abrem clínicas psicológicas ou se entregam ao comércio de cursos de uma parapsicologia confusa, tipicamente sectária. O Olimpo cristão parece aprovar essas aventuras perigosas, pois a hierarquia eclesiástica aprova essa charlatanice desmoralizadora do próprio Cristianismo. A incom-

petência desses deuses olímpicos decorre dos fatores já examinados da cisão entre cultura científica e cultura religiosa. Homens que envelheceram nos estudos teológicos, entregues a especulações falaciosas, não revelam nenhuma capacidade para a investigação científica. Não sabem o que seja critério científico e usam uma linguagem vulgar eivada de explicações que podiam ser dadas por um trabalhador braçal. Não obstante, arrogam-se títulos que não possuem, mostram-se incapazes de definições precisas e apegam-se a detalhes sem importância, não raro inventando soluções que não existem para problemas ainda em suspenso no campo da pesquisa. A arrogância clerical leva-os a fazer afirmações temerárias como estas: a Parapsicologia prova a onipotência de Deus, a telergia vai buscar as agulhas que enfia no médium (antropomorfismo infantil), uma gota de lágrima num litro de água produz o mais poderoso antibiótico que se conhece, a mente é física e possui forças físicas, os fenômenos físicos ocorrem a cinquenta metros de distância do médium (afirmação inteiramente gratuita) e assim por diante, numa verdadeira enxurrada de heresias científicas do mais baixo nível.

De onde vieram esses hereges da Ciência? Do Olimpo cristão, certamente. São os deuses de batina, que para mais confundir o público se apresentam sem batinas. Esse é o mais novo produto da ciência infusa do Cristianismo oficial. Os sacerdotes sinceros e sérios, que ainda existem, são os primeiros a se envergonharem com essa exibição permanente da ignorância do clero. Por que motivo as autoridades eclesiásticas não tomam medidas contra essa calamidade? Não percebem a inconveniência dessas farsas perigosas para a própria Igreja? Ou há mesmo uma intenção de desmoralizar os avanços científicos? Nesse caso, a intenção estaria ameaçando a própria Igreja, pois eles fazem questão de se dizerem clérigos e além do mais figuras importantes do Clero. A deformação do Cristianismo revela suas conseqüências mais desastrosas nesse charlatanismo vulgar e irresponsável. Teria o Cristianismo oficial atingido o último degrau da deformação do homem? Quando os representantes de uma doutrina fortemente institucionalizada descem a esse plano, não se precisa de outras provas da falência da instituição. Qualquer colégio secundário

puniria os alunos que fizessem essas coisas em nome do colégio, a menos que seus diretores fossem descuidados ou também incompetentes.

Cristo e o Mundo

Jesus de Nazaré chegou ao mundo em silêncio e humildade. Na casinha pobre de José e Maria, em Nazaré, nasceu mais uma criança, como tantas outras nasciam na mesma hora em toda a Palestina. Ouvia-se o choro da criança e os pais se encheram de alegre emoção. Naquele tempo a Terra ainda estava pouco povoada. Havia muito espaço e pouca gente. O nascimento de uma criança era uma bênção para o casal, por mais filhos que já tivesse. As necessidades mesológicas agem sobre os homens determinando o aflorar de anseios adequados. O culto fálico na remota Suméria não decorria de exagerado erotismo, mas da necessidade de povoar as imensas extensões vazias de território. Em Israel, o casal sem filhos era considerado em desgraça, ou seja, privado da graça de Deus. Para as famílias pobres, os filhos não eram carga, mas descarga. Desde pequenos ajudavam a manter a casa, engajavam-se no serviço. O nascimento de Jesus foi alegre e festivo para os pais e parentes próximos. A família aumentava e adquiria mais importância na vida social. A espera do Messias era uma preocupação constante, pois Israel necessitava de um novo Davi, que crescesse na graça e na fortaleza de Iavé, para expulsar Edom, o poder impuro dos romanos. Quando uma criança estava para nascer, numa família ligada à descendência de Davi, a expectativa crescia e as profecias surgiam de todas as formas. Muitas profecias foram feitas sem dar resultados. Mas a que se referia a Jesus deu certo: nasceu um menino e não uma menina. Esse menino podia ser o Messias. Não obstante, não houve sinais no céu nem na terra, os anjos não voaram sobre a casa dos pais e a neve só se tornou mais brilhante para os que estavam alegres. Apesar disso a expectativa continuou. Jesus cresceu na solicitação das esperanças da raça. Para forçar essa esperança, segundo o princípio mágico da influência da vontade humana sobre os deuses, todos viam no recém-nascido o futuro Messias. Só o tempo faria que essa esperança se apagasse, até que outro nascimento se desse em condições possíveis. Quando o

menino começou a brincar naturalmente com os outros da sua idade, sem que nada demais acontecesse, todos se desinteressaram dele. Daí o silêncio que se fez a seu respeito, até o momento que, sendo levado ao templo, para a bênção da virilidade, respondeu com inteligência incomum à sabatina ritual dos rabinos. Então a esperança renasceu ao seu redor. Talvez fosse ele! As pessoas não iam além disso. Tinham medo de proferir a palavra Messias. Mas depois do sucesso no templo, Jesus voltou a trabalhar com o pai na carpintaria e os rumores cessaram de novo.

Os anos correram com as tropelias e as fases de prolongada rotina. Jesus tornou-se um jovem inteligente e ativo, sonhador, mas nem por isso revelando sinais messiânicos. Por isso, quando resolveu iniciar o seu ministério, aquilo para que havia nascido, sua mãe e seus irmãos se assustaram. O velho José já havia morrido, pois não voltou a aparecer nos relatos. A inteligência e o senso de responsabilidade do rapaz o indicavam como o sucessor de José. Mas Jesus começou a falar de outro pai, com o qual tinha compromissos maiores: o Pai do Céu. Pensaram que ele estava enlouquecendo. Por isso, Maria e os demais filhos foram buscá-lo e ele se recusou a atendê-los. Estavam perdidas todas as esperanças. Como tantos alucinados daquele tempo, o jovem Jesus se transformava num rabino popular, sem ligações com o Templo, sem nenhuma forma de poder ou recursos em dinheiro que o pudesse levar ao sucesso. Maria sofria em silêncio as suas angústias. Esperava muito daquele filho, e agora o via atirado às feras herodianas e ao poder romano. Pressentia a tragédia, mas esperava no poder de Iavé. Quem sabe se aquilo não passaria logo e Jesus voltaria aos trabalhos da carpintaria. Como acontecia com todos os que sonhavam com a expulsão dos romanos ou apenas queriam defender a pureza de Israel, ameaçada pelos *goyim* e pelos traidores da nação, Jesus conseguiu adeptos que acreditavam nos seus poderes secretos. Entre esses, ele escolheu os que julgou mais capazes de enfrentar a temerária empreitada. E foi então, só então, que as lendas da sua infância mágica, do seu nascimento miraculoso, da sua adolescência de sábio precoce, da sua consciência de ser um novo Davi, Rei dos Judeus e Senhor da Terra Prometida, começaram a formar-se e espalhar-se

entre o povo. Era necessário que ele nascesse em Belém de Judá, na cidade de Davi, segundo as predições bíblicas. A imaginação popular aproveitou o recenseamento de Quirino, que só ocorrera dez anos depois do seu nascimento, para fazer que José e Maria fossem a Belém e o menino nascesse no lugar devido. Era fácil imaginar que naquela noite de inverno o céu estava mais rutilante, que os anjos baixaram no horizonte para cantar louvores ao Messias, que os animais se juntassem em torno do recém-nascido para aquecê-lo com o seu bafo, que os pastores se ajoelhassem comovidos nos campos gelados e que os Reis Magos de reinos distantes e misteriosos descobrissem no céu a Estrela de Davi e se apressassem a levar ao Messias os seus presentes simbólicos.

A mentalidade mitológica tem o poder do vegetal: suga da realidade os elementos necessários à elaboração da seiva e com esta produz flores e frutos. O mito nasce da água ou da terra, mas projeta-se nas estrelas. Por isso diziam os romanos prudentes que não se devia tomar a nuvem por Juno, a deusa que podia surgir no céu a qualquer momento. Parece-nos incrível que os homens daquele tempo se deixassem levar por tantas fantasias. Mas acaso os homens de hoje, na era da Razão, ainda não são capazes de criar e alimentar mitos? Também o nascimento de Buda foi cercado de fatos maravilhosos, de incríveis milagres. Mas só depois que ele já havia crescido, casado e abandonado sua mulher no palácio real para se entregar à busca da Verdade.

Este quadro do nascimento e desenvolvimento de Jesus, inteiramente despido dos acessórios mitológicos, pode parecer frio e vulgar, sem dados positivos que possam comprová-lo. Por outro lado, a tradição mitológica, arraigada no espírito popular e alimentada pelas festas e cerimônias religiosas, fará que muitas pessoas rejeitem indignadas essa simplicidade. Mas, como lembra Guignebert, os que pensam que o Cristianismo nasceu e se desenvolveu de maneira diferente das demais religiões, estão seguramente enganados. As leis que regem os processos sociais são tão seguras e permanentes como as que regem, segundo queria Spencer, os nossos processos fisiológicos. No desenvolvimento das instituições religiosas temos sempre de considerar a presença de dois fatos básicos: a realidade histórica e a elabora-

ção mítica dessa realidade. Não se trata de um processo exclusivo das religiões. Em todos os fatos sociais a imaginação se infiltra, produzindo e desenvolvendo o mito, em maior ou menor escala. No caso das religiões todas as escalas se rompem, pois a imaginação é estimulada fortemente pela paixão. As pesquisas históricas sobre as origens do Cristianismo, passadas pelo rigor do crivo metodológico, em mais de um século de trabalho, por uma equipe de especialistas universitários, não deixam a menor dúvida sobre as fantasias piedosas tecidas em torno do nascimento e da vida de Jesus.

Não se trata mais de qualquer dúvida sobre a sua existência histórica, mas não resta também nenhuma possibilidade de se admitir como reais as lendas criadas a seu respeito. Os documentos, os costumes, as tradições do povo, muitas delas conservadas até hoje no meio judaico, constituem o acervo de provas que permitem a reconstrução dos fatos em sua simplicidade verdadeira, pois só a realidade é simples no plano histórico, negando a complexidade imaginosa dos mitos. Quem não dispõe de mentalidade positiva, preferindo embalar-se nos sonhos, deve ficar com a visão mitológica de seu agrado, mas convém ao menos compreender que fez uma escolha temerária, pois a fantasia se desfaz inexoravelmente no tempo.

O Cristianismo, que pelo poder do seu conteúdo moral e espiritual já podia nos ter dado um mundo melhor, foi frustrado na sua intenção pelo apego dos homens ao maravilhoso, ao fantástico, e pela indiferença preguiçosa dos comodistas, que só pensaram em se acomodar e tirar proveito das situações criadas. Jesus não foi um alucinado, como o diagnosticou Binét Sanglé, nem um Deus, como querem ainda hoje os religiosos ingênuos, mas um homem, encarnação de um espírito superior, que se encarnou num momento decisivo da evolução humana, a fim de dar a sua contribuição para o progresso da Terra. Ele mesmo insistiu sempre em sua condição humana, chegando mesmo a comparar-se com os demais e a afirmar que qualquer um poderia fazer o que ele fazia. Por isso foi preso e morto pelos dominadores da época, que se sentiam ameaçados pela verdade que ele ensinava.

E depois de morto, segundo os processos de execução do tempo, renasceu em espírito como todos nós renascemos após a morte.

Esta redução fenomenológica da figura sagrada do Cristo pode parecer exagerada. Algo diferente devia caracterizá-lo, para que ele pudesse impor-se como se impôs num meio discutidor como o judaico. Claro que existia, mas não no sentido sobrenatural. Jesus se impunha pela superioridade moral e intelectual, pela sua presença irradiante de amor e simpatia para com todos, pelo seu espírito compreensivo, pela sua personalidade espiritual transbordante de bondade. Mas também pela sua firmeza e energia, pela coragem de enfrentar todas as situações, por mais difíceis que fossem, pela sua franqueza na repulsa ao mal e a sua posição definida em todas as questões. Dispunha de dons espirituais que lhe permitiam curar, prever o futuro, libertar as vítimas de obsessões, como fazem hoje os médiuns suficientemente moralizados. Todo esse conjunto de qualidades superiores está hoje provado pelas pesquisas psicológicas e parapsicológicas. Mas o que mais impressionava ao povo e às autoridades do tempo era a sua disposição para o sacrifício, a ausência de medo diante do perigo.

Pode-se alegar, contra isso, o seu pedido no Horto para que o cálice da amargura fosse passado além. Mas esse episódio é também marcado pela presença de elementos míticos e aparece interpretado de maneiras diversas pelos exegetas. O seu brado final na cruz: “Meu Deus, porque me desamparastes?” revela a sua condição humana na hora da agonia, quando as forças do corpo falecem e o espírito fraqueja. Ele se mantinha nessa condição, negando-se a diferenciar-se dos outros, da espécie humana a que se ligara. Ainda nesse episódio os elementos míticos, como o rasgar do véu do Templo, o escurecer do céu, o tremor da terra e assim por diante. É principalmente nesses momentos agudos da sua vida e da sua paixão que o colorido emocional do mito se manifesta, tirando-lhe a naturalidade e a grandeza. Sim, a grandeza, porque esta não está no mito, mas no homem.

As relações de Jesus com Deus, o Pai, se passam na intimidade de sua alma e não dos rituais do Templo ou de fórmulas exclusivas. Ensina aos discípulos a se dirigirem a Deus com a

sua mesma simplicidade e naturalidade, com as expressões simples e humanas do Pai Nosso. Não usa vestes sacramentais, usando apenas a túnica e as sandálias. Não fala ao homem corpóreo, mas à alma do homem, tocando-lhe os sentimentos mais profundos. Chama-se ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho do Homem, pois essa é a condição humana de todos nós. Não se coloca de intermediário único do homem com Deus – elemento mítico que a Igreja acentua como ponto central da Revelação nos Evangelhos sinópticos – pois ensina os homens a se dirigirem diretamente a Deus. E quando exclama que ele é o caminho, a verdade e a vida, é para afastar os homens dos caminhos traiçoeiros da hipocrisia farisaica, e indicar-lhes o caminho seguro dos seus ensinamentos renovadores. Havia uma oposição clara entre ele (que não ensinava o que era dele, mas o que recebera do Pai) e os fariseus, que ensinavam o que não haviam entendido. Era preciso mostrar claramente que os ensinamentos do Templo estavam superados e deviam ser substituídos pela Boa Nova que ele trouxera à Terra. Sua posição era declaradamente reformista. A velha religião judaica havia perdido o seu conteúdo espiritual. Transformara-se numa instituição política e comercial. Os fariseus dominavam Israel, ligados aos romanos invasores. O culto externo se refinara e multiplicara as suas exigências para os fiéis, obrigando-os a pesados sacrifícios, tanto para o cumprimento das obrigações rituais, quanto para a onerosa contribuição em dinheiro que, pelas mais variadas formas, deviam pagar aos cofres do Templo, além dos tributos cobrados rigorosamente pelas autoridades romanas.

Como Jesus enfrentou o problema da dominação estrangeira? O episódio da moeda parece colocá-lo numa posição neutra até mesmo comprometedor: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Uma fórmula tipicamente oriental, acomodaticia e protelatória. Mas a situação estava demasiadamente tensa e perigosa. Os rebeldes judeus eram poucos e não dispunham de armas nem de técnica para enfrentar as guarnições romanas fortemente armadas e treinadas. A revolta de Judas Galonita havia sido profundamente desastrosa. Os rebeldes que não morreram na luta foram crucificados ao longo das estradas

principais e ali deixados expostos para escarmento do povo. Naquele momento, os que se recusavam a pagar o tributo eram castigados ou mortos pelos romanos, com auxílio das próprias autoridades judaicas aliadas aos invasores. Era sabido que Jesus se voltara contra o Templo e os rebeldes procuravam o seu apoio. Se ele tomasse uma atitude política favorável aos rebeldes, a sua fama messiânica precipitaria mais um massacre romano sem nenhum proveito, ser-vindo apenas para cobrir Israel de mais sangue e maior desespero. A sua própria autoridade moral desapareceria, pois esperavam dele a libertação de Israel pelo mágico poder messiânico. Seu anseio de libertação não era patriótico, era humano e universalista. Sua resposta segura e sensata liquidou a questão e lhe permitiu a continuidade da sua obra redentora.

Se Jesus fosse o louco da diagnose tardia de Binét Sanglé, em seu livro *La Folie de Jesus* (A Loucura de Jesus) teria naquele momento precipitado uma das sangrentas tragédias coletivas da História, sem nenhum resultado benéfico.

O episódio da moeda romana esclarece a posição de Jesus diante do mundo. Ele enfrentava os problemas do mundo como um homem do seu tempo, mas dotado de visão mais profunda e mais ampla que os demais. Era um judeu integrado na raça, engajado na luta pelos direitos do povo, contra o sacerdócio traidor e os potentados traidores, mas não limitava a sua visão à Judéia, abrangia nela todos os povos e todas as raças da Terra. Seu objetivo era a libertação do Homem, não dos homens desta ou daquela nação, desta ou daquela raça. Por isso falava às almas encarnadas, despertando-as na carne, e não às encarnações de almas que em geral se perdiam na atração dos interesses imediatistas da vida material. Dificil posição, que exige um equilíbrio perfeito do espírito, um senso agudo da realidade imediata em sua relação dinâmica, não raro contraditória, com a realidade absoluta. No episódio da moeda, Jesus agiu com decisão instantânea, numa intuição total das implicações do problema que lhe propunham. Sua resposta foi um golpe de asa, ligando o Céu e a Terra, o problema humano ao problema espiritual, para lhe dar a única solução possível. Até hoje a maioria não percebe a grande-

za daquela resposta, que fez silenciar a malícia dos interpelantes. Vêem nela somente o que nela não existiu: a manobra astuciosa para safar-se de uma dificuldade. E isso nos dá a medida da nossa evolução terrena.

O episódio da mulher adúltera que ia ser lapidada nos mostra outro ângulo da posição de Jesus diante do mundo. Jesus não discute com os guardiães pretensiosos da moral social. Não perde tempo em argumentar com aqueles fanáticos palradores, viciados em sofismas e jogos de palavras. Permite a lapidação da infeliz, mas com uma condição: “Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra”. Não se dirigiu à mente daqueles homens ligados aos problemas mundanos. Propôs-lhes uma questão de consciência, falou-lhes às consciências e portanto à alma de cada um. E com isso bloqueou o fluxo da loucura coletiva, do sadismo e da brutalidade prestes a explodir. Os braços desceram, as mãos se abriram e as pedras caíram no alvo natural: o chão. Dizem que hoje o efeito seria o contrário, pela inconsciência dominante. Mas naquele tempo a situação consciencial não era melhor. O que hoje falta é quem saiba falar às almas e não aos homens. Então Jesus se dirige à mulher: “Ninguém te condenou, eu também não te condeno. Vai, e não peques mais”. Ninguém nos diz o que aconteceu após isso. Mas é evidente que Jesus preparara as condições necessárias, com todo o impacto daquele momento, para falar também à alma emocionada da pobre mulher.

O problema sexual, por sua própria gravidade, fundado nas bases da vida e envolto nas mais profundas aspirações da alma, tornou-se para o homem comum o campo preferido dos seus desabafos contra a pressão social e do livre exercício da sua prepotência. Mata-se na defesa da honra ou por amor com a maior facilidade. Porque todos justificam esses crimes, pois todos têm a sua culpa no cartório e desejam descarregá-la no próximo. A mulher lapidada seria a vítima das culpas recalçadas dos lapidadores. Jesus fez o contrário: tocou nas culpas de cada um e desarmou-os a todos, porque todos sentiram que eram irmãos e comparsas daquela pecadora que desejavam massacrar ao invés de ajudar. Sua posição nesse caso confirma-se na atenção a Madalena, aceitando a sua unção (que os judeus considera-

vam impura) e integrando-a no seu grupo de auxiliares. E foi ainda mais longe, aparecendo a ela em primeiro lugar após a ressurreição. Como se confirmava espiritualmente o acerto de sua posição terrena em face do problema, para que não restassem dúvidas entre os discípulos.

Que terrível contraste nos oferece o Cristianismo Oficial, em relação ao Cristo, nesse problema. A sexualidade (não apenas o sexo) é considerada fonte de pecado e todas as suas exigências devem ser sufocadas pelos cristãos. Essas exigências não se referem apenas ao ato sexual (do qual nascemos) mas ao simples desejo que abre portas ao Diabo e ao próprio sentimento de amor que atrai as criaturas e lhes desperta o anseio de unidade afetiva, de fusão de almas para a realização recíproca dos objetivos da vida. O celibato sacerdotal, a clausura das freiras, os cilícios aviltantes, a deformação das adolescentes nos conventos através de instrumentos medievais para impedir o desenvolvimento normal dos seios, a obrigação de tomarem banho com roupas, sem se desnudarem, para que não se perturbem com a própria nudez e o Diabo não as tente ao vê-las nuas, são apenas alguns dos frutos bastardos dessa contradição ao Cristo. E tudo isso em nome do Cristo e da sua Doutrina redentora. O Cristianismo, que veio dar ao homem vida em abundância, transforma-se em repressor brutal e ignorante das manifestações da vida. O Cristo, que falava de beleza e da perfeição, passou a patrocinar os processos da deformação humana, no corpo e no espírito. Os chineses diminuían os pés das mulheres para embelezá-las, os cristãos deformam os seios das adolescentes, atrofiando-os com a tortura de instrumentos medievais, deformando-lhes a mente com o temor constante do Diabo, enfeitando-as.

O Cristianismo do Cristo era um defensor da mulher, exaltava-lhe a beleza e a ternura, estimulava a sua pureza espiritual, integrava-a nos próprios trabalhos messiânicos, perdoava-lhe os erros e louvava a sua capacidade de amar. Madalena foi perdoada porque muito amara. O Cristianismo Oficial vestiu as mulheres de pesadas vestes negras, tirou-lhes o viço e a beleza, condenou os impulsos amorosos, fanou-as nos recessos dos conventos e muitas vezes as transformou em criaturas hipócritas e rancoro-

sas. Muitas freiras voltaram da morte para gemer junto ao leito das companheiras e contar-lhes os segredos do Purgatório, onde julgavam estar, submetidas às torturas da consciência culpada. É o que se vê, por exemplo, no livro *O Manuscrito do Purgatório*, publicado na Espanha com todas as licenças eclesiásticas e traduzido e publicado no Brasil, por Edições Paulinas, de Petrópolis, na tradução do Padre Júlio Maria, também com todas as licenças das autoridades eclesiásticas brasileiras.

O caso de Zaqueu revela-nos outro ângulo da posição do Cristo diante do mundo. O pequenino e detestado publicano, ladrão contumaz, sobe numa árvore para ver Jesus passar na rua, no meio da multidão. Jesus poderia ter passado indiferente, como se não visse o publicano. Mas, ao invés disso, pára sob a árvore e permite que o leve à sua casa, pois quer hospedar-se com ele. Quantos murmúrios teriam havido, quantos mexericos na multidão, quantos olhos arregalados de espanto. O Messias hospedar-se na casa de um publicano, talvez do pior deles! Zaqueu se comove com aquela honra inesperada. Promete devolver à pobreza a metade da fortuna acumulada com os seus roubos. Zaqueu se convertia, não a esta ou àquela religião, mas ao bem, à dignidade humana. Quem conheceria a mecânica social que através de pressões sucessivas, teria levado Zaqueu ao caminho do roubo? Jesus não o condenou, premiou-o. Mas esse prêmio tocou a consciência do publicano e ele se afastou do erro. O que interessava a Jesus não era a condenação, mas a salvação. A culpa de Zaqueu não era só dele, era também e principalmente da sociedade hipócrita e gananciosa em que vivia, daqueles que o forçaram a roubar para não perecer sem pelo menos a defesa do dinheiro, daqueles que o isolaram no aviltamento de si mesmo, que lhe negaram até mesmo a convivência do seu povo e o impediram de recorrer ao socorro e ao amparo da sua própria religião. Jesus não se interessava pela opinião dos Doutores do Templo, cujas mãos não estavam manchadas apenas pelos atos de rapina, mas também pela traição ao povo, à nação, às leis de pureza que fingiam sustentar. No caso da mulher samaritana e do bom samaritano, essa posição de Jesus se confirma na rejeição

do sectarismo, do orgulho religioso, da pretensão hipócrita de pureza.

Não se precisa aprofundar mais na relação dos fatos significativos da vida de Jesus. Bastam esses fatos para vermos que o chamado Cristianismo Oficial, como disse Stanley Jones, está mais distante do Cristo do que o chamado Cristianismo marginal dos nossos dias. A marginalidade, no caso, é determinada pelos que se apossaram indevidamente das fontes do ensino do Cristo e sobre elas construíram edifícios que, como os cenotáfios dos profetas, grandiosos por fora mas vazios por dentro, pois nem sequer os restos mortais do homenageado se encontram no silêncio abismal do seu interior.

Jesus de Nazaré não é filho unigênito nem primogênito de Deus, cuja paternidade não decorre de gerações biológicas. É um filho de Deus como todos nós, com a diferença apenas do seu grau de evolução, que é muito mais do que podemos supor. Espírito que evoluiu em mundos anteriores à Terra, subindo ao plano das constelações dos mundos superiores, voltou aos planos inferiores por um impulso de amor, para nos dar na Terra a possibilidade de avançarmos também, como ele, na direção das estrelas. Por amor entregou-se ao sacrifício de mergulhar na carne, sofrendo todas as conseqüências dessa decisão consciente, a fim de nos arrancar do tremedal das idéias rasteiras e do círculo vicioso das encarnações repetitivas. Sua glória não é a de haver morrido na cruz, entre o bom e o mau ladrão que representam a nossa humanidade, mas a de haver ressuscitado para nos provar que todos ressuscitaremos.

8

A Desfiguração do Cristo

A Transfiguração no Tabor, a Ressurreição, o momento que acompanhou os discípulos no caminho do Emaús e a sua ascensão em Betânia, são episódios que causaram entusiasmo entre os mitólogos, naturalmente interessados em provar que Jesus de Nazaré era simplesmente um mito. A sensação de realidade que possuímos da nossa própria integridade física, o hábito de nos apoiarmos na realidade perceptível como garantia da veracidade da nossa própria existência e a ilusão da constância de nossa forma física, levam-nos a considerar o que se apresenta como instável e mutante na condição de simples ilusão. A fantasia, o sonho, o mito, nada mais são do que elementos imaginários que se inserem fugazmente no duro mundo concreto da existência. Não obstante, sabemos que a existência, segundo a definição das Filosofias Existenciais da atualidade, é puramente subjetiva. Nós mesmos, nesse caso, somos irrealidades ideais que nos inserimos furtivamente na realidade objetiva. As metamorfoses de Jesus não diferem daquelas porque passamos em nossa própria vida.

Na Ressurreição, Madalena não reconhece de imediato a presença de Jesus e o confunde com o jardineiro. Tomé recusa-se a aceitar a veracidade das manifestações do Senhor no Cenáculo das reuniões apostólicas e só se convence ao tocar as chagas da crucificação. Os discípulos de Emaús só reconhecem o Mestre, que para eles estava morto, no ato de partir o pão, quando ele se identifica pelos gestos e a atitude. O mesmo acontecerá com os discípulos a caminho da Galiléia. Mas a ascensão em Betânia mostra-se tão carregada de elementos míticos, que só hoje pode ser encarada como parcialmente verídica, graças ao conceito de paranormalidade e às novas leis descobertas no campo da fenomenologia de ordem física. Sem o conceito atual do corpo-bioplásmico, que confirma a tese cristã do corpo espiritual e a descoberta espírita do perispírito, no século passado, não poderíamos admitir o episódio da ascensão em termos de realidade visível. Também no episódio do Tabor, com a presença de Elias

e Moisés ao lado de Jesus, tudo não passaria de uma alucinação mística de natureza estritamente simbólica. Mas as pesquisas metapsíquicas e parapsicológicas do nosso tempo revalidam a realidade do episódio, sem com isso negar a presença, no mesmo, de elementos míticos decorrentes de funções dos arquétipos do inconsciente.

Ao lado desses episódios, que têm hoje o apoio das novas descobertas científicas, aparecem outros que se caracterizam como inapelavelmente mitológicos. Guignebert, que considera o episódio da Paixão como tipicamente histórico, bem enquadrado na realidade do tempo, repele a interpretação do mesmo pelos gnósticos-docetas, no primeiro século. Segundo estes, a estranha figura de Simão Cireneu, que chega do campo e ajuda Jesus a carregar a cruz até o Calvário toma as feições e o aspecto geral de Jesus, enquanto este se revestia de todo o aspecto do camponês piedoso. Dessa maneira, chegando ao Monte das Oliveiras, os soldados incumbidos da execução crucificaram o Cireneu em lugar de Jesus, que tranqüilamente deixou a sua imagem na cruz e se retirou para surpreender os seus apóstolos e discípulos com a sua pretensa ressurreição. Os docetas sustentavam que Jesus não tinha realidade física, que o seu corpo era apenas aparente. Sua posição contrariava as teses da encarnação do Cristo, apresentando-o como uma espécie de deus mitológico, sob a influência das idéias helenísticas. O Docetismo exerceu grande influência em Alexandria, propagando-se a Éfeso, onde o Apóstolo João instalara a sua Escola Cristã. João refutou a tese doceta como herética, pois além de não corresponder à realidade histórica, transformava o Cristo num falsário. Renan conta um curioso episódio em que João se dirige com seus discípulos ao balneário público de Éfeso, e ali chegando volta com os discípulos, dizendo-lhes: “O balneário vai cair, pois lá se encontra Cerinto, o maior dos mentirosos”. Cerinto era um dos introdutores do Docetismo em Éfeso.

Essa teoria absurda reapareceu na França, através de uma obra confusa e carregada de pesado misticismo ridicularizante. Um advogado de Bordeaux, Jean Baptiste Roustaing, elaborou essa obra através de comunicações mediúnicas atribuídas a

Moisés, João Batista, os Apóstolos e os Evangelistas. Um grupo místico do Rio de Janeiro adotou com entusiasmo essa obra, conseguindo apossar-se da Federação Espírita Brasileira, e até hoje a propaga e sustenta, contra a maioria das instituições espíritas do Brasil e do mundo. É inacreditável o fanatismo dos roustainguistas, o que se justifica pela sua mentalidade anti-racional, apegada aos resíduos do passado mágico e mitológico, portanto contrária à posição racional do Cristianismo e do Espiritismo. Esses defensores do absurdo chegam ao cúmulo de citar a obra mistificadora, *Os Quatro Evangelhos*, como uma das dez obras mais importantes da literatura mundial, e Roustaing, como uma das dez maiores figuras da Humanidade. Kardec condenou essa obra, o que provocou um revide de Roustaing.

Ao episódio do Tabor, cujo relato evangélico apresenta todas as condições de um fenômeno paranormal, inclusive com atitude dos apóstolos, que sugere a doação de energias ectoplásmicas para a aparição de Elias e Moisés, a fábula dos docetas (como o Apóstolo Paulo a classificou) apresenta-se como uma das mais estranhas desfigurações do Cristo. Essas desfigurações forneceram elementos ricos e valiosos aos mitólogos para negarem a existência real e histórica de Jesus de Nazaré, como o fizeram Artur Drews e Georges Brandis, entre outros. Nas reuniões dos cristãos primitivos, logo após a morte de Jesus, o chamado culto pneumático era constantemente tumultuado pelas manifestações de espíritos turbulentos e grosseiros, que diziam pesados palavras contra o Messias. O Apóstolo Paulo nos oferece o modelo de um culto pneumático no capítulo intitulado *Sobre os Dons Espirituais*, em sua I Epístola aos Coríntios. O nome do culto era derivado da palavra grega *pneuma*, que significa espírito e sopro. Paulo aconselha ordem rigorosa no culto, falando cada profeta por sua vez e permanecendo os outros em oração, precisamente para evitar a interferência de manifestações agressivas. O profeta era o que hoje chamamos médiuns, os intermediários entre os espíritos e os homens. Como haviam muitas comunicações em línguas estranhas, como as ocorridas no Pentecoste, Paulo recomenda que ninguém aceitasse comunicações em língua que ninguém da mesa conhecesse, pois, sem poder traduzi-las, a

manifestação não serviria para ninguém. Esses cuidados permanecem no Espiritismo, e muitas sessões mediúnicas seguem a orientação paulina. Não obstante, a situação hoje é diferente, pois a mediunidade, profundamente estudada e pesquisada, em todo o mundo, pode agora ser mais bem controlada. As sessões mais proveitosas e produtivas são aquelas em que há maior liberdade, proporcionando o diálogo entre espíritos comunicantes, para maior elucidação dos problemas em causa. Vários doutrinadores entram em ação, de maneira que os médiuns presentes são mais bem aproveitados. Ainda hoje aparecem, em menor número e com menos violência, espíritos agressivos que repelem o Cristo. Esse fato é importante porque mostra a continuidade do culto pneumático e a insistência dos espíritos inferiores na desfiguração do Cristo, que chegam a chamar ainda de embusteiro. São esses os espíritos da mentira, em oposição aos espíritos da Verdade, que procuram esclarecer e orientar as entidades malfeitoras.

O interesse em desfigurar o Cristo vem dos planos inferiores do mundo espiritual e se manifestam de várias formas: pelas comunicações mediúnicas inferiores, pelas intuições dadas a adeptos do Cristianismo e do Espiritismo para introduzirem teorias e práticas ridicularizantes no meio doutrinário, sempre atribuindo a Jesus posições, palavras e atitudes que o coloquem em situação crítica pelas pessoas de bom senso. Para isso, as entidades mistificadoras se aproveitam da ignorância e da vaidade de criaturas desprevenidas, da auto-suficiência de criaturas autoritárias e arrogantes, que facilmente se deixam levar por elogios e posições lisonjeiras que podem exaltá-las na instituição a que pertencem.

A gigantesca luta empreendida pelo Apóstolo Paulo, após a sua conversão, para preservar a pureza dos ensinamentos de Jesus e da sua excelsa figura, em meio aos próprios apóstolos do Mestre, revela de maneira eloqüente, a dificuldade dos homens para compreenderem a Verdade Cristã. Os apóstolos judaizantes, como ele os chamou, e entre os quais se encontrava o próprio Simão Pedro, pode nos dar a idéia do que realmente se passa nesse caso, para não cairmos também em interpretações místicas

de uma situação natural, proveniente da falibilidade humana. Não se trata de nenhum mistério, de uma potência satânica a espreitar-nos nas trevas, de um Reino do Diabo a combater o Reino de Deus, de uma figura assustadora do Anti-Cristo a lutar contra o Cristo. O próprio episódio evangélico da tentação de Jesus no deserto, pelo Diabo em pessoa, revela-nos o seu sentido alegórico no fato incontestável de que a tentação era provocada em Jesus por insinuações lisonjeiras. A condição humana de que ele se investira, para viver entre os homens e falar-lhes como homem, o sujeitava naturalmente à fascinação das ilusões terrenas. Jesus meditava sobre a missão difícil que ia realizar, cheia de perigos evidentes, e na meditação se infiltravam naturalmente as opções da fuga. Em todas as grandes religiões encontramos figuras diversas dessa luta, em que o espírito superior enfrenta as solicitações do plano inferior e precisa vencê-las para não fracassar nas batalhas que vai travar. Na História de Buda, surge a alegoria das tentações no momento em que ele se senta sob a árvore da meditação. No Islamismo temos o exemplo do que pode acontecer ao espírito que se deixa vencer. A guerra incruenta do espírito para ajudar o homem a elevar-se, transforma-se no domínio absoluto da espada e do alfange, desencadeando a terrível guerra do Islã, em que o Cristianismo, de cujas entranhas nasceu o Islamismo, se converte no inimigo a ser derrotado pela força das armas.

Cada forma de vida tem as suas leis, constitui-se de um vasto e profundo sistema de ações e reações, causas e efeitos que formam a teia de aranha em que a própria aranha se enrosca para poder viver. Essa teia pode ser definida como um campo estruturado de forças a que o espírito se imanta e ali permanece subjogado pelas forças gravitacionais do campo. A lei de inércia, que mantém a estabilidade das coisas e dos seres, no processo de conservação, tange na pedra que repousa no chão, quanto no espírito que repousa em seu próprio modo de ser. Essa lei não é má nem diabólica, é natural e faz parte do processo evolutivo. Mas a mente humana, com sua tendência antropomórfica, reveste os seus efeitos de características humanas. O mito do Diabo não é mais do que uma forma do antropomorfismo que se infiltra em

todas as nossas fases de transição para planos superiores do espírito.

Por isso, Jesus preceituou: “Vigiai e orai”. A vigilância se exerce primeiro em nós mesmos, em nosso íntimo, e a seguir na relação social. Depois do episódio da estrada de Damasco, Paulo recolheu-se à meditação no deserto para reestruturar a sua situação espiritual, profundamente abalada pelo terremoto psíquico e emocional do encontro com Cristo. Só então poderia voltar à ação, às atividades do seu apostolado, que o Cristo transformara de judeu a cristão. Muitas vezes sentiria ainda os impulsos anteriores influenciando na sua nova conduta. Muito teria de lutar para não cair de novo no campo estruturado e sempre ativo dos seus condicionamentos. E que enfrentou fracassos não há dúvidas, pois ele mesmo clamou: “Miserável homem sou, que não faço o bem que quero, mas o mal que não quero!” Tinha um espinho na carne, segundo declarava, e um espinho inquietante que os outros viam e comentavam. Mas a sua intenção firme de vencer, a sua convicção da realidade espiritual do Cristo e a sua vontade em permanente tensão o levariam à vitória sobre o Diabo, sobre as forças retrógradas em atividade no seu íntimo. Venceu galhardamente no tocante a si mesmo, na batalha interna. Mas no campo das atividades externas, não conseguiu livrar-se de condicionamentos judaicos enraizados, que o levaram a tomar uma posição negativa no tocante às mulheres (sempre mantidas na área da submissão escravagista) e no tocante à Doutrina cristã, que enredou na sistemática da Igreja, tendo mesmo fundado a Igreja Cristã independente em Antióquia, com sua incipiente hierarquia sacerdotal. Não conseguiu perceber o sentido profundo da renovação cristã, o significado interior da liberdade em Cristo, e nem foi ele – nem Jesus, nem Pedro – o fundador da religião que deformaria totalmente o Cristianismo do Cristo.

Claro que a instrução de Paulo não era essa. Ele sonhava com um Cristianismo puro, severo, bem estruturado, com a disciplina judaica do Templo, sustentando a Verdade cristã num mundo indisciplinado que devia organizar-se na ordem da moral cristã. Seu erro foi justamente esse. Jesus de Nazaré nunca mostrara interesse pela pompa e a disciplina fria do Templo. Como afirma

Guignebert, ele não queria fundar nenhuma religião e nenhuma Igreja. Jesus falava às almas, não aos robôs das instituições sociais. Não pretendia organizar exércitos poderosos para lavé, que já perdera os seus para o furioso Júpiter Capitolino. Não queria tropas ao seu serviço, mas rebanhos pastando nos campos ao alvorecer. Queria a terra florida com a germinação das suas palavras. O Cristianismo não surgia como religião formal, mas como a pura essência da Verdade. Um movimento de almas, não de corpos materiais animalizados e atrelados ao carro dos poderosos. Paulo, que se formara na disciplina farisaica, não podia compreender esse anarquismo do espírito, que antes lhe parecia vagabundagem, indisciplina, sonho irrealizável de um poeta inspirado nas utopias platônicas. Não lhe passaria pela mente dizer isso de Cristo. Assim, Cristo só poderia desejar a estruturação de uma Igreja forte e poderosa, insuflada pelo sopro do espírito messiânico. A fracassada tentativa dos Apóstolos, com o velho Pedro à frente, de organizar a comunidade descrita no *Livro de Atos*, comprovava isso de maneira absoluta. Paulo quis e fundou a Igreja em Antióquia, mas os romanos deram a cadeira que lhe pertencia ao velho Pedro.

Era muito importante, naquele tempo, falar em Cristo Crucificado, porque essa imagem chocante mostrava Jesus como vítima da maldade humana, particularmente dos poderosos da Terra. A simples menção desse nome, despertava a lembrança do conluio judeu-romano para esmagar as esperanças de Israel. Hoje essa expressão soa falsa, pois o Cristo desfigurado aparece também como Rei, como um mito grego, como uma divindade da magia primitiva, que sacerdotes paramentados podem obrigar a se transubstanciar nas espécies materiais de uma forma sacramental. Hoje, além disso, o Cristo Crucificado aparece como instrumento dócil de demagogia política, símbolo de perseguições religiosas, de fogueiras assassinas, de guerras violentas, de mentiras interesseiras pregadas ao povo através de dois milênios de incessante deformação de sua figura humana e de sua doutrina de justiça e amor.

Hoje só existe um símbolo para o Cristo: o da Ressurreição. Provada cientificamente a existência do corpo espiritual, provada

a continuidade da vida triunfante após a morte, provada a herança de Deus na imensidade do Cosmos povoado de mundos, provada a ineficácia das instituições religiosas e seus métodos para levar os homens a Deus, pois que a maioria se afastou de Deus e o considera como superstição estúpida, só a figura do Cristo Ressuscitado, triunfando sobre a veleidade dos poderes terrenos e confirmando em si mesmo a verdade dos seus ensinamentos, poderá libertar as consciências do apego às coisas perecíveis, dando-lhes a confiança no poder superior do espírito. Se somos espíritos e não apenas um corpo material, e se temos a certeza de que o Cristo continua vivo e a nos inspirar em nossas lutas no caminho do bem, por que cultivarmos a morte e até mesmo as imagens de um cadáver que não foi encontrado no túmulo?

A desfiguração do Cristo atingiu o máximo nessas imagens frias que dormem o ano inteiro nas criptas das Igrejas, à espera do seu enterro anual, com luto, choro e velas acesas. O sadismo humano se revela num automatismo consciencial que o perpetua nas gerações sucessivas. Chegou o momento de compreendermos que o Cristo está diante de nós, na plenitude de sua vida e seu poder, procurando despertar-nos do pesadelo da morte.

Os Mandatários de Deus

Suprimido o culto pneumático do Cristianismo primitivo, quando as entidades espirituais se comunicavam com os apóstolos e discípulos de Jesus através da mediunidade, interrompeu-se o intercâmbio cristão entre os espíritos e os homens. Jesus terminara sua missão e retornara ao mundo espiritual. A Casa do Caminho, em Jerusalém, que era ao mesmo tempo um centro de devoção religiosa de assistência aos pobres, modificara-se sob a influência de Tiago, que se apegava fanaticamente aos princípios judaicos. Expandia-se o movimento cristão pelo mundo como a rede da parábola, colhendo em suas malhas peixes de todas as procedências. Com isso, práticas judaicas e pagãs infiltravam-se no meio cristão, desfigurando-o. O culto cristão se enriquecia com falsas pedrarias e se empobrecia espiritualmente. Os fenômenos mediúnicos eram asfixiados pelo afluxo de elementos que se deixavam fascinar por teorias e práticas de revivescência mágica. No quarto século, as antigas igrejas cristãs já adotavam as aras pagãs em forma de altares em que os ídolos surgiam, adaptados pelos cristãos desviados do Cristo. Argumentava-se: “Se os sacerdotes dos deuses falsos dispunham de templos suntuosos e vestiam roupagens e paramentos de esplendente riqueza, como admitir-se que o culto do Deus verdadeiro continuasse obscuro e pobre?” A tentação da riqueza, do esplendor fictício, das investiduras divinas, da hierarquia sacerdotal liquidava as últimas esperanças da sobrevivência da humildade primitiva. As ligações políticas lançaram a última pá de terra nas esperanças mortas. O Cristianismo fora absorvido pelo mundanismo.

Criou-se então uma situação difícil para os cristãos. O judaísmo apoiava-se na tradição das manifestações mediúnicas de Iavé, que validavam as investiduras dos mandatários de Deus. As Igrejas pagãs estavam em relação direta com os seus deuses, através dos oráculos e das pitonisas. Mas a Igreja cristã perdera o fio de Ariadne das comunicações espirituais e caíra nas garras do

Minotauro. Quem poderia validar as investidas divinas? Criaram-se então os concílios, em que se pressupunha a inspiração de Deus para as conclusões de intermináveis debates. Não obstante, era evidente a presença de mandatários da política mundana forçando a vitória dos seus pontos de vista, das decisões de interesse dos mandatários políticos. Essa situação se definia com a crescente multiplicação de compromissos mútuos, que tanto interessavam aos Reinos da Terra como ao Reino do Céu. Mas era evidente que o Reino de Deus, anunciado por Jesus, desaparecia do horizonte terreno.

Essa curiosa situação só poderia resultar na estrutura política, religiosa e social dos três Estados que a Revolução francesa teria de abalar logo mais, instituindo o terror como resposta histórica à Inquisição e levando Robespierre à Catedral de Notre Dame, para ali assistir à entronização da bailarina Candeille, no altar de Nossa Senhora. A Religião da Razão, fundada por Chaumette, não precisava de validade divina para as suas investidas, que se faziam em nome da Razão. Depois disso, viria Augusto Comte com a Religião da Humanidade. Os homens destronavam Deus e esqueciam o Messias judeu que tivera a fraqueza de entregar-se aos romanos para ser crucificado. Mas antes que isso se tornasse uma realidade, os mandatários de Deus, no Cristianismo entranhado na carne do mundo, já teriam conseguido uma fórmula mágica de legitimidade das ordenações da Igreja, através das procurações simbólicas que vinham do Apóstolo Pedro até os Bispos de Roma. Deus não falava mais diretamente aos seus servos, pois lhe haviam cassado a palavra na boca dos profetas, nem falava de maneira indireta, através de seus mensageiros, os anjos, segundo a expressão de Paulo, porque o culto pneumático fora proibido e convertido em manifestações secretas, privativas das cúpulas hierárquicas.

Essa situação histórica, que permanece até hoje, mantém o chamado Cristianismo oficial na condição de estranha e única religião do mundo, que não dispõe de meios espirituais para validar os seus mandatos divinos. Cortada a ligação natural com o Céu, consideradas as manifestações espirituais como diabólicas, condenados os que a recebem ou nelas crêem, o Cristianis-

mo se tornou auto-suficiente, como árvore transplantada definitivamente para a Terra, onde mergulhou as suas raízes, antes divinas, mas agora humanas e terrenas. Todos os processos de avaliação da legitimidade de um milagre, de uma profecia, de uma manifestação pneumática, decorrem e dependem de sistemas puramente humanos, em que Deus é submetido ao julgamento dos homens investidos de prerrogativas terrenas. Duas são as linhas da autoridade cristã: a infalibilidade e intangibilidade das Escrituras Judaicas (embora essas escrituras sofram constantes modificações feitas pelos homens) e o critério das cúpulas hierárquicas da Igreja. Fora disso, podem os anjos tocar as suas velhas trombetas, que não serão ouvidos nem emocionarão ninguém. Esse o resultado estranhíssimo dos excessivos convencionalismos do Cristo oficial, que acabaram transferindo para a alçada exclusiva dos homens as antigas prerrogativas de Deus.

E tão naturalmente se fez tudo isso, ao longo dos milênios, no jogo das convenções conciliares, que ninguém percebe a difícil situação moral e espiritual dos mandatários de Deus na Terra, na verdade desprovidos de qualquer legitimidade divina dos seus mandatos. Os Gnósticos, que enfrentaram o avanço dos cristãos, apoiados pelo Imperador Constantino, de Roma, diziam-se herdeiros de uma revelação antiga, que se conservara na sucessão dos mandatos. Pretendiam a universalidade, como os cristãos, mas não dispuseram de um apoio político e militar suficiente, sendo condenados como hereges. Os cristãos realizaram sua institucionalização sob a proteção romana toda poderosa. Tinham o mandato de César, mas faltava-lhes o de Deus. Todas as seitas cristãs que discordavam da posição dos protegidos de Roma eram declaradas hereges e muitas vezes exterminadas. A mesma aliança anteriormente efetuada entre romanos e judeus, em Jerusalém, efetua-se então entre romanos e cristãos, com propósito mais vasto, que era o domínio do mundo. Por mais que desejemos dourar essa situação, alegando a necessidade de expansão do Cristianismo para salvação da Humanidade, a verdade dos fatos históricos nos mostra que o objetivo principal, e que realmente se realizou, pelo menos em parte, era o domínio

político e militar dos povos sob o prestígio da Igreja cristã apoiada pelo Império.

Era natural que isso acontecesse, num tempo em que o poder político e militar se fundiam com o poder espiritual. Ambos se misturavam na imaginação do povo e era fácil mostrar de que lado estava Deus, pois o Todo Poderoso não podia ser jamais derrotado. As vitórias de Constantino eram a prova inegável e indiscutível de que Deus o apoiava. E quando a própria Igreja esmagava uma seita considerada herege, era claro que Deus estava com ela e não com os derrotados. A ignorância generalizada invertia a posição dos valores morais e espirituais, estimulando a criação do poder unificado que por sua vez unificaria o mundo em Cristo, para a salvação de todos. Compreende-se bem essa situação decorrente das antigas heranças mágicas, mitológicas e teológicas de todos os povos envolvidos. O que não se compreende é a falta, até hoje, de estudos mais aprofundados e independentes para a investigação de todo esse processo, no qual a seita miserável dos galileus tornou-se a parceira do Império que a combatia, para conquista do mundo. Não se trata de encarar o problema em sentido místico-religioso, pois então a explicação logo aparece como sendo apenas a vontade de Deus. Apenas, sim, porque essa vontade soberana anula todas as demais. O que nos falta é a análise racional e rigorosa das constantes e variantes desse gigantesco processo de totalitarismo político-religioso que por pouco não congelou para sempre, na dogmática fria da Igreja, toda a evolução cultural da Humanidade.

Voltando ao problema específico da legitimidade dos mandatos divinos do mundo cristão, tentemos esclarecer os motivos diversos, além dos já alegados, pelos quais essa legitimidade realmente não existe:

- 1º - Jesus não fundou nenhuma religião nem instituiu nenhuma igreja, segundo sustentam os grandes pesquisadores da História Cristã, desde Renan até Guignebert. Não instituiu nenhum sacramento nem procedeu a nenhuma espécie de ordenação sacerdotal. Afastado de todas as instituições religiosas dos judeus, não se subordinou a nenhuma delas e criou apenas um movimento livre e a-

berto de preparação do homem para um mundo de paz e concórdia, justiça e amor. Nesse movimento eram admitidos publicanos e samaritanos, ladrões e cortesãs, os puros e os impuros de Israel, o que escandalizava os judeus ortodoxos e os levou a rejeitá-lo.

- 2º - As palavras de Jesus a Pedro, chamando-o de pedra e dizendo que sobre essa pedra construiria a sua Igreja, são contestadas no próprio meio cristão. As Igrejas Protestantes defendem a tese de que a pedra não era Pedro, mas a revelação que ele fizera de que Jesus era o Cristo. E Pedro, na verdade, não fundou nenhuma Igreja. Participou do movimento cristão, revelando não o compreender suficientemente, como vemos por suas atitudes relatadas no Livro de Atos e nas epístolas de Paulo. Este, sim, Paulo de Tarso, aglutinando as chamadas Igrejas dos Gentios e ligando-as à Casa do Caminho, de Jerusalém, fundou a Igreja Cristã, desligando para isso a de Antioquia da Sinagoga local e dando-lhe a independência necessária à sua completa institucionalização. Mas Paulo não se colocou na posição de chefe da Igreja, nem procedeu a ordenações sacerdotais, recusando-se mesmo a batizar, pois segundo afirmou, só batizara uma vez e não mais voltara a fazê-lo, porque a sua missão não era batizar, mas pregar o Evangelho. Apesar de sua formação farisaica, Paulo de Tarso compreendeu a orientação de Jesus e não pretendeu criar uma Igreja Cristã nos moldes judaicos. Cortou o processo das ordenações, depois de haver circuncidado Apolo, o que passou a considerar como um dos seus erros. A possível transmissão da ordenação de Paulo pelo próprio Cristo não se efetivou, mesmo porque Paulo não se considerou ordenado, mas somente esclarecido pelos ensinamentos do Cristo.
- 3º - Pedro, apontado como o primeiro Papa, nunca exerceu essa função em Roma e em parte alguma. Até mesmo o fato de haver estado em Roma, é hoje posto em dúvida pelos pesquisadores universitários, não havendo nenhuma prova válida da sua presença em Roma ou do seu su-

posto Papado. Por outro lado, não consta que Pedro se tenha arrogado, em algum momento de seu apostolado, o direito de fazer ordenações sacerdotais em seu nome ou em nome do Cristo.

- 4º - O episódio do Pentecoste, considerado como ordenação divina do próprio Céu, dando aos apóstolos o direito de transmiti-la às gerações seguintes, não foi de ordenação sacerdotal, mas de confirmação da validade do culto pneumático, que a Igreja mais tarde extinguiu. As línguas de fogo sobre os apóstolos, fazendo-os falar línguas estranhas, era uma manifestação espiritual que confirmava simplesmente a capacidade dos mesmos para receber e divulgar mensagens espirituais. O Rev. Harold Nilson, tradutor da Bíblia para o irlandês, em seu livro “O Espiritismo e a Igreja”, descreve uma sessão espírita em que esse fato se reproduziu, tendo o Bispo que o acompanhava, seu superior em Belfast, declarado que só naquele momento compreendera a realidade e o significado das línguas de fogo. Estava diante do fenômeno de xenoglossia, da mediunidade de línguas. Ocorrências desse e de outros fenômenos eram comuns na fase de divulgação do Evangelho, para confirmação objetiva dos princípios pregados.

Como vemos, pela seqüência acima, não há possibilidade de se estabelecer qualquer continuidade válida, a partir do Cristo ou mesmo de Pedro, de Paulo ou de outro apóstolo, na transmissão de poderes divinos para a investidura de ordens sagradas. Mas depois do Édito de Milão, baixado por Constantino e Licínio, suprimindo as perseguições aos cristãos e dando liberdade ao culto de todas as religiões, o Imperador Focas, em 607, concede prerrogativas especiais aos Bispos de Roma sobre todo o Império. Tem início o Papado, que entra no direito político de conceder investiduras divinas. Esse episódio confirma a natureza puramente humana das ordenações da Igreja. Em 391, o Imperador Teodósio declara o Cristianismo religião oficial do Império. O Cristianismo Oficial se incumbe de liquidar não só as religiões pagãs, mas também as seitas cristãs rebeldes às decisões de

Roma, no campo da fé. Os mandatários de Deus, investidos nessa condição celeste pelo poder de César, passariam a exercer por todo o mundo o seu ilimitado poder, que ia das profundezas da Terra, onde se localiza, certamente na pirofera, a Penitenciária Eterna do Inferno, até às alturas do Céu, em cujo esplendor divino são recolhidos os eleitos que os mandatários recomendam, no próprio cadáver, às autoridades celestiais. Mas a Igreja não foi capaz de localizar o Purgatório, essa misteriosa Casa de Correção, que Kardec mais tarde localizaria aqui mesmo, na superfície sofrida do planeta.

Essa colocação aparentemente impiedosa da situação do Cristianismo Oficial nada tem a ver com sentimentos religiosos. Um bom católico, de olhos piedosamente fechados para todas essas incongruências e outras muitas que seria longo enumerar, não perde o tempo que dedica à fé e à prática do bem, no campo da sua religião. As religiões são caminhos de elevação espiritual, meios de transcendência. Os que crêem numa religião e a seguem com devoção verdadeira, nada tem a ver com os erros ou enganos de sua formação no passado. Fazemos esta análise por tratar-se de um problema de maiores dimensões: um problema cultural que exige maior atenção nesta fase de transição da nossa civilização, para uma civilização realmente cristã. O Cristianismo não é uma religião, é uma Doutrina do Conhecimento, que fornece elementos para muitas religiões. A finalidade do Cristianismo não é a salvação da alma após a morte, mas a sua salvação aqui mesmo na Terra. Uma Civilização Cristã de verdade é um arquétipo que temos de atingir através de completa reformulação de nossos precários conceitos sobre Deus, a Vida, o Homem e a grandeza infinita do Cosmos.

As religiões nascidas do Cristianismo ainda não se fizeram dignas da fonte que as gerou. Para que se elevem até a pureza da fonte, é necessário que o próprio conceito do Cristo e do Cristianismo sejam reformulados. Mas como reformulá-los se não procurarmos colocá-los em termos racionais, através da crítica histórica e da revisão lógica e ontológica dos seus princípios, da sua moral, da sua substância e da sua estrutura? O Cristianismo é um dos grandes momentos de síntese da evolução terrena. Ele

nos oferece o passado e suas experiências, o presente e sua realidade imediata, o futuro e suas possibilidades visíveis. Por tudo isso, revisar o Cristianismo é imperativo deste século, deste momento angustiante que estamos vivendo na Terra. Temos de penetrar no âmago da problemática cristã dos nossos dias, a partir de suas origens longínquas. Porque o Cristianismo é a única saída de que dispomos para o impasse negativo e ameaçador em que caímos, por nossa incúria. As próprias Igrejas sentem a necessidade de renovar-se. Mas jamais o farão com a devida eficiência, se não se desapegarem dos prejuízos tradicionais em que se acomodaram, se não tiverem a coragem de voltar sobre os próprios passos, reformulando-se a si mesmas à luz da realidade histórica e da consciência das responsabilidades futuras, que são intransferíveis.

A Existência de Jesus

As controvérsias sobre a existência de Jesus, há muito já passaram de moda. Na verdade, não eram mais do que uma espécie de exercício intelectual, surgido de especulações que tinham por principal finalidade, espicaçar o Clero Católico. Fazia parte dos jogos elegantes de após Renascimento, quando os intelectuais europeus tiravam a sua desforra das atrocidades medievais. Não havendo provas documentais do nascimento de Jesus, nem referências ao fato nas obras de escritores e historiadores antigos, o tema se apresentava como excelente meio de desafiar a impotência da Igreja, num assunto de importância fundamental para ela. O avanço cultural dos séculos posteriores à queda da bastilha milenar e desumana da dogmática medieval, particularmente os séculos XVII, XVIII e XIX, com o predomínio das Ciências sobre o autoritarismo sagrado da Escolástica, dava aos intelectuais a oportunidade de colocar os clérigos e seus assessores leigos mais ilustres entre a cruz e a caldeirinha, como eles haviam feito com todos os que, na Idade Média, se atreviam a pensar. Era realmente uma desforra em grande estilo, vê-los em apuros para sustentar o que não podiam provar. Os estudos psicológicos e as interpretações mitológicas encurralavam os herdeiros da dogmática arbitrária, deixando-os furiosos ante as afirmações eruditas de que Jesus não passava de um mito, perfeitamente explicável, que somente os beócios podiam aceitar como realidade.

Passado esse tempo de desforra, por sinal muito justa, começaram a surgir pesquisas mais sérias, que nem por isso escaparam aos anátemas e agressões violentas da Igreja. Renan, que teve o desplante de provar a existência histórica de Jesus, sem reconhecer-lhe a divindade atribuída pelos teólogos, só não foi queimado em praça pública, como John Huss e Jerônimo de Praga, porque o poder diabólico dos inquisidores se esgotara. Kardec, que não chegara aos excessos de Renan, mas se atrevera a contestar o nascimento virginal de Jesus, e a provar que ele

tivera irmãos e irmãs, segundo os próprios textos evangélicos, foi queimado ritualmente em Barcelona, não em pessoa, porque estava na França, mas em efígie, se assim podemos dizer, com a incineração pomposa de seus livros em praça pública.

Na verdade, a existência real de Jesus se provava pelo testemunho de seus apóstolos e discípulos, por documentos do próprio meio em que ele vivera, como as *logia*, anotações originais de trechos de seus ensinamentos, pelas memorizações de Pedro, Tiago e outros apóstolos, pelo primitivo Evangelho de Marcos, que serviu de modelo ao trabalho posterior do João Marcos romano, pelos documentos epistolares de Paulo de Tarso, pelos testemunhos de sua própria mãe, Maria de Nazaré, que acompanhou João Evangelista a Éfeso, após a crucificação, e pelo próprio testemunho de João, que viveu até mais de oitenta anos e celebrou-se em Éfeso, por seu interesse pela Filosofia de Alexandria e pela sua escola cristã. Mas os intelectuais de após Renascimento davam todo esse imenso conjunto de provas como insuficiente, e exigiam provas impossíveis, aturdindo e desesperando os clérigos e seus amigos, de formação cultural eclesiástica. As pessoas que ainda hoje falam na falta de provas, da existência real de Jesus, ignoram o que se fez a partir dos trabalhos coincidentemente conjugados e em planos diferentes de pesquisa e estudo, realizados por Renan e Kardec. As teorias mitológicas de Drews e Barnés, bem como a psicológica de Biné Sanglé, mergulhando na psiquiatria para provar a loucura de Jesus, apesar de seus enfoques errôneos, deram também sua contribuição à prova da existência real. Os mitólogos ajudaram a esclarecer os problemas míticos, particularmente dos Evangelhos de Mateus e Lucas, e Sanglé demarcou com maior precisão a genealogia de Jesus, na procura das linhas de hereditariedade genética da suposta loucura do jovem visionário a que Renan se referira.

A prova da superação desse problema em nosso tempo nos é dada pelo próprio trabalho de Guignebert, que começa sua obra monumental “Jesus”, tratando da infância e da educação do menino. A seguir, enfrenta o problema da primogenitura de Jesus, demonstrando que essa questão foi levantada simplesmente para justificar o dogma da virgindade de Maria, pois na reali-

dade ele não era o mais velho dos irmãos, como se deduz dos próprios Evangelhos e das pesquisas históricas. A família de José e Maria não era pequena. Marcos fala dos irmãos e das irmãs de Jesus, “com a maior naturalidade do mundo”, segundo observa Guignebert, o que é incontestável. Segundo Marcos, esses irmãos e irmãs de Jesus, como seu pai e sua mãe, eram bastante populares, todos os conheciam.

A primogenitura de Jesus é assim contestada nos próprios Evangelhos. A Igreja foi muito mais longe e considerou Jesus como unigênito de Deus, o que contraria o princípio central do Cristianismo, sobre o qual repousa toda a dinâmica universal do Cristianismo, contida na afirmação da paternidade comum do Deus Único, para todos os homens. Se Jesus era unigênito, nós todos estamos órfãos ou somos bastardos, e o princípio da fraternidade de todas as criaturas humanas, sob a paternidade universal de Deus, transforma-se numa fábula.

Os Evangelhos de Mateus e Lucas, são os únicos a tratarem do nascimento virginal e miraculoso de Jesus. Marcos silencia e João, empolgado por seu misticismo e excitado pelas visões neoplatônicas de Alexandria, recorre ao mito da encarnação do Verbo, para transformar o nascimento natural do Mestre nas nuvens de impenetrável mistério. Paulo, cujas epístolas são anteriores à redação dos Quatro Evangelhos e equivalem a um Quinto Evangelho, nem se refere ao assunto, que certamente ainda não havia sido levantado. Paulo foi o último dos apóstolos, como ele mesmo dizia, que chegara tarde, “como um abortivo”, após a morte de Jesus. Mas tornou-se o primeiro no zelo pela doutrina e pela luta contra as desfigurações mitológicas da figura humana do Mestre. Confirmou assim, a afirmação de Jesus, de que os últimos seriam os primeiros. As referências aos irmãos e às irmãs de Jesus, aparecem em vários trechos dos Evangelhos Sinóticos, sempre no sentido de tratar-se de irmãos consangüíneos. E, como acentua Guignebert, se houvesse qualquer possibilidade de engano a respeito, os próprios redatores se incumbiriam de deixar clara a questão. Contrastam agressivamente com a naturalidade dessas referências as tentativas posteriores de se considerar os irmãos e as irmãs de Jesus como seus primos. É

essa uma tentativa de arranjar as coisas, dentro da dogmática da Igreja, sobre o nascimento virginal.

A teimosia da Igreja em sustentar os aspectos mitológicos do nascimento e da vida de Jesus, mesmo contra a evidência dos textos, caracteriza uma posição mitológica bastante explicável: o Cristianismo nascia no momento de transição entre o mundo do Mito e o mundo da Razão. Os apóstolos e depois os primeiros conversos eram, todos eles, homens formados na cultura mitológica. Viam o mundo e os fatos do mundo através das lentes mágicas do maravilhoso. Por outro lado, o Cristianismo teria de dominar o mundo para resgatar o homem do pecado, e sem o concurso do mito não seria aceito pelos povos de então, inclusive os judeus, ávidos de prodígios, milagres e manifestações de poderes sobrenaturais. Jesus mesmo não se limitou a ensinar oralmente, teve de recorrer a demonstrações de poder divino, para conquistar a confiança e a admiração do povo. Não era uma questão de proselitismo puro e simples, mas uma exigência da mentalidade dominante. Por isso, ele insistiu na afirmação de que os seus prodígios poderiam ser feitos, e até prodígios maiores, pelos que o seguiam, o que se confirmava nas atividades curadoras de seus apóstolos e discípulos. A prova de que ele se submetia a essa condição da época, com plena consciência do que fazia, está na sua própria advertência de que o seu ensino seria deformado e teria de ser restabelecido no futuro, quando o homem se emancipasse do maravilhoso para aceitar a verdade natural do mundo e descobrir as suas leis através dos progressos inevitáveis da razão-científica.

Tudo aquilo, portanto, que levou os mitólogos a confundir a existência real de Jesus com a ficção mitológica nada mais era que a exigência da comunicação com o povo, dentro de um condicionamento milenar da mentalidade humana, que só o desenvolvimento da razão-lógica poderia romper no futuro. Temos um exemplo esclarecedor desse problema na História do Brasil, com a luta dos jesuítas pela conversão dos índios ao Cristianismo. É inacreditável, como homens de cultura e experiência, não tivessem compreendido a existência de uma grave dificuldade, que não conseguiram superar: a dos desníveis cultu-

rais. O livro do Padre Manuel da Nóbrega, *Diálogo da Conversão do Gentio*, é uma confissão angustiante da incapacidade dos jesuítas para a realização da catequese ambicionada. Os índios, que aceitavam os padres e se tornavam seus amigos e colaboradores, parecendo muitos deles perfeitamente integrados na fé, de repente manifestavam a sua absoluta incompreensão dos ensinamentos recebidos. Nóbrega chega a propor, com aprovação de Anchieta, providências enérgicas, com medidas violentas, para que aquelas almas selvagens pudessem ser levadas a Cristo de maneira decisiva. Mas essas mesmas medidas não surtiram efeito, antes complicaram a situação e aumentaram as lutas e o desespero dos padres. O mesmo fato se repetiria no caso dos escravos negros trazidos da África, para suprirem com seus braços, as deficiências do braço indígena, nos trabalhos da terra. Nesse caso, a situação devia ser melhor, pois as populações africanas já haviam sofrido o impacto de duas culturas superiores: a da Religião Muçulmana e a da Religião Católica Romana. Mesmo assim, a catequese negra não deu os resultados esperados. Os negros acabaram assimilando rituais e imagens do Catolicismo, de mistura com os elementos islâmicos já absorvidos na África, e transformaram as imagens da idolatria cristã em representações dos deuses africanos.

Ainda hoje temos, em todo o Brasil, e num crescimento que revela o fracasso absoluto da conversão, milhares de terreiros da Umbanda, Quimbanda, Aruanda, Candomblé e outras variantes, em que as práticas das religiões primitivas da África se desenvolvem, no processo sociologicamente bem pesquisado e estudado pelos nossos sociólogos e pelos estrangeiros, com o nome genérico de Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro. Práticas indígenas também ainda subsistem, como a da Poracê, dança indígena ritual de algumas das nossas tribos. Esse fenômeno sócio-cultural, bastante complexo, Jesus enfrentou no seu tempo, com plena consciência do problema. O que estranha é o fato de a própria Igreja Católica, após as dificuldades da sua organização e as experiências que teve de enfrentar em todo o mundo na divulgação de sua doutrina, não haver percebido que chegava a hora, como realmente chegou, de uma revisão de sua posição histórica

e doutrinal, ante a acelerada evolução cultural da Humanidade. Mas também esse problema é fácil de compreender-se. O dogma da Revelação Divina, que implica a imutabilidade dos princípios revelados por Deus, e portanto, a impossibilidade de modificar o que é eterno e veio do Eterno, conferindo-lhe um excesso de autoridade estática, anquilosou-a no tempo. De outro lado, os efeitos secundários da imobilidade surgiram na criação das rotinas administrativas, no acúmulo dos bens materiais, no enriquecimento constante do comércio ritual e na estatização da Igreja, com seus inevitáveis compromissos políticos. Não é fácil modificar-se a estrutura de um Estado, com suas infinitas ramificações de atividades, e mais difícil ainda, modificar as suas bases ideológicas para uma adaptação às novas condições do mundo. Quando os interesses da Terra se superpõem aos do Céu, transformando os santos em investidores de capital e administradores de empresas lucrativas, as estrelas parecem bem menos importantes que as moedas.

Seja como for, a revisão do Cristianismo terá de ser feita. Nós, os cristãos, devemos por as cartas na mesa, no jogo mais limpo da História. E não serão as cartas do baralho comum, mas Zener ou Psi, que não se destinam a dar lucros materiais e sim a prospectar o passado cristão para restabelecer, na grandeza desfigurada do Cristianismo, a verdadeira grandeza espiritual do Cristo, como homem e como espírito, sem a fantasia romana de Deus ou Semi-Deus, ou mesmo de apenas um terço de Deus. Sem restabelecer a legitimidade do Cristo, não reergueremos o homem da queda terrível que sofreu, não no Éden judaico, mas nas bolsas de valores perecíveis do mundo. A existência de Jesus na História e na realidade presente da Terra – onde continua a orientar as consciências capazes de compreender os seus ensinamentos e de rejeitar os vendilhões e os cambistas do Templo – é a única verdade teológica ao alcance dos teólogos modernos. Se esses teólogos, que se atrevem a proclamar a morte de Deus, ao invés de reconhecer a morte das mistificações teológicas, não forem capazes de colocar o problema da revisão do Cristianismo em suas agendas falaciosas, as pedras clamarão em defesa da verdade crucificada.

Jesus de Nazaré não existiu apenas no passado, existe agora mesmo, é um existente que se ombreia conosco nas ruas e nas praças, nos locais de trabalho e nos locais de sofrimento. Não está mais pregado na cruz romana pela impiedade judaica. O conceito filosófico de existência, em nossos dias, não é o da vida comum dos homens, que só cuidam de sustentar o corpo. A existência, dizem os filósofos, é subjetividade pura nos rumos da transcendência. Jesus de Nazaré se fez subjetividade na consciência do mundo. Seus ensinamentos balizam a elevação da Terra em direção aos mundos superiores. Mas para que sejamos dignos disso, temos de restabelecer a verdade sobre Jesus e a legitimidade do Cristianismo. Nenhum outro caminho existe para o mundo, nesta encruzilhada decisiva da História. Só dois caminhos se cruzam neste momento, na carne angustiada da Terra: o da mentira, em que estamos, e o da Verdade, traçado pelo Cristo.

Não estamos jogando com palavras, mas procurando colocar o problema existencial de Jesus numa perspectiva mais ampla e mais real. O conceito de existência como subjetividade, estabelece a separação entre vida e existência. A vida é o clã vital de Bergson, uma energia estruturadora que penetra a matéria para fecundá-la e dinamizá-la. A existência brota da vida como a fonte brota da terra. A existência é consciência e sobretudo consciência de si mesma e consciência de *existir para*. Existir simplesmente, no conceito comum, é apenas viver, como vive o vegetal ou o animal. O homem não vive, existe. Não é um vivente, mas um existente. O vivente vive a vida insuflada na matéria, todo o seu dinamismo se reduz às funções orgânicas, em permanente dependência do meio exterior. O existente existe em si mesmo, independente do meio exterior, que domina pelo poder de sua subjetividade criadora, transformando-o e transformando-se a si mesmo, na busca da transcendência, que o atrai pela visão interior dos arquétipos da espécie e pela percepção da infinitude cósmica. O corpo material do homem tem os seus limites no nascimento e na morte, mas a estrutura psíquica da sua objetividade não tem limites conhecidos. Da mesma maneira, a influência da subjetividade sobre o meio, através de suas formas ou forças mentais, afetivas, volitivas e pré ou retro-cognitivas, tem

alcance e duração desconhecidas. A subjetividade, portanto, que é a própria existência e se define na realidade ôntica como personalidade, o modo de ser e de agir do Ser, não tem limites traçados para o seu existir.

Jesus de Nazaré, como homem, existente, marcado por uma historicidade ilimitada, continua atuando no mundo, como Platão, Kant, Marx e outros. Não se trata, pois, de um problema místico ou sobrenatural, mas de uma realidade visível e palpável agora mesmo. O que distingue Jesus dos demais existentes citados é a globalidade da sua projeção existencial, que abrange numa síntese ideal toda grandeza existencial e todas as suas exigências. Por isso, o caminho que ele nos oferece nesta encruzilhada é o único a atender a todas as exigências dos anseios humanos nesta hora de transição. E também por isso o Cristianismo, em sua essência de pura consciência crística, tem de ser retirado do seu invólucro deformante e recolocado nos termos exatos de sua formulação pelo Cristo. Em cada consciência humana há hoje reflexo da verdade cristã, através do qual o Cristo atua no mundo. Esse é o início da realização do sonho educacional de René Hubert sobre a Solidariedade de Consciências. Mas nunca ele pode realizar-se nas condições atuais do Cristianismo oficializado pelo Imperador Focas, cujo decreto continua em vigor por toda a Terra. A volta ao Cristo, como queria Lutero, nos daria a volta do Cristo, com que sonham os cristãos há dois milênios. O Cristo não desceria das nuvens, como sonham os místicos, mas o sentimos de súbito ao nosso lado, como companheiro e amigo, um homem entre os homens, sofrido como os homens e obstinado na conquista do Reino de Deus.

A existência real e atuante do Cristo em nós mesmos, em nossa subjetividade existencial e em nossa objetividade vivencial, anula historicamente os dois mil anos de vitória do mito, destruindo a barreira de interesses imediatistas que nos separou de Jesus. A palavra *Cristo* foi desfechada contra a figura humana de Jesus para esmagá-la. Era a vingança do mito, que Jesus veio destruir para libertar o homem do seu mundo de mentiras e superstições. Mas assim como a cruz dos romanos foi transfor-

mada por Jesus em símbolo de sacrifício redentor, a palavra *Cristo* incorporou-se ao nome de Jesus de Nazaré, como confirmação de seu destino messiânico. Nem a cruz nem a palavra *Cristo* possuem nenhum poder mágico. As práticas temerárias do exorcismo católico provaram isso de sobra, mostrando a ineficácia desses ardis. Mas a figura humana de Jesus e a essência indestrutível dos seus ensinamentos modelaram pacientemente a nova mentalidade que desabrocha na Terra, nesta antevéspera da Era Cósmica. A Ciência, que é um ato humano de obediência a Deus, como queria Francis Bacon, modificou totalmente a imagem falsa e mesquinha do mundo que os teólogos tentaram inutilmente eternizar. Os tabus do sagrado caíram um a um, na proporção em que os mistérios da ignorância, embora doirados pelas chamas das fogueiras, da paixão e da arbitrariedade fanática, foram sendo esclarecidos pela pesquisa científica. A razão humilhada acabou triunfando sobre o desvario teológico.

O racionalismo de Jesus venceu a sabedoria infusa dos doutores da lei, pobres seres humanos que se julgavam intérpretes de Deus. Sem querer, os cientistas, que não batiam no peito, mas perscrutavam o céu e as entranhas da terra, confirmaram os ensinamentos evangélicos – claros e precisos – que os teólogos rejeitaram. A Física provou a existência do outro mundo (da antimatéria), interpenetrado invisivelmente no mundo ilusório da matéria densa. A Biofísica provou a existência do corpo espiritual do homem (bioplásmico) e suas funções de vitalizador, organizador e controlador do corpo material, bem como a sua natureza de corpo da ressurreição. A Psicologia mergulhou no inconsciente e descobriu a natureza espiritual do ser humano. A Parapsicologia confirmou a legitimidade do *culto pneumático*, das manifestações mediúnicas, incalculável poder do pensamento, a sobrevivência da mente após a morte e a realidade da reencarnação, que Jesus objetivou em vários exemplos do seu tempo. A Astronomia admitiu a existência de outros mundos povoados no Infinito e a Astronáutica endossou a tese das muitas *moradas da Casa do Pai*. A Filosofia reconheceu o sentido transcendente da existência humana. E todas essas conquistas científicas mostraram a inépcia dos teólogos e dos clérigos, que há dois mil anos leram e

interpretaram a seu modo essas verdades constantes do Evangelho, corrigindo-as de acordo com dogmas irracionais e condenando à morte os que preferiam a palavra pura de Jesus.

Quem se atreverá, daqui por diante, a contestar a Ciência de Jesus e as Ciências dos Homens, em nome de posições dogmáticas sectárias? Quem se atreverá a convocar concílios para desmentir ao mesmo tempo Cristo e a Ciência?

Nunca houve no mundo maior confusão em torno de palavras e frases do que na chamada Questão Religiosa. Nunca se viu maior embrulhada, disfarçada em sabedoria profunda, com resultados tão contrários ao saber. Jesus de Nazaré enfrentou esse problema, tentando resolvê-lo por meios racionais. Envolveram-no, com sua doutrina, numa confusão ainda maior. Pelo pouco do que fizeram, que procuramos examinar rapidamente neste livro, pode-se avaliar o muito em que tantos homens santos e sábios mergulharam através de dois milênios. Mas agora, que as Ciências da Terra, sem nenhuma intenção, passaram pela peneira do bom senso as teorias do absurdo e apuraram a verdade possível, não se pode mais continuar com a política de panos quentes. Tudo, no Cristianismo Oficial, está errado. E apesar disso, a verdade cristã sobrevive e se confirma, tendo mesmo produzido, à revelia do oficialismo, grandes transformações no mundo. Que outras, e maiores, e mais profundas transformações poderão ocorrer, se conseguirmos retirar todo o joio da seara, para que o trigo asfixiado se desenvolva como deve?

O complexo religioso é um fenômeno humano, entranhado na carne, no sangue, nos nervos, no psiquismo e no espírito do homem. Nele se misturam os elementos da magia, do animismo, do medo, da credence das superstições, do antropomorfismo, do sadismo, do masoquismo, do delírio, do amor e do ódio, da esperança e do desespero, da vida e da morte, de Deus e do Diabo. Uma religião é um pressuposto global de solução arbitrária para toda essa problemática. Enquanto a cultura humana engatinhava, as religiões serviram para remediar situações, embora muitas vezes fizessem o contrário, agravando-as. Hoje, com o avanço acelerado do Conhecimento, em todas as áreas culturais, nada sobrou para o tempero das religiões. É necessário,

agora, colocar o problema em termos mais amplos e arejados. O sistema sectário, fechado e arrogante, arbitrário, não pode prevalecer num mundo que se abre para as relações cósmicas. A receita cristã, depurada dos adendos teológicos, mostra-se adequada a esta hora da evolução terrena, como já vimos. É tempo de fecharmos as portas das boticas teológicas e ligarmos o anseio religioso do homem à sua provada capacidade de pesquisa científica. Religião sem Ciência é ignorância pretensiosa. O Conhecimento é uma unidade. Ciência, Filosofia, Religião, Ética, Estética e assim por diante, tudo quanto se refere ao aprendizado humano na experiência do mundo, pertence a essa unidade controladora do Saber. E o controle não se faz por meio de revelações misteriosas, nem de autoridades divinatórias, nem de concílios de supostas autoridades espirituais, por mais dignas que sejam ou mais tituladas, mas única e exclusivamente pelos resultados provados de pesquisas especializadas. Só os critérios de certeza e probabilidade, portanto os critérios metodológicos das Ciências, podem dar o veredicto necessário, provisório ou decisivo. Por isso, Jesus de Nazaré, que anunciava a Nova Era, não buscou ordenações e sagrações para iniciar a sua revolução religiosa na Terra. Nem escolheu para seus assessores rabinos oficiais, mas homens simples do povo, dotados de coração puro, para que não se imiscuissem nos problemas fundamentais, limitando-se a ajudá-lo na pregação e na exemplificação de uns poucos princípios, apenas uns poucos, nos quais a sua sabedoria se manifestava pelo poder da síntese. Ainda por isso, ao condenar uma prática religiosa, um excesso de escrúpulo ou de hipocrisia, nunca deixava, como nos mostram os Evangelhos, de dar a justificativa lógica da sua atitude, com palavras e exemplos.

É claro que não podemos considerar os Evangelhos como repositórios infalíveis dos seus ensinamentos. O que aparece nos Evangelhos é apenas uma parte mínima dos seus ensinamentos. Mas se esse mínimo foi suficiente para provocar dois milênios de terremotos culturais, o que teria acontecido se todo o seu ensino tivesse permanecido? Esse é outro motivo da presença existencial de Jesus nesta hora do mundo. Essa presença se impõe progressivamente, na proporção em que os homens se tornam mais capa-

zes de percebê-la. Dos princípios evangélicos decorrem as ilações lógicas da intuição genial. Frases confusas dos textos se esclarecem à luz de novas descobertas científicas. Pouco a pouco, a Verdade se restabelece. A fé não é uma prerrogativa específica da Religião. Também a Ciência se apóia na fé da Ordem Universal, e sem essa fé, como ensina White Hed, a Ciência não seria possível. Sujeitar a fé religiosa ao mesmo critério da fé científica é reajustar o saber em seu equilíbrio necessário. Só podemos ter fé no que sabemos, no que conhecemos. E nada é interdito ao conhecimento humano, no processo infinito da evolução dos seres.

A revisão do Cristianismo se processa sob a égide do próprio Cristo, através dos homens de boa vontade, assistidos pelos mensageiros do Mestre. E os mensageiros são anjos, explicou Paulo, enquanto Kardec esclarece que a angelitude é o plano ôntico imediatamente superior ao plano humano. Mas em que se baseia para afirmar isso? Nas suas pesquisas de doze anos seguidos, que deram origem a todas as modalidades de pesquisas paranormais na Terra. Há mais de cem anos a pesquisa científica vem sendo aplicada ao restabelecimento da verdade cristã e hoje, com mais amplitude, nos principais centros universitários do mundo. Não há razão para os nossos temores, diante da inquietação atual. As grandes transformações produzem abalos profundos, desmontando instituições milenares.

A Razão do Mito

Como já vimos, o mito nasce do real. É uma interpretação figurada e naturalmente antropomórfica, da percepção do mundo pelo homem. E, portanto, um ensaio da razão na busca da compreensão, um esforço de racionalização dos dados da percepção. Mas nesse esforço, se projeta no mito o conteúdo anímico do homem modelando o mito à sua imagem e semelhança. Por isso, o fascínio do mito sobre os filósofos, em nosso tempo, como acentua Georges Van Titer, assemelha-se à nostalgia de um paraíso perdido. Após atingir a frieza racional do materialismo, do positivismo comteano e do pragmatismo de William James, a Filosofia retorna sedenta à fonte da mata. Mas não o faz de maneira simplória, e sim de maneira operativa, procurando descobrir no mito, aspectos do real que escapam à clareza suspeita da razão. O mesmo aconteceu com a Psicologia, que depois de se livrar da introspecção filosófica e entregar-se alegremente às pesquisas científicas, retornou de súbito, às profundezas do inconsciente. No caso do Cristo, o processo se torna visível. Da realidade humana de Jesus de Nazaré, surge o mito do Cristo, deste nasce a mitologia cristã e desta retornamos à busca do real, que uma vez colocado, nos parece frio e desprovido da riqueza emocional do mito. Não obstante, Jesus de Nazaré não é um objeto frio, mas um ser humano, em que o calor da imaginação (sempre emotiva), é substituído pelo calor da natureza humana em sua dramaticidade existencial.

Despojando a figura do Cristo dos atributos mitológicos tradicionais, parece que o reduzimos a uma condição de extrema pobreza, sem recursos para o exercício de suas atividades renovadoras do homem e do mundo. Podemos sentir o efeito dessa nostalgia (de que fala Van Riter) na obra monumental do padre Tilhard de Chardin, que nos apresenta uma tentativa genial de conjugação da realidade e mito, numa estratégia cartesiana para escapar à ira teológica, abrindo caminho através de uma vereda científica na *selva selvaggia* dos princípios milenares da Igreja.

Mas a reação oficial contra essa tentativa audaciosa, que só lhe permitiu a glória póstuma, exemplifica historicamente o poder duradouro do mito, através do seu prestígio emocional. O homem está ainda imantado à matriz instintiva de que nasceu, à placenta da espécie, que continua a alimentá-lo de maneira secreta, materna e embaladora, ante as exigências de uma realidade áspera e brutal, que a rotina do dia a dia esmaga aos seus olhos.

Mas hoje, o avanço das Ciências compensa a frieza aparente do real com a penetração na carne do mundo, além da epiderme sensorial. Descobrimos o universo oculto num grão de areia, e somos alojados do fantástico imaginário para o fantástico real. Embora essa mudança não pareça acessível a todos, a explosão da comunicação, num mundo de evolução científica acelerada, amplia rapidamente a propagação da cultura. E se o motivo da reversão de valores, numa sociedade mundial ainda submetida aos prejuízos da alienação ao mito. Se o Cristianismo não dispusesse de substância espiritual para resistir a todas as deformações e profanações que sofreu, nos milênios decorridos, agora não suportaria a confusão do mundo. Mas a sua função, é precisamente a de reestruturar esse mundo em que o homem se perdeu, esquecido da fragilidade humana e dos curtos limites da existência terrena.

A razão do mito não está apenas no ensaio de racionalização do mundo que nele se processa, mas também e talvez, principalmente, no aumento de poder que ele proporciona ao homem, despertando-lhe a fé nas forças da Natureza. A doença, a velhice e a morte, que deviam esmagar a criatura humana, impotente ante o fluir do tempo e a ameaça permanente das convulsões geológicas, das intempéries, do furor do Céu e das feras da terra, era superada pelo vigor do corpo humano e pelo que se integrava numa realidade vital sem limites, da qual ele podia assenhorear-se pela alimentação e através de processos mágicos. O totemismo é a expressão mais perfeita dessa aliança do homem com os animais, dotados de maior força e vitalidade. Muito antes da aliança com Iavé, os judeus, como todos os povos da Antigüidade zoolátrica, já se haviam aliado aos animais poderosos, o que

provam diversas passagens bíblicas em que o próprio Iavé, aparece simbolizado num touro. A força e a fecundidade desse animal o elegeram, em quase todas as civilizações agrárias e pastoris, como a representação viva dos seus deuses.

O episódio da adoração do bezerro de ouro, nas fraldas do Sinai, enquanto Moisés recebia, no alto da montanha, as tábuas da lei, mostra-nos o momento crítico de transição da Aliança Animal para a Aliança Divina. Abrão, Isaac e Jacó já haviam firmado a Aliança Sagrada, mas o povo hebreu ainda confiava mais no culto egípcio do Boi Ápis, cuja força e virilidade se apresentavam concretas e vivas, no corpo do animal vigoroso. O Bezerro dos israelitas tinha a vantagem do vigor juvenil e sua imagem de ouro, excitava a imaginação dos que pretendiam desfrutar, para sempre, das delícias de Canaã, com leite e mel em seus rios, e o fascínio do ouro e do poder, nas conquistas a realizar. Moisés teve de recorrer ao fio da espada, para lembrar aos fascinados, que a juventude e a força do homem podiam apagar-se num simples golpe de lâmina. E isso, no momento em que recebera o mandamento incisivo: “Não matarás”.

A encarnação é a integração do espírito na realidade terrena, uma espécie de *coisificação*, em que a consciência se apega, envolta no denso véu da matéria. Só pouco a pouco, no desenvolvimento das condições orgânicas do corpo, o espírito vai conseguindo desenlear-se do véu, como quem sai de um nevoeiro e começa a perceber os primeiros contornos da paisagem. Na adolescência ele se reconhece como criatura humana e se empolga com o domínio que exerce sobre o corpo material. Mas então, as forças vitais em desenvolvimento o ligam ao campo magnético da animalidade. As exigências da espécie o atraem para o centro genético do sexo, provocando os conflitos do impulso vital com as aspirações da alma, que se manifestam nas inquietações e angústias da idade. Esse é o momento crucial, em que a personalidade espiritual se define no rumo da sujeição ao *ser do corpo*, de que trata Kardec, ou ao ser espiritual que, no caso, é o espírito condicionado à matéria. Na maioria dos casos, o condicionamento predomina. A consciência supraliminar, dos estudos de Frederic Myers, estabelece as conotações necessárias com a

realidade terrena e confere ao homem o caráter humano normal. A consciência subliminar, que guarda a reminiscência platônica (as lembranças submersas da vida espiritual) permanece no inconsciente, à espera das aberturas que deverão surgir, na mocidade e na maturidade, para o retorno à natureza espiritual.

Esse mecanismo complexo atua das maneiras mais diversas, imantando o homem ao campo gravitacional das ilusões terrenas, ligando-o às aspirações superiores do espírito ou mantendo-o indeciso entre essas duas posições, num plano de esquizofrenia torturante, que serve de campo para todas as formas de desequilíbrio psíquico e processos obsessivos.

É dessa situação conflitiva que surgem as estranhas florações do mito, ora gerando o apego exagerado às condições terrenas, que desvia a atenção da precariedade e fragilidade da criatura, fascinando-a com a força do touro. A maioria dos seres humanos permanece imantada a essa ilusão, afastando o mais possível a idéia da morte de suas cogitações, não raro até a mais avançada idade. Por isso observou Heidegar, que geralmente procuramos fugir da morte com a trapaça de certas expressões como “morresse”, em que a função da partícula reflexiva “se”, é atribuir o fato de morrer aos outros, aos que morrem. A ilusão da vida é como a ilusão da velocidade numa estrada. Corremos seguros de que somente os outros morrem, pois estamos apoiados no mito da nossa absoluta segurança no volante. O encanto do mito é, portanto, ilusório, decorre da própria natureza ilusória da matéria, que não é densa, nem impermeável como supúnhamos, mas transparente e flutuante como um véu de noiva. Por isso, o poeta bengali Rabindranah Tagore evocava a morte, nos seus poemas, chamando-a de noiva que iria encontrá-lo para os esponsais do Infinito. Essa imagem poética de Tagore, como todas as suas imagens, antecipava a realidade científica dos nossos dias. A Terra hoje se prepara, como as virgens estouvadas da parábola, para tirar a sua coroa de flores e o seu véu de Ísis, nos esponsais definitivamente marcados com a Era Cósmica. Perderemos certamente as ilusões de uma vida planetária rotineira, cuja única perspectiva são os mitos do Céu ou do Inferno, mas encontraremos o esplendor de uma realidade viva, em que as constelações e

as galáxias se estenderão aos nossos olhos como revelações da nossa verdadeira natureza de herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, segundo a conhecida expressão do Apóstolo Paulo.

No tocante a Jesus de Nazaré, muitos ficarão decepcionados com a perda das lendas piedosas do nascimento virginal, dos anjos cantando no horizonte, dos pastores ajoelhados na neve dos campos, do burrinho humilde bafejando o deus-menino, da estrela pegureira conduzindo os Reis Magos e assim por diante. Mas, em compensação, perderão também os mitos da atrocidade e da perfídia, como a matança herodiana dos inocentes em Belém de Judá, a fuga angustiosa para o Egito, o poder do Diabo sobre o Cristo. Mas as criaturas, ao compreender os problemas do espírito, sentirão maior emoção e mais justo encantamento na simplicidade e pureza do nascimento em Nazaré, na casinha humilde da numerosa família de José e Maria. Enquanto Jesus nascia na pobreza de um lar de carpinteiro, sob a expectativa piedosa do Messias anunciado e até hoje esperado, seus irmãos e irmãs brincavam alegremente ao redor da casa e Maria e José agradeciam a Deus, a bênção de mais um filho. Há muito mais grandeza espiritual e beleza humana nesse quadro simples, emocionante, do que em todo o aparato mitológico de uma encenação celeste, copiada das mitologias da Babilônia, do Egito, da Índia e da própria Grécia. A imaginação humana se encanta facilmente e se deixa embalar, através dos séculos e dos milênios, com histórias fantasiosas. A invenção é o fazer do homem no imaginário e ele se entrega alegremente às ilusões do seu poder criador, na imitação de Deus, como a criança imita com prazer o pai ou a mãe. Mas um dia, a criança será adulta e se libertará das suas próprias ilusões, que lhe eram tão caras. Da mesma maneira, a Humanidade entrega-se às atividades lúdicas em tempos de espera, mas chegará a hora do seu amadurecimento, em que ela só se contentará com a realidade. A razão do mito está nas funções ontogenéticas da espécie. O ser se desenvolve biologicamente, como um organismo que amadurece, criando condições, nas fases sucessivas da idade, para a manifestação dos poderes do espírito através das funções orgânicas. E assim como existem os fenômenos de retardamento do processo, nas

formas do infantilismo biológico ou psíquico de certos indivíduos, também existem as formas de infantilismo coletivo, de que se aproveitam os líderes dos vários setores sociais para manterem em seu favor os prejuízos do retardamento de grupos ou de populações inteiras. Mas nem sempre essas lideranças agem com premeditação ou de má fé. São levadas por impulsos da atividade criadora, dirigidos por idéias padrões geradas pela necessidade exigente de estruturação social. Se alguém se atreve a examinar essas idéias e combatê-las, mostrando o engano em que se fundam, arrisca-se à condenação das lideranças. Jesus de Nazaré via com clareza absoluta os prejuízos da confusa e enganosa organização judaica e teve a coragem de denunciá-los. Pagou caro esse atrevimento, mas rompeu o açude da estagnação cultural do tempo e inundou o mundo com as suas idéias renovadoras. Perdeu até mesmo a sua condição humana, transformando-se em novo mito de uma nova mitologia. Mas advertiu que a hora da verdade soaria de novo no relógio implacável do tempo. Essa hora soou e as suas pancadas sonoras nos conclamam à realidade. Seria inútil quereremos disfarçar a gravidade dos problemas que nos desafiam. As leis da evolução humana se entrosam naturalmente nas leis gerais do Universo. Os séculos e os milênios não são mais do que gotas d'água na clepsidra da evolução. Pingam lentamente, com a impassibilidade das leis naturais, e o seu ritmo ascendente é irreversível.

As grandes construções fantasiosas da Antigüidade, que dominaram por milênios, transformaram-se em ruínas, mas das próprias ruínas, como demonstrou Ernest Cassirer, os novos tempos recolheram o que nelas havia de válido. O Cristianismo mitológico está começando a pagar o seu tributo, mas apesar de todos os seus absurdos e contradições, deixará também o saldo positivo dos que nele lutaram de alma pura, convencidos de batalharem para a sustentação de uma ordem necessária. Na existência dos homens e de suas instituições – já que a existência é sempre subjetiva, o que vale são as intenções. Mas os que nada mais fizeram do que acomodar-se nas situações criadas, repelindo a verdade em nome de interesses imediatistas, é certo que terão de resgatar o seu débito nos guichês exigentes da consciên-

cia. Jesus de Nazaré disse certa vez aos fariseus que com ele discutiam: “Até agora, não sabíeis e não tínheis pecados, mas agora dizeis que sabeis e o vosso pecado subsiste”. Esse é um veredicto autógeno, pronunciado pelos próprios réus, que não puderam disfarçar as suas culpas, nem fugir à sua responsabilidade intransferível. Há uma ordem moral intangível, inscrita na consciência humana. Aos que negam a existência dessa ordem, tão natural como a da Natureza, Bergson respondeu em definitivo com a sua pesquisa das fontes da Moral e da Religião, as duas coordenadas intemporais da evolução humana. A Moral é a instauração do Bem, a Religião é a orientação da transcendência. As instituições morais e religiosas nascem das exigências da consciência, precárias ou não, são apenas instrumentos transitórios da evolução humana.

O Mito da Razão

Nossa confiança na Razão é instintiva, o que a torna suspeita. As categorias da Razão preexistem na mente. A Razão se desenvolve na experiência, classificando os dados da percepção. Mas como a percepção é falha, e não raro enganosa, a Razão também é falha e pode enganar-nos. Esse raciocínio clássico nos leva à busca de meios anti-rationais de avaliação: a intuição, a vontade, o sentimento, o inconsciente, gerando teorias e posições filosóficas. Nas Religiões, a Razão é uma Serva da Fé, como vimos na Escolástica. E a Fé se apresenta como a Razão Divina àquele que crê. A Fé é um mito confuso e dependente da Razão que a serve. Aquele que crê, deve ter uma razão para crer. No Cristianismo, em sentido geral, a crença nasce da aceitação da verdade divina de que Jesus de Nazaré é o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus. Mas a aceitação não é apenas um ato de vontade, é também e antes da vontade, um ato de discernimento e compreensão, portanto de razão. O mesmo se dá nos outros planos citados, onde a procedência da Razão, de uma forma ou de outra, é a condição primeira da revolta contra a Razão. Como posso discordar disto e aceitar aquilo sem recorrer ao juízo, que é função racional?

Aquele que, para sustentar os seus princípios religiosos, afirma-se homem de fé, despreza o fundamento da sua própria fé. Essa contradição é inerente ao existencial, que é intrinsecamente dialético. Isso levou Kant a estabelecer os limites da Razão no relativo: Além deste, se penetramos no absoluto, a Razão não funciona. Mas como conceber o absoluto, sem o precedente relativo da Razão? Platão, no fim de sua vida, dizia não poder traduzir em palavras as suas mais altas intuições. Essa mesma declaração de impotência, é um ato de Razão e sem a Razão não poderia ser feita. O Mito da Razão, como todos os mitos, tem suas raízes no real. Se a maioria dos pensadores acredita na Razão, e nela confia, isso acontece pela simples razão de que é ela o único instrumento realmente apropriado à investigação do

real, de que dispomos. Assim, o que se convencionou chamar de Mito da Razão, em reduzidos grupos intelectuais ligados, ao mesmo tempo, ao ceticismo e ao fideísmo, é uma imagem falsa da Razão, semelhante à deusa simbólica da Religião de Chauvette, na Revolução Francesa. Os que confiam na Razão não fazem dela um mito, pois conhecem o problema das instâncias do processo do conhecimento e das inter-relações dessas instâncias.

Alega-se que a Razão é um processo linear do conhecimento, e por isso mesmo, primário. Que ela não dispõe de recursos para uma penetração profunda no real, o que leva o Racionalismo a conclusões apressadas e superficiais, sobre questões complexas como a do Ateísmo e da Fé. Mas essas alegações é que são realmente superficiais, pois a Razão não funciona isolada, nem poderia assim funcionar, desde que está naturalmente ligada a toda a estrutura biopsíquica do homem. Situada na mente supraliminar ou mente de relação, a Razão tem suas raízes na mente subliminar ou inconsciente, de onde provêm as condições prévias das categorias racionais. Bastaria esse fato para provar o absurdo da luta contra a Razão, em nome de poderes mais amplos e profundos da natureza humana.

E evidente, que estamos diante de um dos grandes equívocos culturais do nosso tempo, que revela lamentável incompreensão da unidade ôntica do homem. Não é a Razão um departamento estanque da personalidade, mas a cabina de controle das experiências gerais do Ser (ou *onto* – do grego) para a sintonia deste com a realidade exterior. Se do inconsciente afluem elementos para o consciente, graças à permeabilidade do liminar da consciência, e se a própria consciência preexiste no ser em desenvolvimento, como elemento inegável de sua facticidade, é claro que a Razão faz parte de uma unidade ôntica, que envolve todas as possibilidades do Ser. A Razão só pode ser superada por si mesma com a absorção gradativa das potencialidades ônticas em desenvolvimento, na sucessão das experiências existenciais. Os instintos, que são as formas trópico-embrionárias dos sentimentos, desenvolvendo-se sob a ação de necessidades vitais do organismo (como as raízes de uma planta avançam por tropismo,

na direção da água do subsolo) na direção da emotividade, transformam-se em vetores psíquicos do inconsciente que atingem a Razão e nela se integram. Da mesma maneira, as introjeções detectadas pelo processo psicanalítico percorrem o caminho contrário, enriquecendo a instância subliminar com os dados da experiência existencial. As pesquisas metapsíquicas de Richet e as pesquisas parapsicológicas atuais confirmam esse processo nos resultados das experiências telepáticas, onde o pensamento não é o único elemento transmitido pela mente, pois as sensações, emoções, anseios, preocupações – e não raro, as circunstâncias em que o agente se encontra e a sua própria voz – são também transmitidas no complexo de uma comunicação. A própria palavra *telepatia* já indica, nos seus componentes, que o fenômeno é de transmissão global do *pathus* individual do agente. Por outro lado, é preciso considerar que a intuição, considerada uma forma de captação global do objeto pela mente, superior à forma linear da Razão, não é mais do que um desenvolvimento da própria Razão, que atinge a sua plenitude tridimensional do nosso plano existencial, para captar a totalidade do objeto.

A História da Matemática nos mostra o processo dessa evolução da Razão no sistema progressivo das tribos selvagens, que contam os objetos segundo o número de dedos das mãos, avançando depois aos dedos dos pés, o que revela a estreita ligação do pensamento primitivo aos objetos. Na proporção em que o pensamento se desprende do concreto, para a abstração dos conceitos numéricos, a sua capacidade de percepção aumenta. A Gestalt ou Psicologia da Forma, oferece-nos os dados da percepção global, como um reforço a esta teoria da globalidade da Razão.

Os teólogos que se referem à Mente Divina desenvolvida pela fé, tentando reduzir a Razão a uma função inferior do homem, através de sua mente limitada, cometem dois erros graves. Esquecem-se de que o conceito de divindade, na própria tradição judeu-cristã, aplica-se também à natureza espiritual do homem, e negam a capacidade do espírito para a percepção das realidades extrafísicas, o que vale dizer metafísicas. No anseio de defender

os pressupostos irracionais da sua dogmática, negam as palavras de Jesus aos judeus: “Não está escrito nas vossas Escrituras que vós sois deuses?” A concepção teológica da Fé, como carisma, graça especial concedida aos eleitos, contradiz e opõe-se violentamente às conquistas científicas do nosso tempo, e contraria de maneira flagrante os princípios bíblicos e evangélicos que estabelecem a semelhança e a unidade entre o Criador e a criatura. A tentativa de separar Razão e Fé, só tem um sustentáculo, e assim mesmo ilógico: a conceituação da Fé como mistério e privilégio, o que viola o preceito de que Deus não faz acepção de pessoas. A própria Justiça Divina, e conseqüentemente, a perfeição do Ser Absoluto, são feridas de morte, por esse golpe de espadachins mal preparados.

Quanto aos irracionalistas, ateus ou céticos, materialistas ou agnósticos, tomam nesta questão uma posição equívoca. Os que consideram o homem como um epifenômeno, uma casualidade, um produto ocasional de aglutinações aleatórias de forças e elementos naturais, como podem querer atribuir-lhe a capacidade divina de avançar além dos recursos da Razão? A posição dos materialistas, que se orgulham de haverem construído o saber humano à revelia da Sabedoria Divina, é, pelo menos, conseqüente. Não obstante, se esquecem de que todo o saber humano decorre de uma fonte para eles desconhecida. Caindo no dogma da alienação – nova forma do dogma da queda no Éden – os marxistas negaram o espírito, alienando o seu mais poderoso instrumento racional: a Dialética. Por preconceito e precipitação, esquecidos da lição de Descartes, reduziram o processo dialético à intimidade da matéria. Excluído o princípio espiritual da realidade universal, nadificaram o homem e o mundo. A realidade dinâmica e transparente tornou-se mecânica e opaca. Daí a insistência nas referências à opacidade do mundo e à frustração do homem. O homem sem espírito, lançado ao léu num mundo mecânico de matéria, sem outra perspectiva que a boca do túmulo, só poderia cair no desespero e na frustração. O aviltamento da Razão, nesse estranho processo de um racionalismo antidialético, reforçou a posição das correntes obscurantistas do religiosismo fanático e dos grupos isolados de irracionalismo incoerente. Esse

é o drama da Razão em nosso tempo. Essa a razão do Mito da Razão, figura dúplice, que tem um rosto voltado para o passado sombrio e outro rosto voltado para o futuro vazio.

Preso nesse dilema desesperante, como um animal encurralado em si mesmo, o animal humano cai na atração do mundo submerso do seu inconsciente e reage como um órfão da Razão. Ao Cristo crucificado, opõe um Cristo que só agora ressuscita, e por isso mesmo, esquecido do seu passado longínquo, uma espécie de cristo sem dimensão espiritual, que alegremente se entrega ao viver airado do mundo. O sonho da liberdade humana apagou-se sob os cogumelos genocidas de Nagasaki e Hiroshima. O sadismo e o masoquismo conjugados geraram a última floração de uma tecnologia requintada: as técnicas do terror e da tortura. As doutrinas da dignidade humana não encontram sintonia ou ressonância nas mentes desvairadas e aterrorizadas, que só podem sintonizar-se com as doutrinas, com as teorias do fatalismo, do determinismo e do suicídio, na loucura artificial dos tóxicos. Nem a loucura tem mais o direito de ser natural.

Esse quadro aviltante parece contrastar com o desenvolvimento cultural acelerado, mas apenas parece. Porque esse mesmo desenvolvimento tem por finalidade, na determinação das cúpulas dominantes, a disputa do poder. E este, por sua vez, não tem mais a legitimidade lírica da vontade popular, mas a imposição brutal e impiedosa dos que detêm em suas mãos os raios fulminantes do Júpiter atômico. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade morreram no mundo, quando o louco de Nietzsche encarnou-se em Hitler, esse Quixote às avessas, que tinha por Dulcinéia, a Medusa da ambição desmedida e por Sancho Pança, a figura pança de Mussolini. Estas imagens não são literárias, mas históricas, numa tentativa de interpretar o panorama atual do mundo sem razão e, portanto, sem sentido em confronto com um passado de símbolos destruídos. Hoje, os símbolos estão proibidos. A imaginação, função criadora da Razão, morreu exangue nos últimos partos da mãe. A inflação das palavras é maior que a das moedas. Todos os Evangelhos tornaram-se apócrifos. Esse é o salário de dois milênios de adulteração sádica e minuciosa, do ensino espiritual de Jesus de Nazaré.

Há homens de gênio, ninguém pode negá-lo, mesmo em meio às loucuras atuais. Os homens de gênio revolucionam a História. Muitos deles foram considerados como deuses. Essa é a técnica inconsciente de neutralizá-los, de afastar os pastores do rebanho. Conferir a alguém a divindade na Terra, é neutralizá-lo. Jesus de Nazaré não foi um deus, mas um gênio. Sua divindade não estava e não está nos bálsamos com que o ungiram no mundo, antes e depois da morte. Estava e está, na grandeza e na profundidade da sua visão do futuro, do seu conhecimento absoluto da natureza humana. Os gênios, como demonstraram Frederic Myers, Henry Sidgurick e Edmond Hurneym, em *A Personalidade Humana*, não são deuses mitológicos nem deuses-astronautas, mas criaturas humanas que desenvolveram suas potencialidades em alto grau. São arquétipos reais, modelos vivos do que todos nós poderemos ser, se orientarmos a nossa conduta pelo padrão flexível que eles nos oferecem. Mas a nossa miopia espiritual nos leva a esquematizar esses padrões luminosos em dogmáticas ossificadas. Não há exemplo maior e mais chocante dessa esquematização do que o crucifixo. Toda a leveza do espírito, toda a sutileza dos conceitos, toda a labilidade da Razão, se sedimentam nas duras e opacas representações materiais. Por isso, os hebreus perceberam que Deus não podia ser figurado por mãos humanas. Zoroastro indicou o fogo como única representação possível da Divindade e até mesmo a deusa Vesta reduziu o seu culto a uma chama permanente na ara do templo vazio, onde as vestais silenciosas velavam pela sua pureza.

A alegação de que dessa maneira negamos a divindade de Jesus procede do sectarismo arrogante, que se considera infalível em suas decisões e em seus conceitos. O conceito de divindade não se restringe a uma fórmula supostamente sagrada. Um espírito que, por sua evolução espiritual, supera a condição humana, diviniza-se. E como se poderia considerar Deus a um homem histórico, que se dizia filho de Deus como todos nós e acentuava ao mesmo tempo a sua condição de filho do homem? As pesquisas de Myers, Sidgurick e Gurney revelaram a dinâmica divina da intuição genial. A consciência subliminar guarda

toda a riqueza das experiências e conquistas das existências anteriores do Ser, no plano espiritual e no plano existencial. É a consciência destinada a funcionar após a morte. A consciência supraliminar se forma nas relações de cada existência e se aplica à vida terrena. Mas, como já vimos, o psiquismo é uno e existe sempre a relação entre as duas consciências. Basta o cintilar de uma idéia na consciência supraliminar para atrair ao seu plano o arquétipo oculto nas profundezas da consciência subliminar. A permeabilidade do limiar da consciência, dessa linha divisória que separa o passado do momento presente, permite a dinamização da mente atual pelas riquezas submersas de vivências anteriores. Assim, genialidade e divindade são fases distintas da evolução humana. O Gênio traz o seu lastro, o Ser Divino é atualização pura, desprovido de lastros ocultos, não sujeito à mecânica dos corpos carnis, onde a hierarquia das instâncias psicológicas da personalidade se alista às condições orgânicas de um processo fragmentário e relativo de percepção. Jesus de Nazaré, como demonstrou Kardec, só se mostrou como entidade super-humana após a ressurreição. Mas, assim mesmo, fez questão de mostrar que o seu corpo espiritual correspondia ao nosso, quer ceando na Estrada de Emaús com os discípulos que não o haviam reconhecido, quer fazendo Tomé tocar em suas mãos materiais, as chagas da crucificação, o que levou todos a pensarem que ele ressuscitara em seu próprio corpo material. Qual a instituição terrena que teria saber e autoridade para classificá-lo como uma espécie de instância da personalidade Divina? De onde veio essa autorização tardia, essa investidura divina?

Na era mitológica em que Jesus nasceu, a crença era imposta pela tradição e sob as ameaças supersticiosas. Não acreditar nos deuses, era desafiá-los e ficar sujeito às suas represálias terríveis. Jesus não se utilizou desses métodos de coação, nem autorizou ninguém a usá-los. Não obstante, as igrejas que se formaram em seu nome não conseguiram livrar-se do clima da época. O *credo quia absurdum* (Creio, mesmo que absurdo) foi instituído pela Igreja como uma forma típica de coação mitológica. E os que não aceitaram a eficácia dessa fórmula, apelando para os direitos

da Razão, foram racionalmente incinerados em vida, na pressuposição de que obteriam a glória da vida eterna. A Divindade de Jesus tornou-se um tabu agressivo origem de perseguições, maldições, torturas e mortes horripilantes. A Razão, transformada em mito vingativo, sancionava os decretos desumanos. Jesus ensinou que pelos frutos se conhece a árvore. Uma lição simplória, digna de um camponês da era agrária e não de gênio ou um deus, mesmo mitológico. Não obstante, uma lição apropriada à época e que até hoje a nossa civilização não aprendeu. Em nosso século, Gandhi, que não era cristão, depois de ler o Sermão da Montanha, perguntou a um missionário inglês, na Índia, como se explicava a contradição entre os frutos do Cristianismo em seu país e a árvore espiritual do Evangelho. A explicação não poderia ser dada pelo pastor, pois implicaria no aviltamento da Razão, pelas instituições humanas que se fizeram, por conta própria, herdeiras do Mestre.

Não há nenhuma possibilidade de se reajustar o Cristianismo oficializado pelo Império Romano ao Cristianismo espiritual de Jesus. A gigantesca estrutura da Igreja é o último resíduo do Império dos Césares. Só nos resta devolver a César o que é de César e dar a Deus o que é de Deus. A pré-ciência de Jesus confirma-se nesse momento crítico da evolução terrena. O Cristianismo marginal, como viu Stanley Jones, é o único que se aproxima do Cristianismo do Cristo.

Mas o que Stanley Jones queria dizer por Cristianismo marginal? Não seriam as numerosas seitas que enxameiam ao lado das Igrejas Católicas e Protestantes, pois todas elas estão carregadas de heranças judaicas e pagãs. Lembrando declaração semelhante do Rev. Haraldur Nilson, tradutor da Bíblia para o irlandês, em seu livro *O Espiritismo e a Igreja*, só podemos aplicar a expressão ao movimento espírita. Porque esse movimento livre não se converteu em igreja nem instituiu hierarquia clerical ou sacramentos em seu *culto pneumático*, dando continuidade natural ao culto apostólico. Além disso, o movimento espírita é o único a manter os princípios cristãos da reencarnação, da pluralidade dos mundos habitados, da encarnação natural de Jesus, da fé racional e assim por diante. Sobretudo, o princí-

pio espírita da caridade, de amor ao próximo e socorro aos necessitados, sem qualquer discriminação ou exigência de tipo sectário, é o que mais aproxima esse movimento do Cristianismo livre e sem compromissos mundanos, ensinado e exemplificado pelo Cristo. A ausência de resíduos mitológicos e mágicos, idolátricos e sincréticos, sob a orientação de uma doutrina racional e científica, dão ao movimento espírita, a posição de único desenvolvimento possível do Cristianismo primitivo. As objeções até agora levantadas contra essa posição decorrem de má fé ou ignorância. A mediunidade não é um resíduo mágico, mas a continuação esclarecida da tradição profética; o passe é a prática da imposição das mãos usada pelo Cristo e ensinada por ele aos Apóstolos; a água-fluídica se funda na teoria de absorção pela água de vibrações mentais. Todos esses processos, por sinal, estão hoje confirmados pelas pesquisas parapsicológicas dos fenômenos paranormais.

O problema da existência dos espíritos e sua possibilidade de influir nas atividades humanas, tão combatido e ridicularizado, também já foi solucionado positivamente pelas investigações científicas de psi, particularmente no tocante aos fenômenos teta. O que para a Ciência de ontem parecia simples alucinação, hoje constitui realidade comprovada em experiências de laboratório. Só as mentalidades rigidamente fechadas à investigação nesse campo, e por isso mesmo anticientíficas, dominadas por preconceitos e idiosincrasias – ou, como quer Remy de Chauvin, alérgicas ao futuro – tomam atitudes apaixonadas a respeito. Claro que não se pode impedir, no meio popular, a remanescência de resíduos supersticiosos nas práticas espíritas, mas isso se deve não só à ignorância do povo, como também, e principalmente, aos condicionamentos provindos dos meios religiosos tradicionais. No julgamento honesto da questão, esses condicionamentos não podem ser esquecidos, tanto mais que os espíritas conscientes dos princípios de sua doutrina, são os primeiros a condená-los e denunciá-los, como influências estranhas e prejudiciais. Não é estranho que o povo, simples e desprovido de recursos culturais, não consiga entender o sentido de uma doutrina poderosamente racional, cevado que foi, por milênios, na

irracionalidade das bênçãos e maldições em nome de Deus. Mas é profundamente estranho que homens de cultura, acostumados ao raciocínio lógico e científico, ciosos de sua cultura universitária, continuem a ruminar incongruências e a digerir, à força de enzimas artificiais, alimentos deteriorados pelos séculos. Essas criaturas, dominadas por um infantilismo alimentar, devem sofrer de insuficiência cerebral episódica, quando se vêem diante de problemas relacionados com o tabu do Sagrado. Tremem à simples visão de uma opa vermelha e o terror do pecado traumatiza-lhes a mente. São os principais responsáveis pelo atraso do povo, ainda apegado a práticas mágicas e supersticiosas, nesta hora de profunda renovação dos valores culturais.

O desconhecimento das questões religiosas pelo povo é perfeitamente justificável, quando sabemos que o povo esteve sempre alheio aos estudos especiais e secretos, reservados à formação do sacerdócio, intermediário exclusivo e divino entre os pobres de espírito e os magnatas da Sabedoria Absoluta. O povo foi sempre o rebanho, ameaçado em seus farrapos de ignorância pelos cajados de ouro dos pastores de Deus. Durante séculos, os homens do povo não tiveram sequer acesso à leitura dos textos evangélicos. Para evitar as interpretações perigosas, que geravam heresias capazes de levar multidões ululantes ao fogo eterno do Inferno, os homens do povo só deviam ouvir as interpretações dos pastores dotados de sabedoria infusa e do terrível poder das maldições e das excomunhões irreversíveis. O cheiro de enxofre do Diabo provocava desmaios nos castelos e nas choupanas e as pegadas do Caprípede marcavam os jardins da castelã e os trilhos do mato, que levavam a serviçal humilde e trêmula, que ia buscar a água pura da fonte. O terror do Maligno se emparelhava com o temor de Deus. As criaturas lançadas na Terra entre essas duas ameaças, igualmente apavorantes, carregam os seus traumas através das vidas sucessivas.

O problema dos Evangelhos, tornou-se uma fonte inexaurível de lendas absurdas. Até hoje, a crença geral é a de que os chamados Evangelhos Apócrifos, guardam segredos sobre a vida de Jesus que nunca serão revelados. Acredita-se que os Evangelhos Canônicos, os quatro Evangelhos conhecidos, foram seleciona-

dos milagrosamente para serem divulgados. Não obstante, os Evangelhos Apócrifos nada mais são do que cópias posteriores, acrescidos de lendas ridículas e sem nenhum valor histórico. Era tamanha a confusão no seio do povo, que o feitiço muitas vezes virava contra o feiticeiro.

Às vésperas da Era Cósmica, quando os homens já pisaram o chão da Lua, para espanto e pavor de tantas criaturas ingênuas, não é possível que homens de cultura superior e de inegável capacidade intelectual insistam na defesa de um acervo de erros e absurdos institucionalizados em nome de Deus. As reformas iniciadas no Cristianismo Oficial assustaram os fiéis, ao mesmo tempo provocaram reações nos clérigos leigos do meio universitário. Basta isso para se poder avaliar a deformação causada, não apenas no Cristianismo, mas também nas mentes que se entregaram no passado a essa tarefa inglória. Não se pode querer sanar essa situação alarmante através de medidas drásticas. Não se cura em alguns dias, meses ou anos, um mal de milênios. Mas os homens carregados de responsabilidade cultural estão no dever inalienável de rever suas posições e tratar de reparar os males cometidos. Justifica-se a ignorância do passado, mas não se pode justificar de maneira alguma a insistência, no presente, na sustentação desse clima de ignorância em torno de problemas fundamentais para toda a Humanidade. A inteligência tem os seus deveres a cumprir, especialmente em momentos como este que estamos vivendo. Cristãos de todas as denominações religiosas, não encaçados no cais da traição à verdade, estão sendo chamados a realizar, com urgência, a revisão necessária do Cristianismo, em defesa do Cristo traído e das multidões enganadas. E, além disso, em defesa e resguardo de suas próprias posições cristãs, porque as novas gerações que povoarão a Nova Terra e invadirão o Novo Céu do Apocalipse, não lhes perdoarão o erro fatal, cometido no passado e sustentado inexplicavelmente no presente. Jesus de Nazaré declarou certa vez, segundo relatam os Evangelhos, que todo pecado será perdoado ao homem, menos o pecado contra o espírito. Não importa a interpretação que se tenha dado a essa advertência, nos tempos de ignorância e terror. O necessário, agora, é reparar esse pecado capital contra o

Espírito do Senhor e do seu Evangelho. As pesquisas universitárias sobre as Origens do Cristianismo, realizadas por especialistas de competência e honestidade mundialmente reconhecidas, reuniram o acervo de provas necessárias à realização do grande empreendimento. Não são homens comprometidos com nenhuma seita ou religião cristã e com nenhuma posição anti-religiosa. Seus trabalhos exaustivos revelam a mais pura dedicação à verdade histórica. Não é possível desprezá-los sem graves consequências para o Cristianismo, cuja missão maior corresponde precisamente a esta hora de transição da apavorante Civilização Tecnológica para a Civilização do Espírito. As dimensões do mundo se ampliam, ante as novas e revolucionárias descobertas científicas. Verdades milenarmente ocultas nos encaram neste momento com olhos expectantes. Não há expectativa maior e mais apavorante do que a das vítimas soterradas no silêncio convencional dos milênios. Esta é a hora do Juízo Final, de todo um ciclo que os cúmplices e as testemunhas tenham a coragem de manifestar-se.

Matéria, Mito e Antimatéria

Na atual perspectiva científica, o Cristianismo aparece, historicamente, como o postulado da Ciência. Jesus de Nazaré postulou o conhecimento futuro de toda a realidade em que vivemos. Ensinou que essa realidade se estrutura em leis permanentes e invioláveis, que uma vez conhecidas, nos dariam o domínio do real. Se percebia os primeiros frêmitos da palingenesia, do nascimento de um novo mundo, como acentuou Guignebert, também anunciou a palingênese natural do morrer e renascer do homem, a estrutura cósmica das muitas *moradas*, as relações psicofísicas de alma e corpo, a flexibilidade da matéria considerada como densa e estática, a possibilidade de ação mental e psíquica sobre o corpo, a importância dos sentimentos e pensamentos no comportamento individual e social, o predomínio do espírito sobre o corpo e a existência do corpo espiritual, provando essa existência no ato da sua própria ressurreição. Sua posição não foi a de um místico apegado às esperanças do povo, mas a de um sábio que conhecia as leis da metamorfose universal das coisas e dos seres e nelas confiava. O seu ato de entrega à crucificação, à destruição da morte, para a ressurreição posterior, que de fato realizou-se, prova o seu conhecimento seguro e perfeito das leis psicobiofísicas, da realidade mitolizada pela ignorância do tempo. Sua previsão quanto à deturpação do seu ensino e a necessidade de seu restabelecimento futuro, e sua promessa de enviar no tempo devido o socorro espiritual para conduzir os homens a toda a verdade, demonstrava o seu conhecimento racional e seguro das leis da evolução natural e cultural.

Renan, Guignebert e todos os pesquisadores que se colocaram entre ambos, em nosso tempo, não compreenderam a amplitude da sua visão científica e histórica do mundo, porque só em nossos dias, essa visão começaria a ser compreendida, graças à revolução científica da atualidade. Essa a razão por que Guignebert entendeu que ele não se preocupava com o futuro longínquo. Mas foi fácil a Guignebert compreender que ele não pretendia

fundar nenhuma Igreja e nem mesmo reformar nenhuma religião, por isso ressaltava da lógica imediata da sua posição, que confirmava os anseios de transcendência humana, nas aspirações mal compreendidas e mitolizadas do povo judeu. Só o tempo poderia provar, como hoje prova, que a visão de Jesus não se restringia àquelas esperanças, mas a toda a verdade que iria surgir nos séculos posteriores ao seu ensino.

A própria natureza do Mito, que ele combatia, não poderia ser compreendida, sem o prévio e real conhecimento da natureza da matéria, que só agora se desvenda, pouco a pouco, aos olhos atônitos dos homens. Porque o Mito, como dissemos, é um produto do real, quando vislumbrado apenas em sua manifestação superficial. As afirmações anteriores das grandes correntes espiritualistas, segundo as quais a matéria era ilusória, só convenciam os homens de tendência mística. Era necessária a prova científica dessa realidade, para que os homens em geral comesçassem a compreender o sentido dessas afirmações. A matéria, como a víamos até fins do século passado, era mito e não realidade. O homem real, vivendo seu corpo material sobre a crosta sólida do planeta, morrendo e desaparecendo numa cova, nada tinha de real, era apenas uma criação imaginária, elaborada com os dados falsos dos nossos sentidos de percepção. E foi esse mito que os materialistas quiseram transformar na única realidade possível, menosprezando os que se recusavam a aceitá-lo. O *Mito da Matéria*, estranha entidade metafísica que subvertia a realidade e mostrava-se inteligente, ativo e dominador, como os mitos da Grécia e de Roma. Repudiando os deuses olímpicos, que eram figurações antropomórficas dos vários aspectos da Natureza, os cientistas erigiam a Matéria em Deusa Absoluta. Tudo procedia dela e sem ela nada existia. Daí a elevação do nosso sensório à categoria de medida do mundo, como quisera Protágoras, o sofista. O Espírito foi simplesmente caracterizado como um epifenômeno produzido pelos misteriosos e inexplicáveis poderes da Matéria.

Essa inversão total da realidade é típica do processo mitológico, no esforço de racionalização do mundo. A Razão, que era também definida como função cerebral, produzida pelas potên-

cias desconhecidas da caixa craniana, submetia-se à Deusa Matéria, usando os seus instrumentos de medida e peso para classificar o real e rejeitar o imaginário.

Basta esse rápido apanhado para nos mostrar que são formas de interpretação do mundo. E a validade dessas interpretações depende do grau de aproximação ao real que elas revelem. Não havendo nenhuma possibilidade de avaliação desse grau, no momento em que a interpretação se impõe coletivamente, seja como Mitologia ou como Ciência, ela se converte na realidade possível daquele momento histórico. Mas, no futuro, quando o desenvolvimento da Razão, na experiência, revelar as falhas e os enganos da interpretação, as revisões do conhecimento exigiram a reformulação da realidade suposta, em termos de atualização cultural. Jesus de Nazaré revelou pleno conhecimento desse processo, como se vê na parábola evangélica do fermento que leveda a massa de farinha. De maneira mais positiva, esse conhecimento transparece da promessa de restabelecimento dos seus ensinamentos no futuro, quando permitissem o esclarecimento de princípios incompreendidos ou mal interpretados.

A atividade de Jesus foi puramente didática e seus objetivos eram puramente éticos. Daí a razão porque Guignebert entendeu que ele não pretendia fundar nenhuma religião, nem reformar o Judaísmo. A verdade histórica confirma a primeira assertiva, mas não a segunda, pois Jesus, operando no meio judaico, teria de reformular, como realmente o fez, muitos conceitos do Judaísmo, destruindo alguns e formulando outros. Neste sentido ele foi, sem dúvida possível, um reformador do Judaísmo. A História da Igreja Primitiva mostra de sobejo, como se vê no *Livro de Atos*, a ação reformadora de Jesus, através dos seus apóstolos e discípulos. E nem podia ser de outra maneira, pois se Jesus simplesmente endossasse a posição judaica, nada teria feito de novo, nenhuma aproximação da realidade teria sido feita por ele. O exame crítico das origens do Cristianismo prova suficientemente que Jesus virou o Judaísmo pelo avesso, ampliando a Aliança a toda a Humanidade, com as devidas modificações de dogmas e conceitos.

Como sempre acontece nas fases críticas da evolução humana, as forças retrógradas, manifestadas em Jerusalém, encontraram na Europa o campo propício à organização de sua resistência. Não se trata de uma premeditação ou providência individual ou de grupos, mas da ação natural da lei de inércia, do instinto de conservação. A queda de Roma, com a invasão dos bárbaros, permitiu a ascensão da Igreja e o desenvolvimento do sistema medieval, em que, por todo um milênio, completou-se a desfiguração de Jesus e a deturpação do Cristianismo. Wilhelm Dilthey chamou a Idade Média de caldeirão. Nesse fervente caldeirão de paixões, ambições e loucuras, forjou-se a consciência do Ocidente, enquanto o Oriente tentava resistir em Bizâncio. Ainda hoje, encontramos nos intelectuais europeus constantes manifestações de uma nostalgia do Milenário, dessa horripilante fase de estagnação turbulenta, em que o arbítrio e a arrogância do Império morto se vestiu de púrpura para tentar deter a rota da História. Todos os formalismos pretensiosos, todas as disciplinas esmagadoras, todo o prestígio do Sagrado, ali se mesclaram e se entrecrocaram, numa aparência de unidade exterior que dava segurança aos que pactuavam com a volta a César. Desse chão fecundado pelo sangue dos inocentes e pelas lágrimas dos impotentes nasceu a floração bárbara das torturas e das matanças covardes, que se arrebetariam em frutos de destruição e morte, nas guerras mundiais do nosso tempo. É dessa amarga raiz que revelam estranha nostalgia intelectuais europeus, que sentem novamente a insegurança de suas posições e privilégios, nesta nova fase crítica da vida planetária.

Os ideais gregos de um mundo estético e ético, harmonioso e perfeito, redespertados na Renascença, abriram as possibilidades de revisão dos valores antigos, para a reformulação de utopias como a da República de Platão, ao mesmo tempo em que os sonhos do individualismo ateniense e as aspirações jônicas da busca da verdade incitavam a Ciência a romper os limites do mecanicismo auto-suficiente. Abriram-se as entranhas misteriosas da matéria e nela se reencontrou o espírito. Deu-se então início à revisão total às Ciências, num salto mortal às profundezas do infinitesimal e à essência do Ser e à imensidade do Cos-

mos. Os mitos morreram e a realidade se desdobrou em grandezas, até então inimagináveis. Foi esse o maior milagre do Cristo, produzido pelo poder do seu pensamento e da sua vontade, dois milênios após a sua derrota aparente nas mãos dos algozes judeus e romanos.

As atividades taumatúrgicas de Jesus, que os teólogos interpretaram como manifestações divinas e os cientistas contestaram como resíduos de baixa e antiga credence popular, nada mais eram do que a parte prática do seu ensino, demonstrações ilustrativas das potencialidades do espírito. Hoje, todo o acervo tantas vezes injuriado e caluniado das pesquisas espíritas, bem como das Ciências Psíquicas que nasceram delas, da Metapsíquica, e as conquistas científicas da Metapsíquica e da Parapsicologia, filhas confessas do Espiritismo, revelam-nos o sentido didático dos milagres de Jesus. E foram esses milagres, racionalmente opostos por Jesus aos prodígios e às trapaças dos antigos magos, que levaram os cientistas modernos a investigar corajosamente as potencialidades ocultas do homem. Kardec despojou os supostos milagres de sua aparência miraculosa. Para escândalo dos teólogos, clérigos e acadêmicos vestidos de pesados e ridículos fardões, Kardec exibiu o fato mediúnico em sua nudez total, como a Verdade recém-saída do fundo do poço. E o fez apoiado na taumaturgia do Cristo, na comparação dos atos de Jesus com os fatos em voga no seu tempo. Os verdadeiros cientistas, assim desafiados, não recusaram o revide, que lhe deram em termos científicos, através de pesquisas sérias e profundas. Sua posição científica era incontestável. Suas armas eram a Razão e a Pesquisa. Em nome do Cristo, não por delegação de qualquer Igreja, mas por consequência histórica, pela necessidade de ampliação do Conhecimento, do restabelecimento da Verdade no plano cultural, Kardec arrastou as Ciências para os abismos que ela temia. Desfez-se o Mito do Milagre, transformado em fenômeno científico. Reabriram-se as perspectivas do postulado cristão.

Hoje, os princípios fundamentais do ensino de Jesus se integram na realidade científica. Superada a barreira dos preconceitos, os dogmas da ignorância entraram em falência irreversível. Assistimos agora a um espetáculo grotesco. Os clérigos cristãos

aderem a Simão, o mago, empenhando-se numa batalha lucrativa, através de cursos e exposições de magia teatral (pagos a tanto por cabeça), na tentativa inútil de desmoralizar os cientistas e os avanços atuais de suas pesquisas. Apresentam-se como cientistas improvisados, com títulos que não possuem e nem podem possuir, pois suas próprias exposições de pelotiqueiros demonstram a sua incapacidade para compreender o assunto de que tratam, enquanto seu palavreado impróprio, suas explicações grosseiras e rebarbativas, sua absoluta falta de disciplina mental e de critério lógico, põem inevitavelmente a nu a sua insuficiência mental e cultural, o seu primarismo irreduzível. E enquanto isso as Igrejas se esvaziam, o materialismo avança nas sendas do desespero humano, a criminalidade individual e coletiva aumenta assustadoramente, os freios da moral se arrebentam ao impacto do erotismo e da alucinação dos tóxicos, a violência dos poderosos contra os inermes toma proporções diluvianas e o Cristianismo Oficial nada pode fazer de eficaz em favor do mundo, porque se divorciou de suas origens e se enleou precisamente nos interesses conflitivos do mundo. Não pode sequer provar ao homem desesperado que a morte é uma ilusão, porque as provas dessa realidade afetam a rede ilusória da sua dogmática envelhecida.

A descoberta científica da antimatéria seria suficiente para estourar todas as estruturas religiosas do Cristianismo dominante. Os próprios cientistas se aturdiram com ela e, a princípio, entenderam que havia Universos separados de matéria e antimatéria. Mas o avanço das pesquisas mostrou o contrário: que matéria e antimatéria se conjugam em forma de verso e reverso nas estruturas atômicas. A produção de partículas de antimatéria em laboratório e, por fim, a produção de um antiátomo de Hélio na URSS, revelaram a possibilidade da existência de Universos interpenetrados. Dois Universos diferentes, de estruturas contraditórias, podem coexistir num mesmo espaço, sem que um seja normalmente percebido pelo outro. É a prova científica da duplicidade do homem, que em si mesmo, é espírito e matéria, e da duplicidade do mundo, que, como dizia Talles de Mileto, “é cheio de deuses”. (E deuses, no seu tempo, eram espíritos, seres

de condição superior à humana). Se num mundo de antimatéria pode existir tudo quanto existe no mundo material, apenas em situações diferentes, e se esse mundo interpenetra o da matéria, torna-se explicável cientificamente a relação do chamado mundo dos mortos com o mundo dos vivos e vice-versa. Jesus ensinou que os mortos ressuscitam e podem comunicar-se com os vivos. E, como costumava fazer, provou essa verdade com a sua própria ressurreição. Mas o corpo ressuscitado de Jesus não tinha as mesmas condições do corpo carnal, embora pudesse aparentá-las. Esse corpo não estava sujeito às leis da matéria, podia aparecer e desaparecer de maneira estranha. O Apóstolo Paulo explicaria esse problema na sua I Epístola aos Coríntios: “Temos corpo animal e corpo espiritual; planta-se o corpo animal e ressuscita o espiritual. O corpo espiritual é o corpo da ressurreição”. Mas, como é feito esse corpo e de que elemento?

Físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, designados oficialmente para realizar pesquisas na Universidade de Kirov, no Cazaquistão, sobre a suposta existência de um corpo energético das plantas, dos animais e do homem, conseguiram provar a existência desse corpo. Graças às famosas câmaras Kirilian, de fotografias através de superfícies materiais imantadas com alta-freqüência elétrica, viram, fotografaram e filmaram esses corpos energéticos, nos três reinos mencionados. Verificaram mais, que esses corpos são constituídos de plasma físico (o quarto estado da matéria, descoberto pelo pesquisador espírita inglês, o físico William Crookes). O corpo bioplásmico é o corpo da vida. As pesquisas mostraram que no momento da morte o corpo bioplásmico se desprende do corpo material e este se transforma em cadáver. Detectores de pulsações biológicas provaram a continuidade do corpo bioplásmico após a morte física. É claro que essas pesquisas se tornaram perigosas para o Estado soviético, que se apóia na Filosofia materialista de Karl Marx. O Estado proibiu a exportação dessa descoberta perigosa e condenou os cientistas que a haviam feito. Mas duas pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall (Estados Unidos) já haviam tido acesso ao material das pesquisas e as divulgaram no livro *Descobertas Psíquicas Por Trás da Cortina de Ferro*, já traduzido e publica-

do no Brasil, pela Editora Cultrix, de São Paulo. Cabe agora aos cientistas ocidentais darem prosseguimento a essas pesquisas, o que certamente será feito. A vitória cristã, dentro da própria fortaleza soviética, prova mais uma vez a necessidade urgente da revisão cultural do Cristianismo em nosso tempo. Poderão as Igrejas do Cristianismo Oficial impedir o prosseguimento dessas pesquisas? Em nome de quem? De Jesus?

A descoberta do corpo bioplásmico e de suas funções vitais e organizadoras reduz o corpo material à condição de um robô biológico. Sem ele, o corpo somático não vive, não funciona. Os cientistas soviéticos se alegraram ao constatar que ele se constitui de um plasma físico, pois isso favorece a concepção materialista do homem. Mas foram forçados a reconhecer que na sua estrutura plásmica existem partículas diferenciadas que não puderam ser reconhecidas. A teoria espírita do corpo espiritual define esse corpo como semimaterial, constituído de energias físicas e energias de natureza extrafísicas ou espirituais. Foi por isso que Kardec recusou-lhe o nome tradicional de corpo espiritual, preferindo chamá-lo de perispírito, que equivale a envoltório do espírito, como o perisperma que envolve as sementes vegetais. Quanto às funções, o corpo bioplásmico se identifica inteiramente com o perispírito: é ele que dá vida ao corpo material, que o organiza segundo o seu modelo próprio, que rege todas as suas funções, mantém o seu equilíbrio orgânico e controla a sua higidez. Os cientistas soviéticos verificaram a existência, no corpo bioplásmico, de sinais que eles chamaram de hieróglifos luminosos e coloridos, que constituem uma espécie de código da saúde do organismo. Segundo eles, é possível obter-se, no exame desse código, como se faz no exame das correntes elétricas do cérebro, através do eletroencefalograma, as informações sobre o estado geral do organismo, com a previsão de desequilíbrios funcionais e doenças futuras. Disso resulta também a possibilidade de ação curativa através de processos energéticos, o que despertou o interesse dos cientistas pela antiga técnica chinesa da acupuntura. Também a ação da homeopatia e do hipnotismo se torna mais compreensível. Experiências realizadas nos Estados Unidos com animais, para verificar-se a

existência de força estruturadora, nas diversas regiões controladoras do corpo animal, deram resultados positivos. Pesquisas telepáticas provaram a possibilidade de ação mental, mesmo à distância, sobre disfunções orgânicas e doenças, inclusive infecciosas.

As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, libertaram a Psicologia da sujeição biológica, estabelecendo a distinção entre mente e cérebro. Whately Carington, da Universidade de Cambridge (Inglaterra), formulou a teoria das estruturas psicônicas, segundo a qual a mente não se constitui de matéria, mas átomos extrafísicos a que chamou de *psícons*. Os Profs. Pratt e Louise Rhine, da Universidade de Dukes (EUA), comprovaram a realidade dos *fenômenos teta*, de comunicação mediúnic. G. S. Soal, da Universidade de Londres, e Price, da Universidade de Oxford, comprovaram também a existência dessas comunicações. As gravações de vozes em fitas magnéticas, iniciadas na Suíça e hoje em estudo e pesquisa em todo o mundo, completam as provas científicas atuais da sobrevivência após a morte do corpo físico e da possibilidade de comunicações entre o mundo dos espíritos e o nosso mundo material. Essas aberturas científicas nos levam naturalmente de volta ao *culto pneumático* das origens cristãs, à taumaturgia de Jesus e dos apóstolos, aos fenômenos de aparições e transfigurações, como o do Tabor, relatado nos Evangelhos. Todo o quadro dos ensinamentos e das demonstrações didáticas de Jesus, rejeitado pelos cientistas como produto de antigas superstições, reaparece nas Ciências atuais através de processos tecnológicos de obtenção, verificação e controle. O problema da reencarnação tornou-se, também, uma questão científica, até mesmo na URSS, onde se destaca o nome do Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou.

A designação de antimatéria para as energias descobertas fora do campo atômico conhecido estabeleceram a diferenciação metodológica entre dois mundos. Mas a constatação posterior de que essas energias se conjugam com as da matéria, na constituição do Universo, restabeleceram a unidade conceitual e efetiva de um mundo só, dividido em campos diferenciados. Com isso, voltamos à teoria helenística de Plotino, sobre as hipóstases de

uma realidade universal única, mas diferenciada na sua estruturação. Para Plotino, a realidade se constituía de camadas superpostas ou planos de existência, que vão desde a matéria do nosso mundo até a antimatéria dos planos puramente espirituais. Admitia a reencarnação, como o trânsito constante dos seres através desses planos, e dava aos seres humanos a designação de *almas viajoras*. A teoria cristã dos três céus, a que Paulo se refere, compara-se à de Plotino. Em todos os tempos, os homens revelaram a percepção intuitiva dessa realidade múltipla, que atualmente as pesquisas científicas atuais estão comprovando de maneira positiva e rigorosa, graças às novas possibilidades de investigação.

A antimatéria se apresenta como uma espécie de réplica à matéria. As partículas atômicas, que constituem a matéria, têm suas réplicas em partículas semelhantes e contrárias a elas, como se fossem as suas imagens refletidas num espelho. Por exemplo, o elétron é um dos satélites que giram em torno do núcleo atômico. Essa partícula é dotada de carga negativa. Descobriu-se uma partícula semelhante a ela, mas dotada de carga positiva, à qual se chamou de próton. São consideradas partículas gêmeas ou reflexas. As partículas materiais e as de antimatérias só diferem entre si no tocante à carga, posição e velocidade. O espaço formado pelas partículas de antimatéria constitui um novo espaço, o que levou os físicos a reconhecerem a existência de outro espaço, no qual existe um outro mundo semelhante e contrário ao nosso. Esta é apenas uma explicação elementar, para dar aos leitores pouco informados a respeito a idéia de antimatéria. Esse paralelismo sugeriu a existência de mundos ou Universos paralelos no espaço cósmico, pois a produção de antipartículas em laboratório mostrou que o encontro de uma partícula com uma antipartícula resultava na explosão de ambas, que se convertiam em *raios gama*. Considerou-se impossível a existência simultânea de matéria e antimatéria num mesmo mundo. Mas a continuação das pesquisas modificou essa hipótese inicial. Passou-se a considerar a possibilidade de coexistência de espaços diferenciados, predominando, num deles, a matéria e, no outro, a antimatéria. Teríamos, então, os mundos interpenetrados da teoria espíri-

ta, com a diferenciação de planos, como nas hipóstases de Plotino ou como na tradição cristã dos céus superpostos. Recentemente os soviéticos anunciaram a produção de um antiátomo de Hélio em laboratório. O avanço da Física nesse terreno assemelha-se à epopéia da expansão marítima do século XVI. O mundo se alarga na proporção em que os navegadores avançam através dos mares misteriosos, desvendando os seus mistérios e descobrindo outras regiões povoadas. A descoberta do corpo bioplásmico vem completar essa imagem. O perispírito, ou corpo espiritual, poderia ser a forma corpórea da humanidade de um mundo de antimatéria. Cristo encarnado era um ser material da nossa condição humana. Cristo desencarnado, em sua ressurreição, um ser espiritual, cujo corpo se assemelhava ao que deixara na Terra, mas estruturado ao inverso do outro. A morte não nos aniquila, apenas nos transforma (trans-forma), nos passa de uma forma a outra e de um plano existencial a outro, na dinâmica ainda mal conhecida da realidade em que vivemos.

Todo esse problema, como vimos, ressalta dos ensinamentos e das demonstrações práticas de Jesus de Nazaré. Mas só agora os homens estão se tornando capazes de, como Tomé, tocar com os dedos as chagas do seu corpo ressuscitado, em que o corpo morto se reflete como a imagem invertida das partículas atômicas. Como poderiam as Igrejas Cristãs enfrentar esta hora de transformação de um novo mundo, sob a carga mágica e mitológica dos seus dogmas e sacramentos? A grandeza conceitual do Cristianismo do Cristo não cabe no diminuto espaço das mentes atulhadas de resíduos mágicos e míticos. Temos de fazer, com urgência, a revisão de nossas posições cristãs. Os astronautas já avançam no espaço cósmico, os cientistas mergulham sem escafandro nas profundezas do Poço da Verdade, dispostos a trazê-la nua e pura à superfície do planeta, calcinado pelo fogo da mentira, da ambição e da impiedade. Esta é uma hora de reflexão, entre as imagens refletidas nos espelhos da História.

FIM